



O AMERICANO TRANQUILO

GRAHAM GREENE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Graham Greene

O Americano Tranquilo

Título original

The Quiet American

Tradução de

Brenno Silveira

Meus caros RENÉ e PHUONG:

Pedi permissão para dedicar-lhes este livro não apenas como recordação das noites felizes que passei com vocês em Saigon, durante os últimos cinco anos, mas, também, porque tomei emprestado, com inteira desfaçatez, o apartamento de ambos para alojar um de meus personagens, bem como o seu nome, Phuong, tendo em vista a conveniência dos leitores, por ser ele simples, belo e fácil de pronunciar, o que não ocorre com todos os nomes de mulher de suas compatriotas. Vocês perceberão que pouco mais tomei emprestado, e, muito menos, os caracteres de outras pessoas do Vietnam. Pyle, Granger, Fowler, Vigot, Joe — estes não tiveram originais na vida de Saigon ou Hanói, e o General Thé está morto: baleado pelas costas, segundo dizem. Mesmo os acontecimentos históricos foram reordenados. A grande bomba de perto do Continental, por exemplo, foi antes e não depois das bombas das bicicletas. Não tive escrúpulos quanto a essas pequenas modificações. Isto é uma novela e não um trecho de história, e espero que, como uma novela acerca de uns poucos personagens imaginários, vocês a acharão passável, numa noite quente de Saigon.

Afetuosamente,

GRAHAM GREENE

*Não gosto de deixar-me levar pelo sentimento
Pois a vontade é excitada;
E a ação é uma coisa sumamente perigosa.
Tremo ao pensar em algo artificial,
Em alguma conduta imprópria do coração
e num procedimento indevido.
Temos tanta tendência para essas coisas,
com as nossas terríveis noções de dever.*

A. H. CLOUGH

*Esta é a época patente de novas invenções
Para matar os corpos e salvar as almas,
Tudo propagado com a melhor das intenções.*

Byron

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Depois do jantar, fiquei à espera de Pyle em meu quarto, que dava para a Rua Catinat. Ele me dissera: “Estarei com você, o mais tardar, ali pelas dez horas”, e, ao soar meia-noite, já não me foi possível permanecer tranqüilo, e desci a rua. Muitas mulheres idosas, de calças compridas pretas, se achavam de cócoras no patamar: era fevereiro e creio que fazia muito calor para que estivessem na cama. Um condutor de *trishaw* pedalava lentamente em direção ao rio, e pude ver lâmpadas acesas no lugar em que haviam sido desembarcados os novos aviões americanos. Não havia sinal de Pyle em parte alguma da longa rua.

Naturalmente, disse com meus botões, ele poderia ter sido retido, por algum motivo, na Legação Americana, mas, nesse caso, teria telefonado, com toda a certeza, para o restaurante, pois era muito metucioso quanto ao que se referia a pequenas delicadezas. Voltei-me para entrar, quando vi uma jovem à espera, junto à porta contígua. Não podia ver-lhe o rosto, mas apenas as calças compridas, de seda branca, e a longa túnica florida, mas isso me bastou para que a reconhecesse. Justamente àquela hora, e naquele mesmo lugar, ela esperava muitas vezes que eu voltasse para casa.

— Phuong! — exclamei (Phuong significa Fênix, mas, hoje em dia, nada é fabuloso e nada renasce das próprias cinzas). Sabia, antes mesmo que ela mo dissesse, que estava à espera de Pyle. — Ele não está aqui.

— *Je sais. Je t 'ai vu seul à lafenêtre.*^[1]

— É melhor você esperar lá em cima. Ele não tardará.

— Posso esperar aqui.

— É melhor subir. A polícia poderia apanhá-la.

Ela me seguiu escada acima. Pensei em vários gracejos irônicos e desagradáveis que eu poderia fazer, mas nem o seu inglês nem o seu francês teriam sido suficientes para que ela compreendesse a ironia e, por estranho que parecesse, eu não sentia desejo algum de feri-la, nem de ferir a mim mesmo. Quando chegamos ao patamar, todas as velhas voltaram a cabeça e, logo que passamos, suas vozes se elevaram e tornaram a baixar, como se estivessem cantando juntas.

— Que é que elas estão dizendo?

— Pensam que voltei para casa.

No meu quarto, a árvore que eu armara algumas semanas antes, para o Ano Novo chinês, já havia perdido quase todas as suas flores amarelas. Suas pétalas haviam caído entre as teclas da minha máquina de escrever. Eu as tirei.

— *Tu es troublé*^[2] — disse Phuong.

— Ele não costuma fazer isso. É um homem extremamente pontual.

Tirei a gravata e os sapatos e deitei-me. Phuong acendeu o fogão a gás e pôs-se a ferver a água para o chá. Aquilo podia estar acontecendo seis meses antes.

— Ele me disse que você, agora, já está para partir — disse ela.

— Talvez.

— Ele gosta muito de você.

— Agradeço-lhe — respondi.

Notei que ela estava penteando o cabelo de outro modo, deixando que caísse, negro e liso, sobre os ombros. Lembrei-me de que Pyle, certa vez, criticara o penteado complicado que ela julgava apropriado para a filha de um mandarim. Fechei os olhos e ela se tornou novamente o que costumava ser: o chiado do vapor, o tilintar de xícara, uma certa hora da noite e a promessa de repouso.

— Ele não tardará — disse ela, como se eu precisasse de conforto devido à ausência de Pyle.

Perguntei a mim mesmo o que fariam eles quando estavam juntos: Pyle era muito fervoroso em suas opiniões, e eu sofreria com suas preleções sobre o Extremo Oriente, que ele conhecera durante tantos meses quantos eram os anos que eu contava de vida. A democracia era um de seus temas, e alimentava, ainda, pronunciadas e irritantes opiniões sobre o que os Estados Unidos estavam fazendo a favor do mundo. Phuong, por outro lado, era maravilhosamente ignorante: se o nome de Hitler surgisse numa conversa, ela a interromperia para perguntar quem era ele. A explicação tomar-se-ia mais difícil ainda, pois jamais encontrara um alemão ou um polaco, e era o mais vago possível o seu conhecimento da geografia da Europa, embora a respeito da Princesa Margaret soubesse, sem dúvida, mais do que eu. Ouvi quando ela colocou a bandeja na extremidade da cama.

— Ele ainda a ama, Phuong?

Trazer uma anamita para a cama com a gente é como apanhar um pássaro: elas pipilam e cantam em nosso travesseiro. Houve um

tempo em que eu pensava que nenhuma de suas vozes cantava como a de Phuong. Estendi a mão e toquei-lhe o braço: seus ossos também eram tão frágeis como os de um pássaro.

— Ainda. Phuong?

Ela riu e ouvi quando riscou um fósforo.

— Se me ama?

Talvez aquela fosse uma das frases que ela não entendia.

— Posso preparar seu cachimbo? — perguntou.

Quando abri os olhos, ela já havia acendido a candeia e a bandeja já estava preparada. A luz da candeia dava-lhe à pele uma cor de âmbar escuro, enquanto ela se debruçava sobre a chama com ar de concentração, aquecendo a pequena pasta de ópio e mexendo-a com a agulha.

— Pyle ainda não fuma? — perguntei-lhe.

— Não.

— Você deveria fazer com que fumasse; do contrário, ele não voltará.

Havia, entre elas, a superstição de que um amante que fumasse voltaria sempre, mesmo da França. A capacidade sexual de um homem poderia ser prejudicada pelo ópio, mas elas prefeririam sempre um amante fiel a um amante potente. Agora ela estava amassando a bolotinha da pasta quente na beira convexa do forninho e eu podia sentir o cheiro do ópio. Não há cheiro como esse. Ao lado de minha cama, o despertador marcava meia-noite e vinte, mas minha tensão já se havia dissipado. Pyle diminuía de importância. A candeia alumiaava-lhe o rosto, enquanto ela cuidava do longo

cachimbo, inclinada sobre ele com a séria atenção que poderia ter dado a uma criança. Eu gostava do meu cachimbo: mais de dois pés de bambu reto, com ambas as extremidades de marfim. Dois terços abaixo estava o forninho, com um convólculo em sentido contrário, as bordas convexas polidas e escurecidas pelo amassar freqüente do ópio. Com um movimento rápido de pulso, ela enfiou a agulha na minúscula cavidade, soltou o ópio e virou o forninho sobre a chama, segurando para mim o cachimbo preparado. Quando aspirei, a bolotinha de ópio chiou suavemente.

Os que têm prática em aspirar, podem inalar de uma vez todo um cachimbo, mas eu sempre tinha de tirar várias baforadas. Depois, tornei a deitar, com a nuca sobre a almofada de couro, enquanto ela preparava um segundo cachimbo.

— Como você bem sabe, tudo está perfeitamente claro — disse eu. — Não há motivo algum para que nos preocupemos. Absolutamente nenhum.

Tomei um gole de chá, conservando a mão em seu braço.

— Quando você me deixou — prossegui —, tive a sorte de poder voltar-me para isto. Há uma boa casa na Rua D'Ormay. Que barulhão nós europeus fazemos por nada. Você não devia viver com um homem que não fuma, Phuong.

— Mas ele vai casar comigo. Agora falta pouco.

— Claro, isso é outro assunto.

— Preparo outro cachimbo?

— Sim.

Perguntei a mim mesmo se ela consentiria em dormir comigo

aquela noite, se Pyle não viesse, mas sabia que, depois de fumar quatro cachimbos, eu já não a desejaria. Claro que seria agradável sentir-lhe a coxa a meu lado na cama, pois ela dormia sempre de costas, e quando eu despertasse, pela manhã, poderia começar o dia com um cachimbo, ao invés de o fazer com a minha própria companhia.

— Pyle já não virá. Fique aqui, Phuong.

Ela estendeu-me o cachimbo e abanou a cabeça. Depois de já haver aspirado o ópio, sua presença ou sua ausência pouco me importavam.

— Por que Pyle não está aqui? — perguntou ela.

— Como é que posso saber?

— Ele foi ver o General Thé?

— Eu não o saberia.

— Ele me disse que, se pudesse jantar com você, viria aqui.

— Não se preocupe. Ele virá. Prepare-me outro cachimbo.

Quando ela se inclinou sobre a chama, veio-me à mente o poema de Baudelaire: “*Mon enfant, ma soeur...*” Como é que continuava?

“Aimer à loisir,

Aimer et mourir

Au pays que te ressemble. “[3]

Nas docas dormiam os navios, “dont l’atmosphère est vagabonde”. Pensei que, se lhe cheirasse a pele, ela teria uma fragrância muito ligeira de ópio, e que sua cor era a de pequenina chama. Eu vira as

flores de suas vestes ao longo dos canais, no norte: ela era nativa como uma erva, e eu jamais quis voltar para casa.

— Quem me dera ser Pyle — disse em voz alta, mas a dor era limitada e suportável: o ópio se encarregava disso.

Alguém bateu à porta.

— Pyle — disse ela.

— Não. Não é a sua maneira de bater.

Alguém bateu de novo, com impaciência. Ela ergueu-se rapidamente, fazendo estremecer a árvore amarela, cujas pétalas caíram de novo sobre a minha máquina. A porta abriu-se.

— Monsieur Foulair — disse, imperiosa, uma voz.

— Chamo-me Fowler — respondi.

Eu não ia levantar-me por causa de um policial; podia ver-lhe os *shorts* caqui sem erguer a cabeça.

Ele explicou, num francês quase ininteligível do Vietnam. que necessitavam da minha presença imediatamente, sem perda de tempo, incontinenti. na Sureté.

— Na Sureté francesa ou do Vietnam?

— Francesa.

Na sua boca. a palavra soava como “françosa”.

— O que que há?

Ele não sabia; recebera ordens para levar-me até lá.

— *Toi aussi* — acrescentou, dirigindo-se a Phuong.

— Diga *vous* quando se dirigir a uma senhora — disse-lhe eu. —

Como é que sabia que ela estava aqui?

Ele apenas repetiu que estava cumprindo ordens.

— Irei amanhã cedo.

— *Sur le chung* — disse, conciso, obstinado, o homenzinho.

De nada valia discutir, de modo que me levantei e pus a gravata e os sapatos. Ali a polícia tinha a última palavra: podia cassar minha ordem de circulação, podia impedir meu comparecimento a conferências de imprensa, podia mesmo, se quisesse, negar-me autorização para deixar o país. Esses eram os métodos legais correntes, mas a legalidade não era coisa essencial num país em guerra. Conheci um homem que, súbita e inexplicavelmente, perdera o seu cozinheiro: descobrira que o haviam levado à Sureté do Vietnam, mas, lá, os funcionários lhe asseguraram que o haviam posto em liberdade depois de interrogá-lo. Sua família nunca mais o viu: talvez houvesse se unido aos comunistas; talvez houvesse se alistado num dos exércitos privados que medraram em torno de Saigon — os Hoa-Hao, ou os caodaístas, ou o General Thé. Talvez estivesse numa prisão francesa. Talvez estivesse alegremente fazendo dinheiro com as raparigas de Cholon, o subúrbio chinês. Talvez tivesse fraquejado quando o interrogaram.

— Não vou andar a pé. Vocês têm de me pagar um *trishaw*.

A gente tinha de manter a dignidade.

Foi por isso que recusei o cigarro que o funcionário francês me ofereceu na Sureté. Depois de três cachimbos, sentia o espírito claro e alerta; podia tomar tais decisões sem perder de vista a questão principal: que é que eles querem de mim? Encontrara Vigot diversas vezes, em festas, antes daquela noite: chamou-me a atenção porque

parecia incongruentemente apaixonado pela esposa, uma loira artificial, vulgar, que o ignorava. Agora, eram duas horas da madrugada e ele estava sentado, cansado e deprimido, em meio do pesado calor e do fumo dos cigarros, com uma viseira verde sobre os olhos e um volume de Pascal aberto sobre a mesa, para matar o tempo. Quando me recusei a permitir que ele interrogasse Phuong a sós, cedeu incontinenti, lançando um único suspiro, que poderia ter representado o fastio que lhe causavam Saigon, o calor e toda a condição humana.

— Lamento tê-lo convidado a vir até aqui — disse, em inglês.

— Não fui convidado. Fui intimado.

— Oh, esses policiais nativos!... Eles não compreendem.

Seus olhos estavam pousados sobre uma página de *Les Pensées*, como se ele ainda estivesse absorto naqueles tristes argumentos.

— Queria fazer-lhe algumas perguntas... sobre Pyle.

— Seria melhor que as fizesse a ele.

Voltou-se para Phuong e interrogou-a, rispidamente, em francês:

— Há quanto tempo vive com Monsieur Pyle?

— Um mês... não sei bem — respondeu ela.

— Quanto foi que ele lhe pagou?

— O senhor não tem o direito de fazer-lhe tal pergunta — disse eu. — Ela não está à venda.

— Ela vivia com o senhor, não vivia? — perguntou, abruptamente. — Durante dois anos.

— Sou um correspondente a quem compete escrever sobre essa guerra dos senhores... quando os senhores o permitem. Não me peçam para colaborar também em suas páginas de escândalo.

— Que é que sabe a respeito de Pyle? Por favor, responda às minhas perguntas, Monsieur Fowler. Não me agrada fazê-las. Mas isto é sério. Peço-lhe que acredite que é muito sério.

— Não sou um delator. O senhor já sabe tudo o que posso dizer-lhe sobre Pyle. Trinta e dois anos, funcionário da Missão de Ajuda Econômica, nacionalidade americana.

— O senhor me parece amigo dele — disse Vigot, voltando o olhar para Phuong.

Um policial nativo entrou trazendo três xícaras de café.

— Ou talvez o senhor preferisse chá? — perguntou Vigot.

— Sou amigo dele — respondi. — Por que não? Algum dia voltarei para casa, não voltarei? Não posso levá-la comigo. Ela estará bem em companhia dele. É um arranjo razoável. Ele vai casar com ela, segundo diz. E bem poderia fazê-lo, como o senhor sabe. É um bom sujeito, à sua maneira. Sério. Não como aquela corja ruidosa do Continental. É um americano tranqüilo.

Definia-o, assim, com precisão, como poderia ter dito “um lagarto azul”, “um elefante branco”.

— Sim — disse Vigot, que parecia estar procurando, em sua mesa, para o que queria dizer, palavras tão precisas como as que eu acabara de proferir. — Um americano muito tranqüilo.

Estava ali sentado, em seu pequeno e quente gabinete, à espera de que um de nós falasse. Um mosquito zumbiu, pronto para o

ataque, e eu observei Phuong. O ópio faz com que a gente fique ágil de espírito — talvez somente porque acalma os nervos e tranqüiliza as emoções. Phuong, pensei, não percebera o tom do comissário, melancólico e final, pois seu inglês era muito mau. Enquanto estava lá sentada, na dura cadeira da Sureté, esperava ainda pacientemente por Pyle. Àquela altura, eu já renunciara à espera — e podia ver que Vigot considerava esses dois fatos.

— Como foi que o encontrou pela primeira vez? — perguntou Vigot.

De que maneira explicar-lhe que fora Pyle que me conhecera? Vira-o, em setembro, atravessar a praça em direção ao bar do Continental: um rosto inconfundivelmente jovem e pouco comum lançou-se a nós como um dardo. Com suas pernas compridas, seu ar de marinheiro e seu olhar de atleta universitário, parecia incapaz de qualquer mal. As mesas da rua estavam quase todas cheias.

— Permite-me? — perguntara ele, com séria cortesia. — Chamo-me Pyle. Sou novo aqui.

E sentara-se desengonçadamente. pedindo uma cerveja. Olhei, então, rapidamente, para o violento clarão que, em pleno dia, iluminara o céu.

— Foi uma granada? — perguntou ele, animado e esperançoso.

— É mais provável que tenha sido o escapamento de um automóvel — respondi.

E, súbito, tive pena de seu desapontamento. A gente esquece muito depressa a própria juventude: eu antes me interessara pelo que, à falta de um termo melhor, a gente chama de notícias. Mas as granadas tinham se tornado, para mim, uma coisa rançosa; eram

algo cuja lista aparecia na última página do jornal local: tantas, a noite passada, em Saigon, tantas em Cholon. Não chegavam nunca à imprensa européia. Rua acima, vinham as figuras encantadoras e corriqueiras: as calças compridas de seda branca, as longas túnicas cor-de-rosa, com desenhos cor de malva estendendo-se à altura da coxa; observava-as com a saudade que eu sabia que iria sentir quando deixasse para sempre aquelas regiões.

— São encantadoras, não são? — disse-lhe por cima da cerveja, e Pyle lançou-lhes um olhar rápido, enquanto subiam a Rua Catinat.

— Oh, sem dúvida — respondeu com indiferença pois era um tipo sério. — O Ministro está muito preocupado com essas granadas. Seria muito embaraçoso, diz ele, se houvesse um acidente — com um de nós, quero dizer.

— Com um dos senhores? Sim, creio que seria sério. O Congresso não gostaria.

Por que é que a gente gosta de caçar dos ingênuos? Talvez, dez dias antes, ele estivesse atravessando o Com-mon, em Boston, sobraçando um monte de livros que estivera lendo, com antecedência, sobre o Extremo Oriente e os problemas da China. Nem sequer ouviu o que eu disse: já estava absorvido pelos dilemas da Democracia e pelas responsabilidades do Ocidente. Estava resolvido — eu o soube logo — a praticar o bem, não a favor de determinadas pessoas, mas de um país, um continente, um mundo. Bem estava agora em seu elemento, com todo um universo para aperfeiçoar.

— Ele está no necrotério? — perguntei a Vigot.

— Como é que sabia que ele estava morto?

Era uma pergunta tola, indigna de um policial que lia Pascal, indigna, também, do homem que amava tão estranhamente a esposa. Não se pode amar sem intuição.

— Não sou culpado — respondi.

E disse a mim mesmo que aquilo era verdade. Acaso Pyle não agia sempre à sua maneira? Procurei descobrir algum sentimento em mim, mesmo um ressentimento ante a suspeita de um policial, e não encontrei nenhum. Ninguém, salvo Pyle, era responsável. Acaso não estamos todos melhor depois de mortos? — raciocinou, dentro de mim, o ópio. Mas olhei cautelosamente para Phuong, pois aquilo era duro para ela. Ela devia tê-lo amado à sua maneira: não gostara de mim e não me abandonara por causa de Pyle? Agarrara-se à juventude, à esperança e à seriedade, e elas, agora, lhe haviam falhado mais do que a idade e o desespero. Estava ali sentada a olhar para nós dois, e pensei que ela ainda não havia compreendido. Talvez fosse uma boa coisa se eu pudesse levá-la embora antes que o fato chegasse ao seu conhecimento. Eu estava pronto a responder a quaisquer perguntas, se pudesse fazer com que a entrevista chegasse pronta mas ambigualmente ao fim, de modo que eu pudesse contar-lhe tudo mais tarde, em particular, longe dos olhos de um policial, das duas cadeiras da chefatura e da lâmpada nua em torno da qual giravam mariposas.

— Quais as horas em que o senhor está interessado? — perguntei a Vigot.

— Entre seis e dez.

— Às seis, tomei um drinque no Continental. Os garçons se lembrarão. Às seis e quarenta e cinco, segui, a pé, até as docas, para

ver o descarregamento dos aviões americanos. Avistei-me com Wilkins, da Associated News, à porta do Majestic. Depois, entrei no cinema ao lado. Eles provavelmente se lembrarão, pois tiveram de arranjar-me troco. De lá, tomei um *trishaw* e segui para o Vieux Mou-lin, onde cheguei, creio eu, cerca das oito e trinta — e lá jantei só. Granger lá estava: o senhor poderá perguntar-lhe. Depois, quando faltava um quarto para as dez, aproximadamente, tomei um *trishaw*, de volta para casa. O senhor, provavelmente, poderá encontrar o seu condutor. Estava à espera de Pyle, às dez horas, mas ele não apareceu.

— Por que é que estava à espera dele?

— Ele telefonou-me. Disse que precisava ver-me a respeito de algo importante.

— Tem alguma idéia do que se tratava?

— Não. Tudo era importante para Pyle.

— E esta moça que vivia com ele? Sabe onde ela se encontrava?

— Estava à espera dele, na rua, à meia-noite. Achava-se ansiosa. Ela não sabe de coisa alguma. Então o senhor mesmo não pode ver que ela ainda o está esperando?

— Posso.

— Onde foi que o senhor o encontrou?

— Na água, debaixo da ponte para Dakow.

O Vieux Moulin ficava ao lado da ponte. Havia polícia armada na ponte e o restaurante tinha uma grade de ferro com proteção contra granadas. Era perigoso atravessar a ponte à noite, pois todo o lado oposto do rio ficava, depois do anoitecer, nas mãos dos homens

do Vietminh. Eu devia ter jantado a uns cinqüenta metros de seu corpo.

— A complicação toda — disse eu — foi ele ter-se metido nisso.

— Para falar com franqueza, não lamento inteiramente o que aconteceu — respondeu Vigot. — Ele estava causando muitos males.

— Deus nos livre sempre dos ingênuos e dos bons.

— Dos bons?

— Sim, bom. Bom à sua maneira. O senhor é católico romano, e, assim, não compreenderia sua maneira de agir. Mas, de qualquer modo, ele era um perfeito ianque.

— O senhor se importaria de identificá-lo? Lamento-o muito. É uma questão de rotina, embora não muito interessante.

Não me dei ao trabalho de perguntar por que é que ele não esperava alguém da Legação Americana — pois sabia a razão. Os métodos franceses são um tanto antiquados, comparados aos nossos frios padrões: eles acreditam na consciência, no senso de culpa e, assim, um criminoso deve ser colocado diante de seu crime, pois pode fraquejar e trair-se. Enquanto descíamos os degraus de pedra que conduziam ao subsolo, onde zuniam os motores de refrigeração, disse a mim mesmo que eu estava inocente.

Puxaram-no para fora com uma bandeja de cubos de gelo, e eu o olhei. O congelamento dava perfeita consolidação aos ferimentos.

— Como vê, eles não se reabrem na minha presença.

— *Comment?*

— Não é esse um dos objetivos? Provação desta ou daquela maneira? Mas os senhores o congelaram demais. Não havia tais

congelamentos na Idade Média.

— O senhor o reconhece?

— Oh, sem dúvida.

Ele parecia, mais do que nunca, fora de lugar. Devia ter ficado em casa. Via-o num álbum de instantâneos de família, montado a cavalo num rancho destinado a turistas, tomando banho de mar em Long Island, fotografado com seus colegas em algum apartamento de décimo terceiro andar. Ele pertencia ao arranha-céu e ao elevador expresso, aos sorvetes e aos martínis secos, ao leite no almoço e aos sanduíches de galinha no Merchant Limited.

— Ele não morreu disso — disse Vigot, indicando um ferimento no peito. — Foi asfixiado na lama. Encontramos lama em seus pulmões.

— Os senhores trabalham depressa.

— É preciso, neste clima.

Empurraram para dentro a bandeja e fecharam a porta. As guarnições de borracha amorteceram a batida.

— O senhor poderá, de algum modo, ajudar-nos? — perguntou Vigot.

— De modo algum.

Caminhei para o meu apartamento em companhia de Phuong — e já não mantinha mais a minha dignidade. A morte afasta a vaidade — mesmo a vaidade de marido enganado que não deve mostrar a sua dor. Ela ainda não havia percebido o que acontecera, e eu não dispunha de nenhuma técnica para dizer-lhe lenta e delicadamente. Eu era um correspondente: raciocinava em manchetes.

“Funcionário Americano Assassinado em Saigon”. Trabalhando-se num jornal não se aprende a maneira de dar más notícias, e mesmo então tive de pensar em meu jornal e perguntar a Phuong:

— Você não se importa de parar um pouco no telégrafo?

Deixei-a na rua, enviei meu telegrama e voltei para ela. Aquilo era apenas um gesto: sabia muito bem que os correspondentes franceses já teriam sido informados ou, se Vigot tivesse agido com lisura (o que era possível), então os censores reteriam o meu telegrama até que os franceses houvessem enviado os seus. Meu jornal receberia a notícia com data de Paris. Não que Pyle fosse muito importante. Mas não convinha telegrafar os pormenores de sua verdadeira carreira — dizendo que, antes de morrer, ele havia sido responsável pelo menos por cinquenta mortes —, pois isso comprometeria as relações anglo-americanas, e o Ministro ficaria contrariado. O Ministro tinha grande respeito por Pyle. Pyle fizera um belo curso de... bem, uma dessas matérias em que os americanos podem diplomar-se: relações públicas ou técnica teatral, ou talvez, mesmo, estudos sobre o Extremo Oriente (pois lera grande quantidade de livros).

— Onde está Pyle? — perguntou Phuong. — Que é que eles queriam?

— Vamos para casa.

— Pyle virá?

— Há tanta probabilidade de que venha ao apartamento como a qualquer outra parte.

As velhas ainda tagarelavam no patamar, na noite relativamente fria. Quando abri a porta, tive quase a certeza de que o meu quarto

havia sido revistado: tudo estava mais em ordem do que nunca.

— Outro cachimbo? — perguntou Phuong.

— Sim.

Tirei a gravata e os sapatos; o interlúdio terminara: a noite era quase a mesma que antes. Phuong abaixou-se junto à cama e acendeu o fogo. *Mon enfant, ma soeur* — pele cor de âmbar. *Sa douce langue natale.*

— Phuong — disse-lhe eu, enquanto ela amassava o ópio no forninho. — *Il est mort, Phuong.*

Com a agulha na mão, ergueu os olhos para mim como uma criança que procura concentrar-se franzindo a testa.

— *Tu dis?*

— *Pyle est mort. Assassiné.*

Largou a agulha e sentou-se de novo sobre o calcanhar. Não houve cenas, nem lágrimas, mas apenas pensamento — o longo e íntimo pensamento de alguém que tem de modificar todo um curso de vida.

— É melhor você passar a noite aqui.

Ela aquiesceu com um aceno de cabeça e, retomando a agulha, começou a aquecer de novo o ópio. Aquela noite, despertei de um dos curtos sonos de ópio, de dez minutos, que parecem toda uma noite de repouso, e encontrei minha mão onde ela sempre ficava à noite: entre suas pernas. Ela dormia e eu mal podia ouvir-lhe a respiração. Uma vez mais, depois de tantos meses, eu não estava só e, no entanto, pus-me a pensar subitamente com raiva, lembrando-me de Vigot com sua viseira no posto policial, dos tranqüilos

corredores da Legação, em que não havia ninguém, e da suave pele de Phuong em minha mão. Seria eu a única pessoa que realmente se interessava por Pyle?

CAPÍTULO II

(1)

Na manhã em que Pyle chegou à praça em que ficava o Continental, eu já estava farto de meus colegas de imprensa americanos, grandes, ruidosos, infantis e de meia-idade, cheios de piadas rançosas sobre os franceses, que estavam, afinal de contas, lutando naquela guerra. Periodicamente, depois que um combate havia sido terminado com todo o cuidado e os mortos eram removidos da cena, eles eram convocados para Hanói, numa distância de quase quatro horas de vôo, ouviam o discurso do comandante-chefe, passavam a noite no alojamento destinado à Imprensa, cujo *barman*, segundo se vangloriavam, era o melhor da Indochina, voavam sobre o campo de batalha a mil metros de altitude (limite máximo de uma metralhadora pesada de longo alcance) e, depois, eram trazidos de volta com toda a segurança, ruidosamente, como para um divertimento de colegiais, ao Hotel Continental, em Saigon.

Pyle era tranqüilo, parecia modesto. Às vezes, naquele nosso primeiro encontro eu tive de inclinar-me sobre a mesa, para ouvir o que ele estava dizendo. E era muito, muito sério. Parecia, em certos momentos, encolher-se ante o barulho da Imprensa Americana, no terraço acima — o terraço que se considerava, popularmente, seguro contra granadas de mão. Mas ele não criticava ninguém.

— Já leu York Harding? — perguntou.

— Não. Creio que não. Que é que ele escreveu?

Ele fitou a leiteria do outro lado da rua e disse, com ar sonhador:

— Aquilo parece uma boa *soda-fountain*.

Pensei na profunda saudade que devia estar atrás daquela estranha escolha, entre tantas coisas que ele poderia observar num cenário tão pouco familiar. Mas acaso não havia eu, no meu primeiro passeio pela Rua Catinat, observado primeiro as lojas com perfumes de Guerlain, confortando-me com a idéia de que, afinal de contas, a Europa estava apenas a trinta horas de distância? Afastou relutantemente o olhar da leiteria e disse:

— York escreveu um livro intitulado *O Avanço da China Vermelha*. É um livro muito profundo.

— Não o li. O senhor conhece o autor?

Acenou solenemente e mergulhou no silêncio. Mas quebrou-o um momento depois, para modificar a opinião que causara.

— Não o conheço bem. Creio que o encontrei uma única vez.

Gostei dele por isso — por achar que era uma jactância afirmar que conhecia... — como era mesmo o nome? — York Harding. Eu iria ficar sabendo, mais tarde, que ele tinha imenso respeito pelo que chamava de escritores sérios. Esse termo excluía novelistas, poetas e autores teatrais, a menos que tratassem de temas contemporâneos, como ele dizia, mas mesmo assim era melhor ler-se a coisa diretamente, vinda de York.

— Como o senhor sabe — disse-lhe eu —, quando a gente vive num lugar muito tempo, deixa de ler a respeito dele.

— Claro que sempre gosto de saber o que o homem que se acha no local tem a dizer a respeito — respondeu cautelosamente.

— Para confrontar, depois, com York?

— Exatamente.

Talvez houvesse notado a ironia, pois acrescentou com sua polidez habitual:

— Consideraria um grande privilégio se o senhor tivesse tempo de me instruir sobre os pontos principais. York esteve aqui há mais de dois anos.

Gostei de sua lealdade para com Harding — fosse quem fosse esse tal Harding. Aquilo era muito diferente das difamações do pessoal da Imprensa e de seu imaturo cinismo.

— Tome outra cerveja e procurarei dar-lhe uma idéia de como são as coisas.

Enquanto ele me fitava intensamente, como um aluno que fosse o primeiro da classe, comecei por explicar-lhe a situação no norte, em Tonkin, onde os franceses, naqueles dias, se agarravam ao delta do Rio Vermelho, que continha Hanói e o único porto setentrional, Haiphong. Lá se cultivava o arroz, e, quando a colheita estava terminada, recomeçava sempre a batalha anual pelo arroz.

— Essa, a situação no norte — disse eu. — Os franceses podem agüentar-se, pobres diabos, se os chineses não vierem ajudar o Vietminh. Uma guerra em meio da selva, em montanhas e em pântanos, em arrozais onde se penetra com água até os ombros e onde o inimigo simplesmente desaparece, enterra suas armas, veste roupas de camponês ... Mas a gente pode apodrecer

confortavelmente na umidade de Hanói. Lá, eles não lançam bombas. Só Deus sabe por quê. Podia-se chamar a isso uma guerra regular.

— E aqui, no sul?

— Os franceses controlam as estradas principais até as sete horas da noite; depois dessa hora, controlam as torres de observação e as cidades — parte das cidades. Isso não quer dizer que se esteja seguro, ou que não haja grades de segurança diante dos restaurantes.

Quantas vezes não tinha eu explicado tudo isso antes! Eu era um disco que se punha sempre em movimento em benefício dos recém-chegados: o visitante que era membro do Parlamento, o novo ministro inglês. Às vezes, eu despertava no meio da noite dizendo: “Veja, por exemplo, o caso dos caodaístas”. Ou dos Hoa-Hao. ou dos Binh Xuyen, ou de todos os exércitos privados que vendiam seus serviços por dinheiro ou vingança. Os forasteiros achavam tais exércitos pitorescos, mas não havia nada de pitoresco na traição e na desconfiança.

— E, agora, há o General Thé — disse eu. — Ele era o chefe do Estado-Maior caodaísta, mas seguiu para as montanhas a fim de combater contra ambos os lados — os franceses e os comunistas...

— York escreveu que o de que o Oriente precisava era de uma Terceira Força — disse Pyle.

Talvez eu devesse ter visto o lampejo fanático, a rápida resposta a uma frase, o som mágico dos números: Quinta Coluna, Terceira Força, Sétimo Dia. Teria poupado a todos nós, mesmo a Pyle, grandes complicações, se tivesse percebido a direção a que se

encaminhava aquele cérebro jovem e infatigável. Mas eu o deixei com os áridos ossos da educação que lhe haviam ministrado e encetei meu passeio diário pela Rua Catinat. Ele teria de aprender por si mesmo a verdadeira experiência, que se agarra à gente como um odor: as douradas plantações de arroz sob um sol tardio e horizontal; os frágeis guindastes dos pescadores pairando sobre os campos como mosquitos; as chávenas de chá num velho terraço abacial, com sua cama e seus calendários comerciais, seus baldes, xícaras quebradas e as quinquilharias de toda uma existência reunidas em torno de sua cadeira; os chapéus em forma de molusco das moças a reparar uma estrada em que explodiu uma mina; as vestes douradas e verdes, e brilhantes, do sul, e, ao norte o marrom carregado, os tecidos negros, o círculo de montanhas inimigas e o zunir de aviões. Quando cheguei pela primeira vez. contava os dias de minha permanência no país como um colegial que conta os dias do ano letivo: pensava que me achava ligado ao que restava de uma Praça Bloomsbury e aos setenta e três ônibus que passavam pelo pórtico de Euston, bem como à primavera na Praça Torrington local. Agora, as lâmpadas estariam apagadas no jardim da praça — e isso pouco me importava. Desejava um dia assinalado por aqueles rápidos estampidos que podiam ser escapamentos de automóveis ou granadas; desejava conservar a visão daquelas figuras de longas calças de seda, movendo-se com graça em meio do úmido calor do meio-dia; desejava Phuong, e o meu lar havia mudado o seu terreno para oito mil milhas de distância.

Dobrei a esquina junto à residência do Alto Comissário, onde a Legião Estrangeira montava guarda com seus quepes brancos e suas dragonas escarlates, passei pela Catedral e segui ao longo do

sombrio muro da Sureté do Vietnam, que parecia cheirar a urina e a injustiça. E, não obstante, aquilo também era uma parte de casa, como as passagens escuras, nos andares superiores, que a gente evitava na infância. As novas revistas pornográficas estavam expostas nas bancas perto do cais — *Tabu e Ilusion* —, e os marinheiros bebiam cerveja na calçada, um alvo fácil para uma bomba feita em casa. Pensei em Phuong, que estaria regateando o preço do peixe na terceira rua à esquerda, antes de passar, depois das onze horas, pela leite-ria (naqueles dias, sabia sempre onde ela estava), e Pyle me saiu fácil e naturalmente do espírito. Nem sequer falei dele a Phuong, quando nos sentamos para almoçar em nosso quarto que dava para a Rua Catinat. Naquele dia, Phuong vestia a sua melhor túnica florida, pois fazia dois anos menos um dia que nos havíamos conhecido no Grand Monde, em Cholon.

(2)

Nenhum de nós se referiu a ele quando acordamos, na manhã seguinte à sua morte. Phuong levantara antes que eu estivesse inteiramente desperto, e já tinha o nosso chá preparado. A gente não sente ciúme dos mortos, e pareceu-me fácil, aquela manhã, recomeçar nossa vida.

— Você ficará aqui esta noite? — perguntei a Phuong, enquanto nos servíamos de *croissants*, da maneira mais casual que me foi possível.

— Terei de ir buscar meu baú.

— A polícia poderá estar lá — respondi. — É melhor que eu vá com você.

Isso foi quase tudo o que falamos sobre Pyle aquele dia.

Pyle tinha um apartamento numa vila nova, perto da Rua Duranton, ao largo de uma daquelas ruas principais que os franceses subdividiam continuamente em honra de seus generais — de modo que a Rua de Gaulle se transformava, depois da terceira rua transversal, em Rua Leclerc, sendo que esta, também, mais cedo ou mais tarde, acabaria, com toda a certeza, por se tornar, abruptamente, Rua de Lattre. Alguém importante devia estar chegando da Europa por via aérea, pois, de vinte em vinte metros, havia um policial com o rosto voltado para o meio da rua, ao longo de todo o caminho que conduzia à residência do Alto Comissário.

No caminho coberto de cascalho, que ia ter ao apartamento de Pyle, havia várias motocicletas e um policial nativo examinou meu cartão de imprensa. Não permitiu que Phuong entrasse na casa, de modo que fui à procura de um oficial francês. No banheiro de Pyle, Vigot lavava as mãos com o sabonete de Pyle — e enxugou-as na toalha de Pyle. Seu costume tropical estava manchado de óleo na manga — óleo de Pyle, creio eu.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Encontramos o automóvel na garagem. Sem gasolina. Deve ter saído ontem à noite de *trishaw* ou no automóvel de alguém. Talvez a gasolina tenha sido retirada.

— Ele poderia mesmo ter saído a pé — comentei. — O senhor sabe como os americanos são.

— Seu carro foi queimado, não foi? — prosseguiu ele, pensativo.

— O senhor não tem um novo?

— Não.

— Este não é um ponto importante.

— Efetivamente.

— Tem alguma opinião a respeito?

— Opiniões demais — respondi.

— Conte-mas.

— Bem, ele poderia ter sido assassinado pelo Viet-minh. Eles têm assassinado muita gente em Saigon. Seu corpo foi encontrado no rio, junto à ponte que conduz a Dakow: território do Vietminh quando sua polícia se retira à noite. Ou poderia ter sido assassinado pela Sureté do Vietnam... como já tem acontecido. Talvez eles não gostassem de seus amigos. Talvez tenha sido morto pelos caodaístas porque conhecia o General Thé.

— Conhecia?

— Assim o dizem. Talvez tenha sido morto pelo General Thé porque conhecia os caodaístas. Talvez, pelos Hoa-Hao, por tentar conquistar as concubinas do general. Talvez, apenas, por alguém que queria o seu dinheiro.

— Ou por um simples caso de ciúmes — disse Vigot.

— Ou talvez pela Sureté francesa — prossegui —, porque eles não gostavam das pessoas com quem ele mantinha contato. O senhor está realmente procurando a gente que o matou?

— Não — respondeu Vigot. — Estou apenas fazendo um relatório, nada mais. Em se tratando de um ato de guerra... bem.

milhares de pessoas são mortas todos os anos.

— Pode excluir-me disto — disse eu. — Não estou envolvido no caso. — E repeti: — Não estou envolvido.

Aquilo vinha sendo um artigo do meu credo. Sendo a condição humana como é, eles que lutassem, que amassem, que assassinassem. Eu não me envolveria. Meus camaradas jornalistas diziam-se correspondentes; eu preferia o título de repórter. Escrevia o que via: não tomava nenhuma ação — pois mesmo uma opinião é uma espécie de ação.

— Que é que está fazendo aqui?

— Vim buscar as coisas de Phuong. Sua polícia não a deixou entrar.

— Bem. vamos procurá-las.

— Isso é amável de sua parte, Vigot.

Pyle tinha dois quartos, uma cozinha e um banheiro. Dirigimo-nos ao quarto. Eu sabia onde Phuong guardaria o seu baú: embaixo da cama. Puxamo-lo juntos para fora: continha seu álbum de fotografias. Tirei do guarda-roupa as peças esparsas de sua indumentária, suas duas boas túnicas e suas calças compridas. Tinha se a impressão de que estavam ali penduradas havia apenas algumas horas — de que não pertenciam ao ambiente: estavam de passagem, como uma borboleta num quarto. Numa gaveta, encontrei suas pequenas calças triangulares e sua coleção de echarpes. Havia realmente muito pouco para colocar no baú — menos do que os pertences de um visitante de fim de semana em nossos países.

Na sala de estar, havia uma fotografia dela e de Pyle. Tinham sido fotografados no Jardim Botânico, ao lado de um grande dragão de pedra. Ela segurava, por meio de uma correia, o cachorro de Pyle — um chou negro, de língua negra. Um cachorro excessivamente negro. Pus a fotografia no baú.

— Que aconteceu ao cachorro? — perguntei.

— Não está aqui. Talvez Pyle o houvesse levado consigo.

— É possível que volte. e os senhores poderão analisar a terra de suas patas.

— Não sou Lecoq. ou mesmo Maigret, e há uma guerra em curso.

Aproximei-me da estante e examinei as duas fileiras de livros — a biblioteca de Pyle. *O Avanço da China Vermelha*, *O Desafio à Democracia*, *O Papel do Ocidente*. Ali, estavam, creio eu, as obras completas de York Harding. Havia uma pilha de Relatórios do Congresso, um vocabulário vietnamita, uma história da guerra nas Filipinas, uma edição de Shakespeare da Modern Library. Com o que descansava ele? Encontrei, noutra estante, suas leituras leves: uma edição de bolso de Thomas Wolfe e uma antologia misteriosa chamada *The Triumph of Life*, além de uma coletânea de poetas americanos. Havia também um livro sobre problemas de xadrez. Não parecia muito para o fim de um dia de trabalho, mas afinal de contas, ele tivera Phuong. Enfiado atrás da antologia, havia um volume, em brochura, intitulado *A Fisiologia do Casamento*. Talvez estivesse estudando assuntos sexuais, como estudara o Oriente, no papel. E a palavra-chave era casamento. Pyle acreditava que devia envolver-se nos acontecimentos.

Sua mesa estava inteiramente nua.

— O senhor fez uma limpeza completa — comentei.

— Oh! — exclamou Vigot. — Tive de encarregar-me disso em nome da Legação Americana. O senhor bem sabe com que rapidez os rumores se espalham. Poderia haver pilhagem. Fiz lacrar todos os papéis.

Disse isso seriamente, sem sorrir.

— Alguma coisa comprometedora?

— Não podemos permitir-nos encontrar algo comprometedor quando se trata de um aliado — respondeu Vigot.

— O senhor se importaria se eu levasse um destes livros... como lembrança?

— Olharei para o outro lado.

Escolhi *O Papel do Ocidente*, de York Harding. e o pus no baú com as roupas de Phuong.

— Como amigo, há alguma coisa que me pudesse dizer em confiança? — perguntou Vigot. — Meu relatório já está elaborado. Ele foi assassinado pelos comunistas. Talvez o começo de uma campanha contra a ajuda americana. Mas, aqui entre nós, que tal, para “molharmos” esta conversa, um vermute *cassis* ali na esquina?

— Muito cedo.

— Ele não lhe fez nenhuma confidencia, na última vez que o viu?

— Não.

— Quando foi isso?

— Ontem pela manhã. Depois da grande explosão.

Fez uma pausa para que minha resposta mergulhasse... em meu espírito, não no dele — pois que estava me interrogando com franqueza.

— O senhor estava fora quando ele o procurou ontem à noite?

— Ontem à noite? Devo ter estado. Não pensei que...

— Talvez o senhor deseje um “visto” de saída. Sabe que poderíamos fazer com que demorasse indefinidamente.

— Acredita realmente que desejo voltar para o meu país? — perguntei.

Vigot olhou, através da janela, o dia claro e límpido. E disse, tristemente:

— A maioria das pessoas o deseja.

— Gosto daqui. Em meu país há... problemas.

— *Merde!* — exclamou Vigot. — Aí está o Adido Econômico americano. — E repetiu, com sarcasmo: — Adido Econômico.

— Melhor fazer-me ao largo. Ele poderá querer lacrar-me também.

— Desejo-lhe que seja feliz — disse ele, desanimado. — Ele terá muitas coisas para dizer-me.

O Adido Econômico estava de pé junto a seu Pack-ard, tentando explicar algo ao chofer. Era um homem robusto, de meia-idade, de nádegas exageradas e um rosto que parecia não ter tido nunca a necessidade de uma navalha.

— Fowler — chamou-me ele. — Poderia explicar a este maldito

chofer...

Expliquei.

— Mas foi justamente isso que eu lhe disse, mas ele sempre finge que não compreende francês.

— Pode ser uma questão de sotaque.

— Estive três anos em Paris. Meu sotaque é bastante bom para esses malditos vietnamitas.

— A voz da Democracia — disse eu.

— O que é isso?

— Espero que seja um livro de York Harding.

— Não o compreendo — disse ele, lançando um olhar desconfiado ao baú que eu carregava. — Que é que você tem aí?

— Dois pares de calças compridas de seda. duas túnicas de seda, e algumas calcinhas de mulher... três pares, creio eu. Todos eles produtos nativos. Sem ajuda americana.

— Você esteve lá em cima?

— Estive.

— Ouviu as notícias?

— Ouvi.

— É uma coisa terrível — disse ele. — Terrível.

— Espero que o Ministro esteja muito preocupado.

— Eu diria que sim. Está, neste momento, com o Alto Comissário, e já solicitou uma entrevista com o Presidente.

Pôs a mão em meu braço e me afastou dos carros.

— Você conhecia bem o jovem Pyle, não? Não me conformo que uma coisa dessas haja acontecido com ele. Conheci o pai dele, Professor Harold C. Pyle. Já ouviu falar nele?

— Não.

— É autoridade mundial em erosão subaquática. Não viu sua fotografia na capa do Time, o mês passado?

— Oh, creio que me lembro. Uma montanha a desmoronar-se no segundo plano e uns óculos com aro de ouro no primeiro.

— Exatamente. Tive de redigir o telegrama. Foi terrível. Amava esse rapaz como se fosse meu filho.

— Isso o associa intimamente ao pai dele. Pousou em mim os olhos úmidos.

— Que é que há com você? Isso não é maneira de falar quando um belo rapaz...

— Desculpe-me — respondi. — A morte surpreende os indivíduos de maneiras diversas.

Talvez ele gostasse realmente de Pyle.

— O que foi que você disse em seu telegrama? — perguntei.

Respondeu sério, literalmente:

— “Pesaroso comunicar seu filho morreu como um soldado pela causa da Democracia”. Foi assinado pelo Ministro.

— “Morreu como um soldado...” Não acha que isso poderia causar um pouco de confusão? Quero dizer, para o pessoal lá nos Estados Unidos. Missão de Ajuda Econômica não soa como “Exército”. Vocês recebem *Purple Hearts*?

— Ele tinha deveres especiais — respondeu em voz baixa, tensa de ambigüidade.

— Oh, sim, todos nós o imaginávamos.

— Ele não falou a respeito, pois não?

— Oh, não. — E ocorreu-me a frase de Vigot: — Ele era um americano muito tranqüilo.

— Você tem alguma suspeita quanto ao motivo por que o mataram? E quem o matou?

Senti-me, súbito, zangado. Estava cansado de todos eles, com os seus armazenamentos privados de Coca-Cola, seus hospitais portáteis, suas ambulâncias e suas armas não muito modernas.

— Sim — respondi. — Mataram-no porque ele era muito ingênuo para viver. Era jovem, ignorante e estúpido e deixou-se envolver. Como qualquer um de vocês, ele pouco sabia a respeito de toda esta questão, e vocês deram-lhe dinheiro, livros de York Harding sobre o Oriente e disseram-lhe: “Avante. Conquiste o Oriente para a Democracia”. Ele nunca viu coisa alguma de que não tivesse ouvido falar num salão de conferências, e seus autores e suas conferências transformaram-no num tolo. Quando via um cadáver, não tinha coragem sequer de ver os ferimentos. Uma ameaça vermelha, um soldado da Democracia.

— Pensei que você fosse amigo dele — disse-me em tom de censura.

— Era, *era* seu amigo. Teria gostado de vê-lo em casa, lendo os suplementos dominicais e seguindo o beisebol pelo rádio. Teria gostado de vê-lo em segurança ao lado de uma garota americana

padronizada, assinante do Livro do Mês.

Ele pigarreou, embaraçado.

— Eu tinha esquecido, certamente, aquele assunto lamentável. Fiquei inteiramente do seu lado, Fowler. Ele procedeu muito mal. Não me importo de dizer-lhe que tive uma longa conversa com ele a respeito da moça. Como vê, eu tinha a vantagem de conhecer o professor e a Sra. Pyle...

— Vigot está à sua espera — respondi, deixando-o.

Notou, então, a presença de Phuong e, quando o olhei de novo, ele me observava com penalizada perplexidade: um eterno irmão mais velho que não compreendia.

CAPITULO III

(1)

A primeira vez que Pyle encontrou Phuong foi também no Continental, talvez dois meses após a sua chegada. Foi pouco depois do anoitecer, na fresca momentânea que se fazia logo que o sol se punha e os lampiões eram acesos nas tendas das ruas transversais. O dado chocalhava nas mesas em que os franceses jogavam *quatre-vingt-un* e as jovens de longas calças de seda branca pedalavam as bicicletas de volta a suas casas, pela Rua Catinat. Phuong tomava uma laranjada e eu bebia uma cerveja, ambos em silêncio, contentes de estarmos ali sentados juntos. Foi então que Pyle se aproximou, hesitante, e que eu os apresentei. Ele tinha uma maneira de fitar uma jovem como se jamais houvesse visto uma moça, corando logo depois.

— Pensei que o senhor e esta senhora talvez nos dessem o prazer de passar para a nossa mesa. Um de nossos *attachés*...

Era o Adido Econômico. Ele nos sorriu, radiante, do terraço acima — um largo sorriso cordial, cheio de confiança, como um homem que conservava seus amigos porque usava os desodorizantes adequados. Ouvi, várias vezes, chamarem-no de Joe, mas jamais lhe soube o nome. Transformou num espetáculo ruidoso o ato de puxar cadeiras e chamar o garçom, embora toda aquela atividade não pudesse produzir senão uma escolha entre

cerveja, conhaque com soda ou vermute *cassis*.

— Não esperava vê-lo aqui, Fowler — exclamou. — Estamos à espera de que os rapazes cheguem de Hanói. Parece que houve lá uma grande batalha. Você não estava com eles?

— Estou cansado de voar quatro horas só para participar de uma conferência de imprensa — respondi.

Olhou-me com ar de desaprovação.

— Esses rapazes são vivos — comentou. — Creio que poderiam, tanto nos negócios como no rádio, ganhar, sem qualquer risco, o dobro do que ganham.

— Talvez tivessem de trabalhar.

— Eles parecem farejar um combate como os cavalos de batalha — prosseguiu ele, sem dar atenção às palavras de que não gostava.

— Bill Granger, por exemplo: é impossível afastá-lo de uma escaramuça.

— Espero que tenha razão. Vi-o, uma destas noites, no bar do Sporting.

— Você sabe muito bem que não me referia a isso.

Dois condutores de *trishaw* desceram a Rua Catinat pedalando furiosamente e pararam, com grande precisão, diante do Continental. No primeiro estava Granger. O outro continha um homenzinho prostrado, cor de cinza, mudo, que Granger começou a puxar para a calçada.

— Oh, vamos, Mick, vamos — disse ele. Depois, pôs-se a discutir o preço com o condutor.

— Aqui está. Se quiser receber, muito bem — e atirou ao chão uma quantia cinco vezes maior para que o homem apanhasse.

O Adido Econômico comentou, nervosamente:

— Acho que esses rapazes merecem um pouco de descanso.

Granger lançou o seu fardo sobre uma cadeira. Depois, notou Phuong.

— Joe, meu velho safado! Onde foi que você a encontrou? Não sabia que você usava um apito. Desculpem-me, mas tenho de encontrar a lata.

— Maneiras rudes de soldado — disse eu.

— Não os teria convidado, se soubesse que... — juntou Pyle vivamente, enrubescendo de novo.

O fardo cinzento mexeu-se na cadeira e a cabeça caiu sobre a mesa. como se não estivesse ligada ao tronco. Soltou um suspiro — um longo e assobiado suspiro de infinito tédio — e ficou imóvel.

— Você o conhece? — perguntei a Pyle.

— Não. Não é um dos rapazes da Imprensa?

— Ouvi quando Bill o chamou de Mick — disse o Adido Econômico.

— Não há um novo correspondente da United Press?

— Não é ele. Eu o conheço. E a sua Missão Econômica? Você não pode conhecer todos eles: são às centenas.

— Não creio que pertença à Missão — disse o Adido Econômico.

— Não consigo reconhecê-lo.

— Poderíamos verificar o seu cartão de identidade — sugeriu

Pyle.

— Pelo amor de Deus. não o acorde. Um bêbado já é bastante. De qualquer modo, Granger deverá conhecê-lo.

Mas não o conhecia. Voltou radiante do lavatório.

— Quem é a garota? — perguntou soturnamente.

— A Srta. Phuong é uma amiga de Fowler — respondeu Pyle, seco. — Queremos saber quem...

— Onde foi que ele a encontrou? A gente precisa ter cuidado nesta cidade — e acrescentou, com ar sombrio: — Graças a Deus, existe a penicilina.

— Bill — disse o Adido Econômico —. queremos saber quem é Mick.

— Vejam se vocês descobrem.

— Mas você o trouxe aqui.

— Os franceses não sabem tomar uísque. Ele perdeu os sentidos.

— Ele é francês? Pensei que você o chamou de Mick.

— Tinha de chamá-lo de alguma maneira — respondeu Granger. E, inclinando-se para Phuong. acrescentou: — Você, aí. Toma outra laranja? Tem algum encontro para esta noite?

— Ela tem um encontro todas as noites — disse eu.

O Adido Econômico perguntou, apressadamente:

— Como vai a guerra. Bill?

— Grande vitória a noroeste de Hanói. Os franceses reconquistaram duas aldeias que jamais nos disseram que haviam

perdido. Grandes baixas entre os Vietminh. Os franceses não tiveram tempo de contar suas baixas, mas seremos informados dentro de uma ou duas semanas.

— Há rumores de que tropas do Vietminh penetraram em Phat Diem, incendiaram a catedral, expulsaram o bispo — informou o Adido Econômico.

— Eles não nos diriam isso em Hanói. Isso não é uma vitória.

— Uma de nossas unidades médicas não pôde ir além de Nam Dinh — disse Pyle.

— Você não chegou a ir até lá, Bill? — perguntou o Adido Econômico.

— Quem é que você pensa que eu sou? Sou apenas um correspondente com uma *Ordre de Circulation* que mostra quando se encontra fora de limites. Eu vôo para o aeroporto de Hanói. Eles nos dão um carro até o Acampamento de Imprensa. Arranjam um vôo sobre as duas aldeias que haviam capturado e mostram-nos a tricolor tremulando ao vento. Daquela altura, bem podia ser qualquer outra bandeira. Temos, depois, uma Conferência de Imprensa e um coronel nos explica o que foi que estivemos vendo. Depois, enviamos nossos telegramas, através do censor. Depois tomamos uns drinques. O melhor *barman* da Indochina. Depois tomamos o avião de volta.

Pyle contraiu o sobrolho diante de sua cerveja.

— Você subestima os seus méritos, Bill — disse o Adido Econômico. — Ora, aquela descrição da Estrada 66... como foi que você a chamou? O Caminho do Inferno. Isso merecia o prêmio Pulitzer. Você sabe a que história me refiro: à do homem com a

cabeça decepada ajoelhado no fosso, e aquele outro que você viu a caminhar como se estivesse sonhando...

— Acredita realmente que me aproximei daquela estrada fedorenta? Stephen Crane conseguiu descrever uma guerra sem nunca ter visto guerra alguma. Por que é que eu não poderia fazê-lo? Afinal de contas, isto não é mais do que uma maldita guerra colonial. Dêem-me mais um drinque. E vamos, depois, arranjar uma garota. Vocês já arranjaram um rabo de saia. Eu também quero um rabo de saia.

— Acha que há alguma coisa de verdadeiro nos boatos acerca de Phat Diem? — perguntei a Pyle.

— Não sei. Isso é importante? Se for importante, gostaria de dar uma olhada.

— Importante para a Missão Econômica?

— Oh, bem — respondeu ele —, a gente não pode traçar limites demasiado rígidos. A medicina é uma espécie de arma, não é? Esses católicos seriam bastante duros com os comunistas, não seriam?

— Eles comerciam com os comunistas. O bispo recebe dos comunistas as suas vacas e o bambu para as suas construções. Eu não diria que eram exatamente a Terceira Força a que se refere York Harding — gracieji.

— Vamos parar com isso — gritava Granger. — Não podemos desperdiçar a noite toda aqui. Estou de saída para a Casa das Quinhentas Jovens.

— Se o senhor e Miss Phuong jantassem comigo.. — disse Pyle.

— Vocês podem comer no Chalet — interrompeu Granger —.

enquanto eu ponho por terra as jovens no quarto contíguo. Vamos embora, Joe. Afinal de contas, você é um homem.

Penso que foi então, enquanto eu refletia sobre o que era um homem, que senti, pela primeira vez, afeto por Pyle. Ele estava sentado com as costas um tanto voltadas para Granger, revirando sua caneca de cerveja, com uma expressão de determinado alheamento.

— Suponho que a senhorita esteja cansada de tudo isto... de seu país, quero dizer — disse ele a Phuong.

— *Comment?*

— Que é que vamos fazer com Mick? — perguntou o Adido Econômico.

— Deixá-lo aqui — respondeu Granger.

— Você não pode fazer isso. Nem sequer sabe como ele se chama.

— Podíamos levá-lo conosco e deixar que as garotas se encarregassem dele.

O Adido Econômico deu uma grande gargalhada comunal. Parecia um rosto na televisão.

— Vocês, jovens, podem fazer o que lhes apetece, mas eu já estou muito velho para brincadeiras. Eu o levarei para casa. Você não disse que ele era francês?

— Ele falava francês.

— Se vocês puderem colocá-lo em meu carro...

Depois que ele se foi, Pyle tomou um *trishaw* em companhia de

Granger, e Phuong e eu seguimos pelo caminho que conduz a Cholon. Granger tentara entrar no *trishaw* com Phuong, mas Pyle fê-lo tomar outra direção. Enquanto éramos pedalados pela estrada suburbana, rumo à cidade chinesa, uma fila de carros blindados franceses passou por nós, cada qual com o seu canhão a sobressair da blindagem e o seu oficial, silencioso e imóvel, como uma figura de proa sob as estrelas e o céu negro, côncavo e suave: novas complicações, provavelmente com algum exército privado, os Binh Xuyen, os quais dirigiam o Grand Monde e os salões de jogo de Cholon. Aquela era uma terra de barões rebeldes. Era como a Europa na Idade Média. Mas que estavam fazendo ali os americanos? Colombo não havia ainda descoberto o país daquela gente.

— Gosto desse tal Pyle — disse eu a Phuong.

— Ele é tranquilo — respondeu ela, e o adjetivo que ela era a primeira a usar ficou gravado como um apelido de colégio, até que ouvi o próprio Vigot empregá-lo, sentado na Sureté com a sua viseira verde, ao falar-me da morte de Pyle.

Saltei do *trishaw* diante do Chalet e disse a Phuong:

— Veja se nos arranja uma mesa. É melhor que eu tome conta de Pyle.

Foi o meu primeiro impulso instintivo no sentido de protegê-lo. Jamais me ocorrera que havia necessidade ainda maior de protegê-lo. A inocência, mesmo sem falar, sempre solicita nossa proteção, quando seria muito mais sensato que nos defendêssemos contra ela. A inocência é como um leproso mudo que perdeu sua campainha, e que anda pelo mundo sem intenção de fazer o mal.

Quando cheguei à Casa das Quinhentas Jovens. Pyle e Granger já haviam entrado. Perguntei ao posto de polícia militar, junto à entrada:

— *Deux américains ?*

O interpelado era um jovem cabo da Legião Estrangeira. Parou de limpar seu revólver, indicando com o polegar, enquanto dizia um gracejo em alemão, a porta que ficava pouco além. Não consegui entendê-lo.

Era hora de repouso no imenso pátio ao ar livre. Centenas de moças achavam-se sentadas, de pernas cruzadas, sobre a relva, conversando com seus companheiros. As cortinas dos pequenos cubículos que cercavam o pátio estavam descerradas: uma jovem cansada achava-se sentada, as pernas cruzadas, sobre uma cama. Havia complicação em Cholon e as tropas estavam retidas nos quartéis; não havia trabalho a fazer: era um domingo para o corpo. Somente um bando de garotas belicosas, agressivas, ruidosas, me revelou que o costume permanecia vivo. Lembrei-me da história, que se contava em Saigon, do visitante ilustre que perdera as calças enquanto procurava abrir caminho na direção da segurança do posto policial. Ali não havia proteção para os civis. Se um civil se aventurasse a palmilhar território militar, teria de contar apenas com os seus próprios meios para a retirada.

Eu aprendera uma técnica: dividir e conquistar. Escolhi uma em meio do grupo que se reunira ao meu redor e encaminhei-a lentamente em direção do lugar em que Pyle e Granger se debatiam.

— *Je suis un vieux* — disse eu. — *Trop fatigué.*

Ela deu um risinho e investiu.

— *Mon ami* — acrescentei —, *il est très riche, très vigoureux.*

— *Tu es sale* — disse ela.

Deparei com Granger afogueado e triunfante: era como se recebesse aquela demonstração como um tributo à sua masculinidade. Uma das garotas tinha o braço em torno da cintura de Pyle e procurava empurrá-lo delicadamente para fora do bando. Empurrei minha garota para o meio das outras e gritei para Pyle:

— Pyle, por aqui.

Ele olhou-me por cima das cabeças e comentou:

— É terrível. Terrível.

Podia ser que fosse apenas um efeito da luz das candeias, mas seu rosto me pareceu pálido. Ocorreu-me que ele bem podia ser virgem.

— Vamos embora, Pyle. Deixe-as aí com Granger.

Vi que ele levava a mão ao bolso de trás da calça. Acreditei, realmente, que ele pretendia esvaziá-lo de piastras e notas.

— Não seja tolo, Pyle — gritei-lhe. — Você promoverá uma briga entre elas.

Minha garota estava se voltando para mim, de modo que a empurrei de novo para o meio do grupo que cercava Granger.

— *Non, non. Je suis un anglais, pauvre, très pauvre.*

Agarrei, então, a manga de Pyle e puxei-o para fora, com a jovem dependurada em seu braço como um peixe num anzol. Duas ou três jovens procuraram interceptar-nos os passos, antes que abrísssemos caminho em direção do cabo que se achava de guarda, mas ficaram

indecisas.

— O que é que farei com esta aqui? — perguntou Pyle.

— Ela não causará dificuldade.

Logo depois, com efeito, ela largou-lhe o braço e voltou à escaramuça em torno de Granger.

— Será que não lhe acontecerá nada? — perguntou, ansioso.

— Ele conseguiu o que queria: uma porção de rabos de saia.

A noite, fora, parecia muito tranqüila, com apenas um esquadrão de carros blindados a passar como gente que tivesse uma finalidade.

— É terrível — disse ele. — Eu não teria acreditado...

E acrescentou, com uma expressão de terror e tristeza:

— Elas eram tão bonitas.

Não estava invejando Granger; estava lamentando que algo de bom — e a formosura e a graça são, seguramente, formas do que existe de bom — fosse estragado e maltratado. Pyle podia ver a dor quando diante de seus olhos. (Não escrevo isto como zombaria: afinal de contas, muitos dentre nós não o conseguem fazer.)

— Vamos voltar para o Chalet — disse eu. — Phuong está à espera.

— Desculpe-me — respondeu. — Esqueci completamente. Você não devia tê-la deixado lá.

— *Ela* não estava em perigo.

— Pensei apenas em ver se Granger não corria nenhum risco...

Mergulhou de novo em seus pensamentos, mas, ao entrarmos

no Chalet, comentou, com profunda angústia:

— Já havia esquecido quantos homens existem que...

(2)

Phuong nos reservara uma mesa junto ao espaço destinado às danças, e a orquestra estava tocando uma canção que fora popular em Paris cinco anos antes. Dois casais vietnamitas estavam dançando, pequenos, elegantes, alheios ao que os cercava, com ar de civilização que não poderíamos igualar. (Reconheci um deles: um contabilista do Banque de l'Indo-Chine e a esposa.) Tinha-se a impressão de que jamais se vestiam desleixadamente, diziam uma palavra imprópria, eram presas de paixões desordenadas. Se a guerra era medieval, eles, pelo contrário, pareciam o futuro, no século XVIII. Poder-se-ia esperar que o Sr. Pham Van Tu escrevesse em estilo augustano em suas horas vagas, mas era um estudioso de Wordsworth e escrevia poemas naturalistas. Passava os feriados em Dalat, que era o mais próximo que podia chegar da atmosfera dos lagos ingleses. Fez uma ligeira curvatura ao passar por nós. Eu perguntava a mim mesmo como se teria saído Granger, que ficara na casa ao lado, a cinqüenta metros de distância.

Pyle, em mau francês, pedia desculpas a Phuong por tê-la feito esperar.

— *C'est impardonable.*

— Onde estiveram? — perguntou ela.

— Fui levar Granger para casa.

— Para casa? — repeti, rindo.

E Pyle olhou-me como se eu fosse um outro Granger. De repente, vi-me como ele me via — um homem de meia-idade, de olhos um tanto congestionados, que começava a engordar, talvez menos ruidoso, porém mais cínico e menos ingênuo que Granger —, e vi Phuong, por um momento, como a vira pela primeira vez, dançando perto de minha mesa, no Grand Monde, com um vestido branco de soirée, dezoito anos, sob o olhar vigilante de uma irmã mais velha, que estava disposta a fazer um bom casamento europeu. Um americano comprara um bilhete e convidara-a para dançar: estava um pouco embriagado, mas não a ponto de tornar-se perigoso, e suponho que estava há pouco tempo no país e julgava que todas as freqüentadoras do Grand Monde fossem prostitutas. Logo que começaram a dançar, ele a apertou muito de encontro ao corpo e, súbito, lá estava ela voltando para a irmã, e lá se achava ele abandonado, desorientado e perdido entre os pares, sem saber o que havia acontecido ou por que acontecera. E a jovem cujo nome eu então não conhecia lá estava sentada tranqüilamente, sorvendo, de quando em quando, seu suco de laranja, completamente senhora de si mesma.

— *Peut-on avoir l'honneur?* — dizia Pyle com o seu sotaque horrível e, após um momento, vi-os dançando em silêncio na outra extremidade do salão, Pyle a segurá-la tão afastada de si que se tinha a impressão de que, a qualquer momento, se interromperia o contato entre ambos. Ele dançava muito mal e ela havia sido, em outros tempos, a criatura que melhor dançava no Grand Monde.

Fora uma corte longa e cheia de frustrações a que eu lhe fizera. Se eu a houvesse pedido em casamento e lhe oferecesse uma situação legal, tudo teria sido fácil — e a irmã I mais velha, sempre que estivéssemos juntos, teria se afastado de nós tranqüila e habilmente. Mas decorreram três meses antes que eu a pudesse ver a sós por um momento, num balcão do Majestic, enquanto a irmã, na sala contígua, insistia em perguntar quando é que pretendíamos entrar. Um cargueiro procedente da França estava sendo descarregado no Rio Saigon, à luz de lanternas, as campainhas dos trishaws reuniam como telefones e eu, a julgar pelo que disse, bem podia ser um jovem tolo e inexperiente. Voltei, desesperançado, para a minha cama, na Rua Cati-nat, sem jamais imaginar que, quatro meses depois, ela estaria deitada a meu lado, um pouco sem fôlego, a rir como que surpresa, por nada daquilo ter sido exatamente como ela esperara.

— Monsieur Foulair.

Eu estivera a observá-los enquanto dançavam e não vira que a irmã me fazia sinais de uma outra mesa. Ela, então, se aproximou e eu, relutantemente, a convidei para que se sentasse. Jamais havíamos sido amigos, desde a noite em que ela ficara doente no Grand Monde e eu levei Phuong para casa.

— Faz um ano que não o vejo.

— Vou freqüentemente a Hanói.

— Quem é o seu amigo? — perguntou-me.

— Um homem chamado Pyle.

— Que é que ele faz?

— Pertence à Missão Econômica Americana. Já sabe de que se trata: máquinas de coser elétricas para costureiras que estão morrendo de fome.

— Há algumas em tal situação?

— Não sei.

— Mas elas não usam máquinas de coser. Não há eletricidade onde vivem.

Era uma mulher que entendia tudo ao pé da letra.

— Melhor perguntar a Pyle — disse eu.

— Ele é casado?

Olhei o espaço onde se dançava.

— Eu diria que ele jamais se aproximou tanto de uma mulher.

— Ele dança muito mal — comentou ela.

— Exatamente.

— Mas parece um homem digno de confiança.

— Perfeitamente.

— Posso ficar aqui um momento? Meus amigos são muito insípidos.

A música parou e Pyle curvou-se cerimoniosamente diante de Phuong, trazendo-a depois à sua cadeira. Eu podia afirmar que a sua atitude cerimoniosa agradava a Phuong. Pensei em tudo o que ela perdera em suas relações comigo.

— Esta é a irmã de Phuong — disse a Pyle. — Miss Hei.

— Muito prazer em conhecê-la — disse ele, enrubescendo.

— O senhor é de Nova York? — perguntou ela.

— Não. De Boston.

— Isso também fica nos Estados Unidos?

— Oh, certamente. Certamente.

— Seu pai é um homem de negócios?

— Não, senhora. É um professor.

— Um professor? — repetiu ela, num leve tom de desapontamento.

— Bem, ele é uma espécie de autoridade em seu ramo. As pessoas o consultam.

— A respeito de saúde? É médico?

— Não. Não é essa espécie de doutor. É doutor em engenharia. Entende de erosão subaquática. Sabe o que é isso?

— Não.

Pyle fez uma leve tentativa de humor:

— Bem, nesse caso, deixo que papai explique melhor.

— Ele está aqui?

— Oh, não.

— Mas está para chegar?

— Não. Foi apenas uma brincadeira — disse Pyle, desculpando-se.

— Você tem outra irmã? — perguntei a Miss Hei.

— Não. Por quê?

— Porque me deu a impressão de que estava examinando as possibilidades matrimoniais de Mr. Pyle.

— Tenho uma única irmã — respondeu Miss Hei, dando forte palmada no joelho de Phuong, como o martelo de um juiz que impusesse ordem.

— É uma irmã muito bonita — disse Pyle.

— É a moça mais bonita de Saigon — disse Miss Hei, como se o corrigisse.

— Não duvido.

— Já é tempo de mandar vir o jantar — disse eu. — Mesmo a jovem mais bela de Saigon precisa comer.

— Não tenho apetite — disse Phuong.

— Pia é delicada — prosseguiu, firmemente, Miss Hei. E ajuntou, com um tom de ameaça na voz: — Ela necessita de cuidado. Merece que cuidem dela. Ela é muito, muito leal.

— Meu amigo é um homem de sorte — comentou, gravemente, Pyle.

— Ela adora crianças — acrescentou Miss Hei.

Eu ri e surpreendi o olhar de Pyle posto em mim: fitava-me com escandalizada surpresa e, subitamente, ocorreu-me que ele estava verdadeiramente interessado pelo que Miss Hei tinha a dizer. Enquanto eu ordenava o jantar (embora Phuong houvesse dito que não tinha fome, eu sabia que ela daria conta de um bom filé com dois ovos. etc), ouvi que ele discutia seriamente a questão dos filhos.

— Sempre pensei que gostaria de ter uma porção de filhos —

afirmou. — Uma família grande é uma coisa maravilhosa. Contribui para a estabilidade do casamento. E é bom também para as crianças. Eu sou filho único. É uma grande desvantagem ser filho único.

Jamais eu o ouvira antes falar tanto.

— Que idade tem seu pai? — perguntou, com glotonaria, Miss Hei.

— Sessenta e nove.

— Os velhos adoram netos. É muito triste que minha irmã não tenha pais que pudessem rejubilar-se com seus filhos. Quando chegar a ocasião — acrescentou, dirigindo-me um olhar maléfico.

— E que a senhora também não tenha — comentou Pyle de maneira um tanto desnecessária, pensei eu.

— Meu pai era de família muito boa. Era mandarim em Hué.

— Ordenei jantar para todos — informei.

— Para mim. não — respondeu Miss Hei. — Preciso voltar para a companhia de meus amigos. Gostaria de encontrar novamente Mr. Pyle. Talvez você pudesse arranjar isso.

— Quando eu voltar do norte — respondi.

— Vai ao norte?

— Creio que já é tempo de ver como anda a guerra.

— Mas o pessoal da imprensa já está todo de volta — disse Pyle.

— Essa é a melhor ocasião para mim. Não terei de avistar-me com Granger.

— Então, depois que Monsieur partir, o senhor deve ir jantar comigo e com minha irmã — disse ela a Pyle, acrescentando com

soturna cortesia: — Para alegrá-la.

Depois que ela se foi, Pyle comentou:

— Que criatura culta e encantadora! E como fala bem inglês!

— Diga-lhe que minha irmã já esteve no mundo dos negócios, em Singapura — disse Phuong com orgulho.

— Realmente? Que espécie de negócios?

— Importação e exportação — traduzi para ele. — Sabe taquigrafia.

— Oxalá tivéssemos mais criaturas assim na Missão Econômica.

— Falarei com ela — respondeu Phuong. — Ela gostaria de trabalhar para os americanos.

Depois do jantar, dançaram de novo. Eu também danço mal, mas não tinha a inconsciência de Pyle a tal respeito — ou será que também a tinha, refleti, nos primeiros dias em que me apaixonei por Phuong? Houve muitas ocasiões em que eu, ali no Grand Monde, antes da memorável noite em que Miss Hei ficou doente, tive de dançar com Phuong apenas para ter a oportunidade de falar com ela. Pyle não estava se valendo de tal oportunidade naquele momento: estava um pouco mais à vontade, mas isso era tudo; mantinha-a um pouco menos longe de si, mas permaneciam ambos em silêncio. De repente, observando-lhe os pés, tão ágeis, precisos, a seguir os movimentos desordenados dos pés de Pyle, senti que a amava novamente. Mal podia acreditar que dentro de uma. duas horas, ela estaria de volta comigo àquele quarto escuro, com o banheiro coletivo e as velhas acoradas no patamar.

Gostaria de jamais ter ouvido os rumores acerca de Phat Diem.

ou que tais rumores se referissem a qualquer outra cidade do norte em que a minha amizade com um oficial naval me permitisse penetrar sem que o percebessem, sem censura, e sem ninguém que me controlasse. Um furo jornalístico? Não naqueles dias, quando o mundo inteiro desejava ler sobre a Coréia. Oportunidade de morrer? Por que deveria eu desejar morrer, quando Phuong dormia todas as noites a meu lado? Mas eu sabia a resposta a essa pergunta. Desde a infância, eu jamais acreditara numa situação permanente — e, não obstante, como eu a desejara! Vivia sempre temeroso de perder a felicidade. Aquele mês, o ano seguinte, Phuong me deixaria. Se não fosse no ano seguinte, dentro de três anos. A morte era o único valor absoluto no mundo. Perdendo-se a vida, não se perderia nada de novo para sempre. Invejava e desconfiava dos que podiam acreditar em Deus. Achava que conservavam sua coragem com uma fábula a respeito do imutável e do permanente. A morte era muito mais certa do que Deus e, com a morte, não haveria mais a possibilidade diária de que o amor morresse. Desapareceria o pesadelo de um futuro tédio e indiferença. Eu jamais poderia ter sido um pacifista. Matar um homem era conceder-lhe, sem dúvida, um incomensurável benefício. Oh, sim! Os homens, sempre, em toda a parte, amaram seus inimigos. Eram os amigos que eles preservaram para a dor e a vacuidade.

— Perdoe-me por afastar Miss Phuong de sua companhia — disse-me a voz de Pyle.

— Oh, não danço, mas gosto de vê-la dançar.

Era sempre assim, na terceira pessoa, que a gente se referia a ela, como se não estivesse presente. Às vezes, ela parecia invisível como a paz.

A primeira parte do espetáculo da noite começou: uma cantora, um prestidigitador, um comediante. Este era muito obscuro, mas, ao olhar para Pyle, vi que ele, evidentemente, não entendia o *argot*. Sorria quando Phuong sorria e ria, contrafeito, quando eu ria.

— Estou pensando onde Granger estará a esta hora — disse eu, e Pyle olhou-me com ar de censura.

Depois, veio o número de variedades: um grupo de imitadores do sexo feminino. Eu vira muitas delas durante o dia, a andar de lá para cá, pela Rua Catinat, trajando velhos *slacks e sweaters*, remexendo os quadris, com uma sombra azulada sob o queixo. Agora, em decotados vestidos de *soirée*, com jóias falsas, seios falsos e vozes roucas, pareciam quase tão desejáveis como a maioria das mulheres européias de Saigon. Um grupo de jovens oficiais da Força Aérea saudou-as com assobios, e elas responderam com sorrisos cheios de coqueteria. Fiquei espantado com a súbita violência do protesto de Pyle:

— Fowler, vamos embora — exclamou. — Já vimos o bastante, não vimos? Isto aqui não é de modo algum apropriado para ela.

CAPÍTULO IV

(1)

Vista do campanário da catedral, a batalha era apenas pitoresca, fixada como um panorama da guerra dos bôeres num velho *Illustrated London News*. Um avião lançava suprimentos, por meio de pára-quadras, para um posto isolado na *calcaire*, aquelas estranhas montanhas, comidas pela erosão, da fronteira de Anam, que parecem pilhas de pedras-pomes; e, como o aparelho voltava sempre ao mesmo ponto para lançá-los, era como se não houvesse se movido, pois o pára-quadras estava sempre a meio caminho, entre o avião e o solo. Da planície, os disparos de morteiro erguiam-se imutavelmente, a fumaça era sólida como pedra e, no mercado, as chamas ardiam palidamente à luz do sol. As minúsculas figuras dos pára-quadristas moviam-se em fila ao longo dos canais, mas, daquela altura, pareciam paradas. Mesmo o sacerdote, que estava sentado a um canto da torre, não mudava nunca de posição, enquanto lia o breviário. A guerra, vista daquela distância, era muito ordenada e limpa.

Eu chegara antes do amanhecer numa embarcação de desembarque procedente de Nam Dinh. Não pudemos desembarcar na estação naval, pois ela havia sido isolada pelo inimigo, que cercara completamente a cidade num raio de seiscentos metros, de modo que a embarcação atracou ao lado do mercado em chamas.

Éramos um alvo fácil a luz de labaredas, mas, por alguma razão, ninguém disparou contra nós. Tudo estava quieto, salvo quanto aos desmoronamentos e o crepitar das barracas em chamas. Pude ouvir uma sentineia senegalesa mudar de posição na margem do rio.

Eu conhecera bem Phat Diem nos dias que precederam o ataque: uma única rua, longa e estreita, de construções de madeira, cortada, de cem em cem metros, por um canal, uma igreja e uma ponte. À noite, era iluminada apenas por meio de velas ou lampiões a óleo (pois não havia eletricidade em Phat Diem, salvo onde viviam os oficiais franceses), e, tanto durante o dia como à noite, a rua era ruidosa e cheia de gente. Em sua estranha maneira medieval, sob a sombra e a proteção do príncipe-bispo, fora a cidade mais animada de todo o país. Mas, agora, quando desembarquei e me dirigi para o alojamento dos oficiais, estava quase morta. Os escombros, os vidros quebrados e o cheiro de tinta e de reboco queimados, bem como a longa rua deserta, a estender-se tanto quanto a vista podia alcançar, lembravam-me uma rua de Londres na manhã seguinte a um bombardeio aéreo. Esperava-se ver uma tabuleta: “Bomba que não explodiu”.

A parede da frente da casa dos oficiais fora destruída por uma explosão, e as casas, do outro lado da rua, estavam em ruínas. Ao descer o rio, procedente de Nam Dinh, soube, pelo Tenente Peraud, o que acontecera. O tenente era um jovem sério, maçã, e, para ele, aquilo era como que um julgamento devido às superstições de seus camaradas. O bispo de Phat Diem visitara, certa vez, a Europa, e lá adquirira grande devoção por Nossa Senhora de Fátima — a visão da Virgem que apareceu, como crêem os católicos romanos, a um grupo de crianças em Portugal. Ao voltar, construiu, junto à

Catedral, uma gruta em sua honra, celebrando todos os anos, no dia consagrado à Virgem, uma procissão. Suas relações com o coronel-comandante dos franceses e com as tropas vietnamitas tinham sido sempre tensas, desde o dia em que as autoridades dispersaram o exército privado do bispo. Aquele ano, o coronel — que sentia certa simpatia pelo bispo, pois, para eles, o seu país era mais importante que o catolicismo — teve um gesto de amizade e caminhou, acompanhado de seus oficiais superiores, à frente da procissão. Nunca uma multidão tão grande se reunira em Phat Diem para render homenagem a Nossa Senhora de Fátima. Até mesmo muitos budistas — que constituíam cerca da metade da população — não quiseram perder aquele divertimento, sendo que os que não acreditavam em nenhum Deus achavam que, de algum modo, todos aqueles estandartes, turíbulos e ostensórios dourados conservariam a guerra longe de seus lares. Tudo o que restava do exército do bispo — sua banda de música — abria a procissão, e os oficiais franceses, piedosos por ordem do coronel, seguiram, como meninos de coro, através do portão do jardim, passaram por perto da branca estátua do Sagrado Coração que se erguia numa ilha existente no pequeno lago situado diante da Catedral, atravessaram as extensas alas. à maneira oriental, do campanário, e penetraram na catedral de madeira entalhada, com seus gigantescos pilares feitos de troncos de árvores e seu altar-mor de madeira laqueada escarlate, mais budista que cristão. Vinda de todas as aldeias situadas entre os canais, da paisagem da Região Baixa, onde brotam os verdes rebentos de arrozais novos e as colheitas douradas ocupam o lugar das tulipas, e os moinhos o das igrejas, a multidão não cessava de chegar.

Ninguém notou os agentes do Vietminh, que também haviam se juntado à procissão — e, aquela noite, enquanto o batalhão principal dos comunistas se movimentava através dos desfiladeiros do *calcaire*, penetrando na planície de Tonkin, sob o olhar impotente dos postos avançados franceses, situados no alto das montanhas, os agentes lançaram um ataque em Phat Diem.

Agora, depois de quatro dias, com a ajuda de pára-quedistas, o inimigo havia sido repellido meia milha para fora da cidade, que se achava cercada. Isso era uma derrota: não se permitia a presença de nenhum jornalista, não podiam ser enviados telegramas, pois os jornais deviam publicar apenas vitórias. Eu teria sido detido pelas autoridades em Hanói, se tivessem sabido do meu propósito, mas, quanto mais a gente se afasta dos quartéis-generais, tanto mais frouxo se torna o controle, até que, quando se chega à frente de combate, a gente é recebido com simpatia: o que havia sido uma ameaça para o Estado-Maior em Hanói, uma preocupação para o coronel em Nam Dinh, é um divertimento para o tenente na frente de operações, uma distração, um sinal de interesse do mundo exterior, de modo que, durante algumas horas abençoadas, pode dramatizar um pouco a sua figura e ver, numa falsa luz de heroísmo, até mesmo os seus feridos e os seus mortos.

O sacerdote fechou o breviário e disse:

— Bem. isto acabou.

Era europeu, mas não francês, pois o bispo não teria tolerado em sua diocese um sacerdote francês.

— Tive de subir aqui, o senhor compreende, em busca de um pouco de tranqüilidade, longe de toda essa pobre gente — disse, em

tom de desculpa.

O explodir dos morteiros parecia estar cada vez mais próximo, ou talvez fosse o inimigo que, por fim, respondia. A estranha dificuldade era encontrá-los: havia uma dúzia de estreitas frentes de combate e, entre os canais, em meio das construções agrícolas e dos arrozais, inumeráveis oportunidades para emboscadas.

Logo abaixo de nós, achava-se de pé, sentada ou deitada, toda a população de Phat Diem. Católicos, budistas, pagãos, todos eles tinham reunido o que possuíam de mais valioso — um fogão, um lampião, um espelho, um guarda-roupa, algumas esteiras, um quadro sagrado — e seguido para o recinto da Catedral. Ali, do norte, o frio era intenso quando caía a noite — e a Catedral já estava repleta: não havia mais abrigo; até mesmo os degraus da escada que conduzia ao campanário estavam ocupados, e era cada vez maior a multidão que cruzava os portões, carregando seus filhos e objetos domésticos. Acreditavam, qualquer que fosse a sua religião, que ali estariam a salvo. Enquanto observávamos, um jovem em uniforme vietnamita, carregando um fuzil, abriu caminho em meio da multidão: foi detido por um sacerdote, que lhe tirou o fuzil.

— Aqui somos neutros — explicou o padre, a meu lado. — Este é território de Deus.

“É uma estranha e pobre população a que Deus tem em seu reino”, pensei. “Uma população amedrontada, gelada, faminta.”

— Não sei como é que vamos alimentar toda essa gente — disse o sacerdote.

“Era de se supor que um grande Rei se saísse melhor daquela empresa.” Mas, logo, refleti: “É sempre o mesmo, aonde quer que se

vá: não são os governantes mais poderosos que têm as populações mais felizes”.

Pequenas barracas já haviam sido armadas embaixo.

— É como uma enorme feira, mas sem um rosto a sorrir — comentei.

— Eles sofreram um frio terrível a noite passada — disse o sacerdote. — Tivemos de conservar fechados os portões do mosteiro, pois, do contrário, eles nos avassalariam.

— Todos conseguem aquecer-se aqui? — perguntei.

— Não muito. E não teríamos lugar para um décimo deles. Sei o que o senhor está pensando — prosseguiu. — Mas é essencial que alguns dentre nós se mantenham bem. Temos o único hospital existente em Phat Diem, e as nossas únicas enfermeiras são essas freiras.

— E o cirurgião?

— Faço o que posso.

Vi, então, que a sua batina estava manchada de sangue.

— O senhor veio aqui para ver-me?

— Não — respondi. — Queria estabelecer meus contatos.

— Perguntei porque tivemos aqui um homem, ontem à noite. Queria confessar-se. Tinha ficado um pouco assustado, o senhor compreende, com o que vira ao longo do canal. Não se podia censurá-lo por isso.

— Está ruim a situação por lá?

— Os pára-quedistas os surpreenderam com um fogo cruzado.

Pobres almas. Julguei que o senhor talvez estivesse sentindo o mesmo.

— Não sou católico romano. Não creio que o senhor pudesse mesmo chamar-me cristão.

— É estranho o que o medo faz ao homem.

— A mim, jamais faria tal coisa. Mesmo que eu acreditasse em algum Deus, ainda assim me seria odiosa a idéia da confissão. Ajoelhar-me numa dessas suas caixas. Expor-me a um outro homem. Peço que me desculpe, padre, mas, para mim, isso parece mórbido... impróprio, mesmo, de um homem.

— Oh — disse ele, despreocupadamente —, espero que o senhor seja um bom homem. Não creio que tenha muito de que se arrepender.

Lancei o olhar pelas igrejas, situadas, em distâncias iguais, entre os canais, na direção do mar. Uma luz acendeu-se e apagou na segunda torre.

— Os senhores não conservaram neutras todas as igrejas — comentei.

— Não é possível — respondeu. — Os franceses concordaram em deixar em paz apenas o recinto da Catedral. Não podemos esperar mais do que isso. É um posto da Legião Estrangeira, esse que o senhor está olhando.

— Já me vou. Adeus, padre.

— Adeus e boa sorte. Cuidado com os atiradores de tocaia.

Para sair, tive de abrir caminho através da multidão, passar pela estátua com os alvos braços estendidos, até chegar à longa rua.

Podia lançar o olhar até três quartos de milha de distância de cada lado e, além de minha própria pessoa, havia apenas dois seres vivos em toda essa extensão: dois soldados de capacetes camuflados a caminhar lentamente rente às paredes, com as metralhadoras automáticas prontas para atirar. Vi os vivos porque um cadáver jazia junto a uma porta com a cabeça para a rua. O zumbido das moscas perto do corpo e o ranger das botas dos soldados, que se tornava cada vez mais fraco, eram os únicos sons que se ouviam. Passei depressa por perto do cadáver, voltando a cabeça para o outro lado. Poucos minutos depois, quando olhei para trás, eu estava inteiramente a sós com a minha sombra — e não havia ruído algum, salvo os que eu fazia. Senti-me como se eu fosse um alvo dentro do alcance de uma linha de fogo. Ocorreu-me que, se algo me acontecesse naquela rua, talvez passassem horas antes que me apanhassem: tempo de sobra para que as moscas se reunissem.

Após atravessar dois canais, tomei um caminho que conduzia a uma igreja. Doze homens achavam-se sentados no chão, em seus uniformes camuflados de pára-quedistas, enquanto dois oficiais examinavam um mapa. Ninguém prestou atenção à minha pessoa, ao juntar-me a eles. Um dos homens, que carregava a longa antena de um rádio de campanha, disse:

— Podemos ir andando, agora.

E todos se puseram de pé.

Perguntei, em meu mau francês, se podia acompanhá-los. Uma das vantagens daquela guerra era que um rosto europeu era por si só um passaporte em campanha: não se podia suspeitar de que um europeu fosse um agente inimigo.

— Quem é o senhor? — perguntou-me o tenente.

— Estou escrevendo a respeito da guerra.

— Americano?

— Não. Inglês.

— É uma coisa sem importância, mas, se quiser acompanhar-nos...

E começou a tirar o capacete de aço.

— Não, não — disse eu. — Isso é para combatentes.

— Como quiser.

Saímos por trás da igreja numa única fila, o tenente à frente, e paramos por um momento à margem de um canal, para que o soldado encarregado do rádio estabelecesse contato com as patrulhas em ambos os flancos. As granadas zuniam sobre nós e explodiam longe de nossa vista. Outros soldados haviam se unido a nós atrás da igreja, de modo que éramos, agora, cerca de trinta homens. O tenente explicou-me em voz baixa, metendo um dedo em seu mapa:

— Fomos informados de que há trezentos homens aqui nesta aldeia. Talvez reunidos para esta noite. Não o sabemos. Ninguém os encontrou até agora.

— A que distância?

— Trezentos metros.

Chegaram algumas palavras pelo rádio, e seguimos, em silêncio, para a margem direita do canal retilíneo, até um ponto situado entre duas moitas.

— Tudo livre — sussurrou o tenente, com um gesto tranqüilizador, enquanto nos púnhamos de novo em movimento.

Quarenta metros além. havia um outro canal, com o que restava de uma ponte: uma simples prancha, sem nenhum anteparo, estendia-se à nossa frente. O tenente fez um sinal para que nos abaixássemos, e ficamos todos de cócoras, a fitar o território desconhecido que se achava dez metros adiante, do outro lado da prancha. Os homens olharam para a água e, de repente, como se cumprissem uma ordem, desviaram todos o olhar. Durante um momento, não vi o que eles tinham visto, mas, quando percebi do que se tratava, minha mente, não sei por que, se voltou para o Chalet e suas atrizes, para os jovens soldados a assobiar e Pyle a dizer: “Isto não é, de modo algum, apropriado para ela”.

O canal estava cheio de cadáveres: lembro-me, neste momento, de um cozido irlandês com uma quantidade excessiva de carne. Os corpos amontoavam-se: uma cabeça, de um cinzento cor de foca — anônima como a cabeça rapada de um convicto —, surgiu à flor da água como uma bóia. Não havia sangue: suponho que já tinha sido levado pelas águas havia muito. Não tenho idéia de quantos eram: deviam ter sido surpreendidos por algum fogo cruzado, ao tentar voltar, e creio que muitos dentre nós, ali junto ao canal, estavam pensando: “Bastam duas pessoas para essa brincadeira”. Eu também desviei o olhar. Não queríamos que nada nos lembrasse quão pouco contávamos — quão rápida, simples e anonimamente chegava a morte. Embora minha razão desejasse o “estado de morte”, eu receava o ato como uma virgem. Gostaria que a morte chegasse com a devida advertência, de modo que pudesse preparar-me. Para que preparar-me? Eu não sabia para que nem como me preparar — a não

ser que fosse para lançar um último olhar ao pouco que estaria deixando neste mundo.

O tenente sentou-se ao lado do homem que carregava o rádio de campanha e fitou o chão entre os pés. O aparelho começou a estalar instruções, e, com um suspiro, como se houvesse despertado de um sono, levantou-se. Havia uma estranha camaradagem em todos os movimentos daqueles homens, como se todos fossem iguais e estivessem empenhados numa tarefa que já haviam realizado juntos uma infinidade de vezes. Ninguém esperava que alguém lhe dissesse o que devia fazer. Dois homens dirigiram-se à prancha e procuraram atravessá-la, mas não tinham equilíbrio devido ao peso das armas, de modo que tiveram de cavalgá-la e abrir caminho palmo a palmo. Um outro homem encontrou um bote oculto entre os arbustos, pouco mais abaixo, e trouxe-o até o lugar em que estava o tenente. Seis, dentre nós, entraram no bote e começaram a impeli-lo para a outra margem, mas ele foi de encontro a um monte de cadáveres e encalhou. O soldado o afastou com o varejão, afundando-o naquela argila humana — e um dos corpos se soltou e boiou, em todo o seu comprimento, ao lado do bote, como um banhista estendido ao sol. Estávamos novamente livres e, ao chegar ao lado oposto, saltamos para terra, sem olhar para trás. Nenhum tiro foi disparado. Estávamos vivos: a morte se retirara, talvez, até o canal seguinte. Ouvi alguém, atrás de mim, dizer, com grande seriedade: “Gott sei dank”.^[4] Com exceção do tenente, eram quase todos alemães.

À nossa frente, havia um grupo de casas pertencentes a uma propriedade agrícola. O tenente seguiu à frente, cosido à parede, e nós o seguimos numa única fila, afastados dois metros uns dos

outros. Então os homens, sem que ninguém lhes desse tal ordem, espalharam-se pela propriedade. A vida desertara aquele lugar. Nem sequer uma galinha ficara para trás, embora, dependuradas na parede do e havia sido uma sala de estar, lá estivessem duas pavorosas oleografias — uma do Sagrado Coração e outra da Virgem e o Menino Jesus — que davam um ar europeu àquele grupo de casas em ruínas. Mesmo que não se compartilhasse de suas crenças, a gente sabia em que acreditava aquela gente: eram criaturas humanas, e não apenas cadáveres cinzentos atirados num escoadouro.

Uma grande parte da guerra consiste em ficar-se sentado sem fazer nada, à espera de alguma outra pessoa. Sem nenhuma garantia quanto ao tempo de vida que nos resta, parece-nos que não vale a pena sequer iniciar um raciocínio. Fazendo o que tinham feito tantas vezes antes, as sentinelas se afastaram. Tudo que se movesse agora diante de nós era inimigo. O tenente fez um sinal em seu mapa e comunicou pelo rádio a nossa posição. Uma quietude de meio-dia caiu sobre todas as coisas: mesmo os morteiros silenciaram e o céu estava vazio de aeroplanos. Um dos homens fazia garatujas no chão com um pedaço de pau. Um instante depois, era como se houvéssemos sido esquecidos pela guerra.

Eu esperava que Phuong tivesse mandado minhas roupas para a lavanderia. Um vento frio agitava as palhas do pátio, e um homem dirigiu-se modestamente para trás de um celeiro, a fim de aliviar-se. Procurei lembrar se havia pago ao cônsul inglês em Hanói a garrafa de uísque que ele me fornecera.

Dois tiros foram disparados em nossa direção, e pensei: “É agora. Vem aí a coisa”. Aquela era a advertência que eu desejava.

Esperei, com um sentimento de exultação, a coisa permanente.

Mas nada aconteceu. Uma vez mais, eu “preparara demais” o acontecimento. Só longos minutos depois apareceu uma das sentinelas e comunicou algo ao tenente. Pude ouvir a frase “*Deux civils*”.

— Vamos ver o que há — disse-me o tenente e seguindo a sentinela, caminhamos com dificuldade através de uma picada lamacenta, entre os arrozais. Vinte metros além das casas da plantação, deparamos, num fosso estreito, com o que procurávamos: uma mulher e um menino de pouca idade. Estavam claramente mortos: uma pequena e nítida mancha de sangue na testa da mulher, enquanto que a criança parecia estar dormindo. O pequeno tinha cerca de seis anos e jazia como um embrião no ventre materno, com os pequenos joelhos descarnados encolhidos.

— *Malchance* — exclamou o tenente.

Abaixou-se e virou o corpo da criança, que tinha em torno do pescoço uma medalha com um santo gravado. Eu disse com os meus botões: “O amuleto não dá resultado”. Sob o corpo, havia um pedaço de pão já mordido. “Odeio a guerra”, pensei.

— Já viu o bastante? — perguntou o tenente, em tom irado, quase como se eu tivesse sido o responsável por aquelas mortes.

Talvez, para o soldado, o civil seja o homem que o emprega para matar, que inclui a culpa do assassínio no envelope de pagamento — e que foge à responsabilidade. Voltamos para junto das casas e sentamo-nos de novo em silêncio sobre a palha, abrigados do vento que, como um animal, parecia saber que a noite estava chegando. O homem que estivera fazendo garatujas com o pedaço de pau estava

se aliviando atrás do celeiro, e o que antes estivera atrás do celeiro, estava agora fazendo garatujas. Pensei que as duas criaturas mortas, num momento de calma como este, com as sentinelas a postos, talvez houvessem julgado seguro sair do fosso. Perguntei a mim mesmo se não teriam estado lá durante muito tempo — pois o pão estava muito seco. Aquela plantação era, provavelmente, o seu lar.

O rádio estava novamente funcionando.

— Eles vão bombardear a aldeia — disse o tenente, deprimido. — As patrulhas estão sendo chamadas para durante a noite.

Erguemo-nos e começamos nossa jornada de volta, passando de novo, de bote, por perto do monte de cadáveres e, depois, rente aos muros da igreja. Não tínhamos ido muito longe e, no entanto, parecia que havíamos feito uma jornada bastante longa, tendo como único resultado a morte daqueles dois seres humanos. Os aviões haviam levantado vôo e, atrás de nós, começou o bombardeio.

A escuridão já havia descido, quando cheguei ao alojamento dos oficiais, onde devia passar a noite. A temperatura estava apenas um grau abaixo de zero, e o único calor existente era o do mercado em chamas. Com uma das paredes destruídas por uma bazuca e as portas empenadas, as cortinas de lona não conseguiam impedir as correntes de ar. O gerador elétrico não estava funcionando, e tivemos de erguer barricadas de caixotes e de livros para que as velas permanecessem acesas. Eu joguei *quatre-vingt-un*, valendo dinheiro comunista, com um tal Capitão Sorel: não era possível fazer apostas de bebida, sendo eu um hóspede. A sorte passava, monotonamente, de um lado para outro. Abri minha garrafa de uísque para ver se nos aquecíamos um pouco, e os outros se

reuniram em torno.

— Esta é a minha primeira dose de uísque desde que deixei Paris — disse o coronel.

Um tenente entrou, depois de fazer sua ronda de inspeção às sentinelas.

— Talvez tenhamos uma noite tranqüila — comentou.

— Eles não atacam antes das quatro — acrescentou o coronel, perguntando-me: — O senhor tem alguma arma?

— Não.

— Arranjar-lhe-ei uma. É melhor conservá-la sob o seu travesseiro. — E acrescentou, cortesmente: — Receio que ache o seu colchão um tanto duro. Às três e meia começará o fogo de morteiros. Procuraremos dissolver quaisquer concentrações.

— Quanto tempo julga o senhor que isto durará?

— Ninguém sabe. Não podemos tirar mais tropas de Nam Dinh. Isto é apenas para desviar a atenção do inimigo. Se conseguirmos manter esta posição sem outro auxílio senão o que recebemos há dois dias, isto será, pode-se dizer, uma vitória.

O vento soprava de novo forte, à procura de uma entrada. As telas de lona formavam barrigas (eu lembrei-me de Polônio apunhalado atrás das tapeçarias) e a chama da vela vacilava. As sombras eram teatrais. Parecíamos um bando de atores ambulantes.

— Seus postos estão firmes?

— Tanto quanto sabemos — respondeu, com ar de grande cansaço. — Isto não é nada, o senhor compreende. Coisa sem importância, comparada ao que está acontecendo cem quilômetros

além, em Hoa Binh. Aquilo é uma batalha.

— Mais um copo, coronel?

— Não, obrigado. É maravilhoso o seu uísque inglês, mas é melhor guardar um pouco para o resto da noite, em caso de necessidade. Se me desculparem, penso que vou ver se durmo um pouco. Não se pode dormir depois que começam os morteiros. Capitão Sorel, faça com que Monsieur Foulair tenha tudo de que necessita: uma vela, fósforos, um revólver.

E foi para o seu quarto.

Aquilo era um sinal para todos nós. Haviam posto, no chão, um colchão para mim, numa pequena despensa — e vi-me cercado de caixotes. Permaneci acordado apenas durante pouco tempo: a dureza do assoalho era como um descanso. Perguntei, a mim mesmo — sem ciúmes, embora aquilo parecesse estranho — se Phuong estaria no apartamento. A posse de um corpo, aquela noite, parecia uma coisa sumamente insignificante — talvez porque aquele dia eu vira muitíssimos corpos que não pertenciam a ninguém, nem mesmo a si próprios. Somos todos consumíveis. Ao adormecer, sonhei com Pyle. Estava dançando sozinho num palco, empertigado, os braços estendidos para uma companheira invisível — e eu o observava de um banco que parecia um tamborete de música, segurando uma arma, para que ninguém interferisse em sua dança. Lia-se, num programa afixado junto ao palco, como os que anunciam os números num *music hall* inglês, o seguinte: “A Dança do Amor. Certificado A”. Alguém se mexeu no fundo do teatro, e segurei mais firme a arma. Nesta altura, acordei.

Tinha a mão sobre o revólver que me haviam emprestado e, à

entrada, havia um homem segurando uma vela. Usava um capacete de aço, que lhe fazia sombra, sobre os olhos, e foi só depois que ele falou que reconheci que era Pyle.

— Lamento muitíssimo tê-lo acordado — disse ele, tímido. — Eles me disseram que eu podia dormir aqui.

Eu ainda não estava inteiramente desperto.

— Onde foi que arranjou esse capacete?

— Oh, alguém me emprestou — respondeu, vagamente.

Arrastava atrás de si uma mochila, e começou a tirar dela um saco de dormir, forrado de lã.

— Você está muito bem equipado — disse eu, procurando lembrar-me por que razão devíamos estar ali.

— Esta é a mochila de viagem, padronizada, de todas as nossas unidades médicas — respondeu ele. — Eles me emprestaram uma em Hanói. — Retirou uma garrafa térmica, uma pequena espiriteira, uma escova para cabelo, um aparelho completo de barbear e uma lata de rações. Olhei meu relógio. Eram quase três horas da madrugada.

(2)

Pyle continuou a esvaziar a mochila. Fez, com os caixotes, uma pequena prateleira, na qual colocou seu espelho de barbear e outros apetrechos.

— Duvido que você encontre água.

— Oh — respondeu ele —, tenho água suficiente, para amanhã cedo, na garrafa térmica.

Sentou-se em seu saco de dormir e começou a tirar as botas.

— Como, com mil diabos, chegou você até aqui?

— Deixaram-me passar, até Nam Dinh. para ver a nossa unidade de tracoma. Depois, aluguei um bote.

— Um bote?

— Oh, uma espécie de bote. Não sei como se chama. Para ser franco, tive de comprá-lo. Não custou muito.

— E você desceu o rio sozinho?

— Na verdade, não foi difícil. A corrente estava à meu favor.

— Você é maluco.

— Oh, não. O único perigo era tocar em terra.

— Ou ser atirado por uma patrulha naval, ou algum avião francês. Ou ser degolado pelos soldados do Vietminh.

Ele riu, timidamente:

— Bem. De qualquer modo, aqui estou.

— Porquê?

— Por duas razões. Mas não quero fazer com que você fique acordado.

— Não tenho sono. E logo os canhões começarão a disparar.

— Você se importa que eu afaste a vela? Está claro demais aqui.

Parecia um pouco nervoso.

— Qual a primeira razão?

— Bem. outro dia você me deu a entender que este lugar era um tanto interessante. Você, naturalmente, se lembra: quando estávamos em companhia de Granger... e de Phuong.

— Sim?

— Pensei que eu talvez devesse dar uma olhada por aqui. Para dizer a verdade, eu estava um pouco envergonhado diante de Granger.

— Percebo. Nada mais simples do que isso.

— Bem, não houve nenhuma dificuldade verdadeira, houve?

Pôs-se a brincar com os cordões das botas — e fez-se longo silêncio.

— Não estou sendo inteiramente honesto — disse ele, por fim.

— Não?

— Na verdade, vim vê-lo.

— Você veio aqui para me ver?

— Exatamente.

— Por que motivo?

Ele ergueu os olhos dos cordões das botas, angustiosamente embaraçado:

— Eu precisava dizer-lhe: apaixonei-me por Phuong.

Ri. Não pude deixar de fazê-lo. Ele foi tão inesperado e estava tão sério!

— Você não podia esperar que eu voltasse? Estarei em Saigon na próxima semana.

— Você poderia ser morto — respondeu. — E não teria sido uma coisa decente. Além disso, não sei se eu poderia ficar longe de Phuong todo esse tempo.

— Você quer dizer que ficou longe?

— Naturalmente. Não creio que você pense que eu contaria a *ela*, sem que você soubesse.

— Há quem o faça — respondi. — Quando foi que isso aconteceu?

— Penso que foi aquela noite no Chalet. ao dançar com ela.

— Não me pareceu que você tivesse se aproximado demasiado.

Ele olhou-me, perplexo. Se sua conduta me parecia louca, a minha, evidentemente, era-lhe inexplicável.

— Creio que foi devido ao fato de eu ter visto, naquela casa, todas aquelas moças — ajuntou. — Eram tão bonitas! E ela parecia ter sido uma delas. Quis protegê-la.

— Não creio que ela necessite de sua proteção. Miss Hei convidou-o para que saíssem juntos?

— Convidou. Mas eu não fui. Conservei-me distante... Foi terrível — acrescentou, com ar sombrio. — Senti-me um patife, mas espero que você acredite que, se vocês fossem casados... bem, eu jamais me teria intrometido entre marido e mulher.

— Você parece inteiramente certo de que pode intrometer-se, em nosso caso.

Pela primeira vez, ele me irritara.

— Fowler — disse ele —, eu não sei o seu primeiro nome...

— Thomas. Por quê?

— Posso chamá-lo de Tom, não posso? Sinto que, de certo modo, isto nos aproximou um do outro. Quer dizer... o fato de amarmos a mesma mulher.

— Que é que pretende fazer?

Ele sentou-se, animado, recostando-se nos caixotes.

— Agora que você já sabe, tudo parece diferente. Pedirei que ela se case comigo, Tom.

— Preferiria que me chamasse de Thomas.

— Ela terá apenas de escolher entre nós, Thomas. Isso me parece bastante justo.

Mas era justo? Senti, pela primeira vez, o frio premonitório da solidão. Aquilo tudo era fantástico e, no entanto, no entanto... Ele talvez fosse um pobre amante, mas eu era o homem pobre. Ele tinha nas mãos a riqueza infinita da respeitabilidade.

Começou a despir-se e eu pensei: “Ele tem juventude, também”. Como era triste invejar Pyle!

— Não posso casar com ela — disse eu. — Tenho esposa na Inglaterra. Ela jamais me concederia o divórcio. Ela é anglicana ritualista, se é que você sabe o que isso significa.

— Lamento muito, Thomas. E, se é que lhe interessa saber, meu nome é Alden...

— Prefiro continuar a chamá-lo de Pyle. Penso em você como Pyle.

Meteu-se no saco de dormir e estendeu a mão para a vela.

— Arre! Felizmente isso acabou, Thomas. Eu vinha me sentindo terrivelmente mal a respeito.

Era mais do que evidente, pois, que já não se sentia assim.

Quando a vela se apagou, eu podia ver apenas o contorno de sua cabeça, com os cabelos cortados muito rentes, contra a claridade das chamas, vinda de fora.

— Boa noite, Thomas. Durma bem.

Imediatamente após essas palavras, como uma “deixa” numa comédia má, os morteiros abriram fogo, e os obuses começaram a zumbir, a gemer, a explodir.

— Deus do céu! — exclamou Pyle. — Isso é um ataque?

— Estão procurando deter um ataque.

— Bem, suponho que, agora, não podemos dormir.

— Não podemos.

— Thomas, quero que você saiba o que penso sobre a sua maneira de encarar tudo isto: penso que você foi formidável. Formidável. Não há outra palavra melhor.

— Obrigado.

— Você conhece muito mais o mundo do que eu. Como você sabe, Boston é, de certo modo, um tanto... paralisante. Mesmo que a gente não seja um Lowell ou um Cabot. Desejaria que você me aconselhasse, Thomas.

— A respeito de quê?

— De Phuong.

— Se eu fosse você, não confiaria em meus conselhos. Sou

suspeito. Desejo conservá-la.

— Oh, mas eu sei que você é correto, absolutamente correto, e que ambos temos em mente os interesses dela.

Subitamente, não me foi possível suportar-lhe mais a infantilidade.

— Pouco me importam os interesses dela — exclamei. — Você pode ficar com eles. Quero apenas o seu corpo. Quero-a, apenas, na cama comigo. Preferiria arruiná-la e dormir com ela a... zelar pelos seus malditos interesses.

— Oh! — exclamou ele, em voz baixa, no escuro.

— Se você pensa apenas em defender-lhe os interesses, deixe Phuong em paz, pelo amor de Deus! Como qualquer outra mulher, ela preferiria antes uma boa... — e o explodir de um morteiro livrou-lhe os ouvidos de Boston da palavra anglo-saxônica.

Mas havia, em Pyle, algo de implacável. Ele estava persuadido de que eu procedera bem — e eu tinha de proceder bem.

— Sei quanto você está sofrendo, Thomas — disse ele.

— Não estou sofrendo.

— Oh, claro que está! Eu sei o que sofreria, se tivesse de renunciar a Phuong.

— Mas eu não renunciei a ela.

— Eu também sou bastante materialista, Thomas, mas renunciaria a qualquer esperança disso, se pudesse tornar Phuong feliz.

— Ela é feliz.

— Ela não pode ser... na situação em que se acha. Ela precisa de filhos.

— Vejo que você realmente acredita em todas as tolices que a irmã...

— Uma irmã, às vezes, sabe melhor do que a gente...

— Ela estava procurando, apenas, meter essa idéia em sua cabeça, Pyle, porque pensa que você tem mais dinheiro do que realmente possui. E — Deus do céu! — conseguiu o que queria.

— Tenho apenas o meu salário.

— Bem, de qualquer modo, você leva vantagem no câmbio.

— Não seja mordaz, Thomas. Estas coisas acontecem. Gostaria que isso tivesse acontecido a outra pessoa, e não a você. Esses são morteiros nossos?

— Sim, são morteiros “nossos”. Você fala como se ela estivesse me abandonando, Pyle.

— Naturalmente — disse ele, sem convicção — ela poderá preferir ficar com você.

— Nesse caso, que é que você faria?

— Pediria uma transferência.

— Por que é que você não vai logo embora. Pyle, sem causar nenhuma complicação?

— Não seria justo quanto ao que se refere a ela, Thomas — respondeu, com toda seriedade.

Eu não conhecera jamais um homem que tivesse melhores razões para todas as complicações que causava.

— Não creio que você compreenda Phuong inteiramente — acrescentou.

Ao despertar aquela manhã, alguns meses mais tarde, com Phuong ao meu lado, pensei: “E você, acaso, a compreendia? Poderia prever esta situação? Phuong a dormir tão feliz a meu lado — e você morto?” O tempo tem as suas vinganças, mas tais vinganças nos parecem, com freqüência, azedas. Não seria melhor que nenhum de nós procurasse compreender — que aceitássemos todos o fato de que nenhuma criatura humana compreenderá jamais uma outra? Que a esposa não compreenderá o marido, o apaixonado a amante, ou o pai a criança? Talvez seja por isso que os homens inventaram Deus: um ser capaz de compreensão. Talvez, se eu quisesse ser compreendido ou compreender, me deixasse engabelar por uma crença, mas eu sou um repórter: Deus só existe para os escritores-líderes.

— Você tem certeza de que há alguma coisa para se compreender? — perguntei a Pyle. — Oh, pelo amor de Deus, vamos tomar um uísque. Isto aqui está muito barulhento para se discutir.

— É um pouco cedo — disse Pyle.

— É terrivelmente tarde.

Servi dois copos e Pyle ergueu o seu e olhou o uísque através da luz da vela. Sua mão tremia sempre que explodia uma granada e, não obstante, fizera aquela viagem insensata desde Nam Dinh.

— É estranho que nenhum de nós possa dizer “Boa sorte” — comentou Pyle.

De modo que bebemos sem dizer nada.

CAPÍTULO V

Eu julgara que permaneceria apenas uma semana ausente de Saigon, mas decorreram quase três semanas antes que eu voltasse. Em primeiro lugar, fora mais difícil sair que entrar na área de Phat Diem. A estrada estava cortada entre Nam Dinh e Hanói, e o transporte aéreo não pôde reservar lugar para um repórter que, de qualquer maneira, não devia estar lá. Depois, ao chegar a Hanói, os correspondentes já haviam sido levados de avião para ouvir as informações acerca da última vitória, e não havia lugar para mim no avião que os trouxe de volta. Pyle partiu de Phat Diem na manhã em que chegara: cumprira sua missão — falar comigo a respeito de Phuong — e nada havia que lá o prendesse. Deixei-o quando, às cinco e trinta, cessou o fogo dos morteiros e, ao voltar, após uma xícara de café e uns biscoitos, ele já havia partido.

Imaginei que tivesse ido dar um passeio a pé: depois de haver descido o rio de canoa, desde Nam Dinh, uns poucos inimigos de atalaia não o teriam preocupado. Assim como era incapaz de conceber o sofrimento que poderia causar aos outros, também não era capaz de imaginar qualquer sofrimento ou perigo para si próprio. Certa ocasião (mas isso ocorreu meses após) perdi a calma e fiz com que ele metesse o pé na coisa — quero dizer, no sofrimento e lembro-me de que maneira ele desviou o rosto e, perplexo, olhando o sapato manchado, disse: “Preciso engraxar os sapatos, antes de ver o Ministro”. Eu sabia que ele estava formando suas frases no estilo que aprendera de York Harding. No entanto, à sua maneira, era sincero: constituía uma coincidência o fato de os

sacrifícios serem todos pagos pelos outros, até que adveio a noite derradeira sob a ponte de Dakow.

Foi somente ao regressar a Saigon que soube de que maneira Pyle, enquanto eu tomava o meu café, persuadira um jovem oficial naval a levá-lo numa barcaça de desembarque que, após uma patrulha rotineira, o deixara, furtivamente, em Nam Dinh. A sorte estava de seu lado e chegou a Hanói, com a sua unidade de tracoma, vinte e quatro horas antes de a estrada ser considerada oficialmente interceptada. Quando cheguei a Hanói, ele já havia partido para o sul, deixando-me um bilhete com o *barman* do Alojamento de Imprensa.

“Caro Thomas”, escreveu ele. “Não posso, para começar, deixar de dizer-lhe que o achei formidável a noite passada. Posso assegurar-lhe que tinha o coração na boca, ao entrar naquele quarto à sua procura.” (Onde teria estado o seu coração durante a longa viagem de bote rio abaixo?) “Poucos homens teriam recebido a coisa tão calmamente. Você foi estupendo e, agora que já lhe contei tudo, não me sinto tão mesquinho como antes.” (Seria ele a única pessoa que importava? — pensei, irritado. No entanto, sabia que ele não encarava o assunto desse modo. Para ele, tudo aquilo seria mais feliz contanto que não se sentisse mesquinho: eu seria mais feliz, Phuong seria mais feliz, o mundo todo seria mais feliz, mesmo o Adido Econômico e o Ministro. A primavera chegara à Indochina, agora que Pyle não era mais mesquinho.) “Esperei-o aqui durante vinte e quatro horas, mas, se não partir hoje, não poderei voltar a Saigon antes de uma semana, e o meu verdadeiro trabalho é no sul. Disse aos rapazes da unidade de tracoma que o procurassem. Você gostará deles. São uns grandes rapazes e estão realizando um

trabalho de homem. Não se preocupe, de maneira alguma, com o fato de eu estar voltando a Saigon antes de você. Prometo-lhe que não verei Phuong antes de sua volta. Não quero que você pense, mais tarde, que agi, de algum modo, incorretamente. Cordialmente seu, Alden.”

Novamente a calma suposição de que, “mais tarde”, seria eu que perderia Phuong. Acaso sua confiança se baseava em vantagens cambiais? Costumávamos falar de qualidades “esterlinas”. Teríamos de falar, agora, num amor relacionado com o dólar? Um amor “de dólar” incluiria, certamente, o Dia das Mães e o Dia dos Filhos, mesmo que, depois, tivesse também de incluir Reno ou as Ilhas Virgens, ou qualquer outro lugar a que costumam ir, hoje em dia, em busca de seus divórcios. Um amor “de dólar” tinha boas intenções, uma consciência limpa, e mandava ao diabo o resto das criaturas. Mas o meu amor não tinha intenções: era um amor sem futuro. Tudo o que se podia tentar era procurar tornar o futuro menos áspero, dobrar o futuro delicadamente quando ele chegasse — e, a este respeito, mesmo o ópio tinha o seu valor. Mas eu jamais previra que, num futuro próximo, a primeira coisa que eu teria de enfrentar, com relação a Phuong, seria a morte de Pyle.

Fui — pois não tinha nada melhor para fazer — à Conferência de Imprensa. Granger, certamente, lá estava. A reunião era presidida por um jovem coronel francês, demasiado belo. Ele falava em francês e um oficial de patente inferior traduzia. Os correspondentes franceses sentavam-se juntos, como um time de futebol rival. Era-me difícil prestar atenção ao que o coronel dizia: durante todo o tempo, meu espírito se voltava para Phuong e para o meu único pensamento: suponhamos que Pyle tenha razão e que eu

a perca. Para onde se vai daqui?

O intérprete dizia: “O coronel diz que o inimigo sofreu severa derrota e grandes perdas — o equivalente a um batalhão completo. Os últimos destacamentos estão agora se retirando, em embarcações improvisadas, para o outro lado do Rio Vermelho. Estão sendo bombardeados, incessantemente, pela Força Aérea”. O coronel passou a mão pelos elegantes cabelos loiros e, fazendo um floreio com o ponteiro, aproximou-se dos longos mapas dependurados na parede.

— Quais são as perdas francesas? — perguntou um correspondente americano.

O coronel sabia perfeitamente o sentido da pergunta, que era feita, habitualmente, a essa altura da conferência, mas fez uma pausa, o ponteiro erguido, com o sorriso de um mestre-escola popular, e esperou que ela lhe fosse traduzida. E respondeu, com paciente ambigüidade, através do intérprete:

— Nossas perdas não foram pesadas. O número exato não é ainda conhecido.

Este era sempre o sinal para complicações. Tinha-se a impressão de que, mais cedo ou mais tarde, o coronel descobriria uma fórmula para lidar com aquela classe refratária ou que o diretor designaria um outro professor mais eficiente no cumprimento de suas ordens.

— Acaso o coronel nos está dizendo seriamente — perguntou Granger — que teve tempo de contar as baixas do inimigo e não as que se verificaram entre as suas próprias tropas?

Pacientemente, o coronel teceu sua teia de evasão, a qual, sabia-

o perfeitamente, seria destruída por uma outra pergunta. Os correspondentes franceses mantinham-se sombriamente silenciosos. Se os correspondentes americanos forçavam o coronel a admitir qualquer coisa, aproveitavam-se logo da oportunidade, mas não lançavam o anzol aos seus próprios compatriotas.

— Diz o coronel que as forças inimigas estão sendo ultrapassadas. É possível contar-se os mortos atrás das linhas de fogo, mas, enquanto a batalha está ainda em curso, não se pode esperar nenhuma cifra referente às unidades francesas que avançam.

— Não se trata do que *nós* esperamos — disse Gran-ger — Trata-se de saber se o Estado-Maior tem conhecimento ou não da coisa. O senhor está nos dizendo, seriamente, que os pelotões não comunicam, pelo rádio, as suas baixas, à medida que ocorrem?

O coronel estava começando a perder a calma. Podia, ao menos, pensei, pôr logo as cartas na mesa, dizendo-nos, firmemente, que sabia quais eram as baixas, mas que não iria revelá-las. Afinal de contas, aquela guerra era deles, e não nossa. Não tínhamos qualquer direito divino a informações. Não tínhamos de lutar contra os deputados da ala esquerda em Paris, nem com as tropas de Ho Chi Minh entre os rios Vermelho e Negro. Não éramos nós que estávamos morrendo.

O coronel, de repente, deixou sair a informação de que as baixas francesas eram na proporção de uma para três; depois, voltou-nos as costas e fitou furiosamente o mapa. Eram seus próprios homens que estavam mortos, seus camaradas oficiais, pertencentes à mesma classe em Saint-Cyr — e não apenas números, como eram para

Granger.

— Agora estamos chegando a alguma parte — comentou Granger, lançando o olhar pelos companheiros com um ar cretino de triunfo.

Os franceses, cabisbaixos, tomavam as suas sombrias notas.

— Isso é mais do que se pode dizer na Coréia — disse eu com deliberada incompreensão, apenas para dar uma nova idéia a Granger.

— Pergunte ao coronel — disse ele — o que os franceses vão fazer em seguida. Ele diz que o inimigo está batendo era retirada através do Rio Negro...

— Rio Vermelho — corrigiu o intérprete.

— Pouco me importa qual a cor do rio. O que desejo saber é o que os franceses vão fazer em seguida.

— O inimigo está em fuga.

— Que acontecerá quando eles chegarem ao outro lado? Que é que os senhores vão fazer? Ficar apenas sentados na outra margem e dizer que tudo acabou?

Os oficiais franceses ouviam com soturna paciência a voz arrogante de Granger. Hoje, exige-se de um soldado até mesmo humildade.

— Os senhores vão atirar-lhes cartões de Natal?

O capitão interpretou com cuidado a frase, até mesmo *cartes de Noël*. O coronel lançou-nos um sorriso glacial:

— Nada de cartões de Natal.

Penso que a juventude e a beleza do coronel irritavam particularmente Granger. O coronel não era — pelo menos segundo a interpretação de Granger — um “homem macho”.

— Pouca coisa mais os senhores têm lançado.

Subitamente, o coronel falou em inglês, bom inglês:

— Se os fornecimentos prometidos pelos americanos já tivessem chegado, nós teríamos mais coisas para lançar.

Apesar de sua elegância, era, realmente, um homem simples. Acreditava que um correspondente se interessava mais pela honra de seu país do que por notícias.

— O senhor quer dizer que não chegou ainda nada do fornecimento prometido para princípios de setembro? — perguntou, incontinenti, Granger.

(Granger era eficiente: guardava bem as datas.)

— Nada.

Granger, obtida a sua notícia, pôs-se a escrever.

— Sinto muito — disse o coronel —, mas isso não é para publicar. É apenas um esclarecimento.

— Mas, coronel, isso é uma notícia — protestou Granger. — Podemos ajudá-lo neste assunto.

— Não. Esta é uma questão para os diplomatas.

— Que mal poderá haver?

Os correspondentes franceses estavam levando desvantagem: conheciam muito pouco inglês. O coronel transgredira as regras do jogo. Murmuraram entre si, irritados.

— Eu não sou juiz — disse o coronel. — Talvez os jornais americanos dissessem: “Oh, os franceses estão sempre se queixando, sempre pedindo”. E, em Paris, os comunistas acusariam: “Os franceses estão derramando o seu sangue pela América, e a América não lhes envia sequer um helicóptero de segunda mão”. Não dá certo. No fim, não teríamos ainda helicóptero algum e o inimigo ainda lá estaria, a cinqüenta milhas de Hanói.

— Posso publicar, pelo menos, que os senhores precisam terrivelmente de helicópteros?

— Pode dizer — respondeu o coronel — que, há seis meses, tínhamos três helicópteros, e que agora temos apenas um. Um — repetiu, com uma espécie de perplexa amargura. — Pode dizer que, se um homem for ferido nesta luta — não gravemente ferido: apenas ferido —, sabe que, provavelmente, será um homem morto. Doze horas, vinte horas, talvez, de maca até a ambulância; depois, um colapso, talvez uma emboscada, gangrena... É melhor ser morto de uma vez.

Os correspondentes franceses inclinavam-se para a frente, procurando compreender.

— Pode escrever isso — disse ele, parecendo ainda mais venenoso devido à sua beleza física.

E, ao sair da sala, ordenou: “*Interprétez*”, deixando o capitão com a tarefa pouco familiar de traduzir do inglês para o francês.

— Apanhei-o em cheio — comentou Granger, satisfeito, dirigindo-se a um canto do bar para redigir seu telegrama.

O meu não levou muito tempo: não havia nada que eu pudesse escrever de Phat Diem que os censores deixassem passar. Se tivesse

achado a história bastante boa, teria tido de voar até Hong-Kong e enviar de lá o telegrama — mas haveria alguma história bastante boa para que se incorresse no risco de expulsão? Eu tinha minhas dúvidas a respeito. A expulsão significava o fim de toda uma vida: significava a vitória de Pyle — e, ao voltar ao meu hotel, lá estava, de fato, esperando-me, no pequeno compartimento destinado à minha correspondência, a vitória de Pyle, o fim: o telegrama congratulatório comunicando-me a minha promoção. Dante jamais imaginou um tal suplício para os seus amantes condenados. Paolo não foi jamais promovido ao Purgatório.

Subi para o meu quarto e para a água fria, que pingava da torneira (não havia água quente em Hanói), e sentei em minha cama, tendo sobre a cabeça, como uma nuvem carregada, o mosquito. Eu devia ser o novo redator estrangeiro e chegar, todas as tardes, às três e meia, àquele sombrio edifício vitoriano próximo à estação de Blakfriars, com a placa de Lord Salisbury junto ao elevador. Tinham-me enviado a boa nova de Saigon — e perguntei a mim mesmo se ela já teria chegado aos ouvidos de Phuong. Eu não seria mais um repórter: deveria ter opiniões e, em troca desse privilégio vazio, privavam-me da minha última esperança na disputa com Pyle. Eu tinha experiência para enfrentar a sua virgindade; a idade era uma carta tão boa de se ter, no jogo sexual, como a juventude — e, agora, eu não tinha sequer para oferecer o futuro limitado de doze meses, e um futuro era um trunfo. Invejei o mais saudoso dos oficiais, condenado à probabilidade de morrer. Teria gostado de chorar, mas os meus condutos lacrimais estavam tão secos como as torneiras de água quente. Oh, eles que tivessem o seu lar! O que eu queria era apenas o meu quarto na Rua Catinat.

Fazia frio, depois de anoitecer, em Hanói — e as luzes eram mais fracas que as de Saigon, mas de acordo com as vestes das mulheres e com a realidade da guerra. Subi a Rua Gambetta rumo ao Pax Bar. Não queria beber no Petrópole, em companhia dos oficiais franceses, suas esposas e suas filhas e, ao chegar ao bar, senti o reboar distante dos canhões, na direção de Hoa Binh. Durante o dia, aquele reboar se perdia em meio dos ruídos do tráfico, mas, agora, tudo estava quieto, salvo o ruído de campainhas de bicicletas, nos lugares em que os condutores de *trishaw* procuravam chamar a atenção dos transeuntes. Pietri estava sentado em seu lugar habitual. Tinha um crânio alongado, que se apoiava em seus ombros como uma pêra num prato: era um dos oficiais da Sureté, casado com uma jovem de Tonkin, que era proprietária do Pax Bar. Era um outro homem que não tinha nenhum desejo de voltar para a pátria. Era corso, mas preferia Marselha à Córsega — e, a Marselha, a cadeira em que se sentava na calçada, na Rua Gambetta. Perguntei a mim mesmo se ele já estava a par do que dizia o meu telegrama.

— *Quatre-vingt-un?* — perguntou ele?

— Por que não?

Começamos a jogar, e parecia-me impossível que eu pudesse ter de novo uma vida, longe da Rua Gambetta e da Rua Catinat, do sabor inosso do vermute *cassis*, do ruído familiar dos dados e da marcha dos bombardeios, caminhando como um ponteiro em torno do horizonte.

— Vou regressar — disse eu.

— Para casa? — perguntou Pietri, jogando um quatro, um dois e

um ás.

— Não. Para a Inglaterra.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

Pyle resolvera tomar o que ele chamava um drinque, mas eu sabia muito bem que ele realmente não bebia. Depois de várias semanas, aquele encontro fantástico em Phat Diem dificilmente parecia crível: mesmo os pormenores da conversa que tivemos eram menos claros. Eram como as letras que faltavam num túmulo romano, e eu, o arqueólogo, a preencher as lacunas segundo as tendências do meu conhecimento. Ocorreu-me mesmo que ele poderia estar-se divertindo comigo, e que aquela conversa fora um disfarce jocoso arranjado para ocultar o seu verdadeiro propósito, pois, em Saigon, já corria o boato de que ele estava empenhado num desses trabalhos tão ineptamente chamados secretos. Talvez ele estivesse arranjando armas americanas para uma Terceira Força: a banda de música do bispo, que era tudo o que restava de seus jovens recrutas assustados e sem pagamento. Eu carregava no bolso o telegrama que estivera à minha espera em Hanói. De nada valia falar a respeito com Phuong, pois isso seria envenenar com lágrimas e discussões os poucos meses que me restavam. Não solicitaria mesmo o meu visto de saída senão no último momento, pois ela poderia ter algum conhecido no departamento de imigração.

— Pyle virá aqui às seis horas — disse-lhe eu.

— Vou visitar minha irmã.

— Creio que ele gostaria de encontrá-la.

— Ele não gosta de mim nem de minha família. Quando você estava ausente, ele não visitou minha irmã, embora ela o

convidasse. Ela ficou muito sentida.

— Você não precisa sair.

— Se ele quisesse me ver, poderia ter-nos convidado para ir ao Majestic. Ele quer falar com você em particular... a respeito de negócios.

— A que negócio se dedica ele?

— Dizem por aí que ele importa muitas coisas.

— Que coisas?

— Drogas, remédios...

— São para as unidades de tracoma, no norte.

— Talvez. A alfândega não deve abri-los. São pacotes diplomáticos. Mas, certa vez, houve um engano — e o homem foi despedido. O Primeiro-Secretário ameaçou cortar todas as importações.

— O que é que havia no pacote?

— Matéria plástica.

— Para que querem eles matéria plástica? — perguntei, inutilmente.

Quando Phuong saiu, escrevi para a Inglaterra. Um homem da Reuter deveria partir para Hong Kong dentro de poucos dias, e poderia enviar minha carta de lá. Sabia que o meu apelo era inútil, mas não queria censurar-me, mais tarde, por não haver tomado todas as medidas possíveis. Escrevi ao redator-chefe, dizendo-lhe que aquele não era um momento oportuno para mudar de correspondente. O General De Lattre estava agonizante em Paris; os

franceses estavam prestes a retirar-se inteiramente de Hoa Binh; o norte jamais estivera em tão grande perigo. Eu não era o homem indicado, disse-lhe eu, para redator estrangeiro. Era apenas um repórter. Não tinha opiniões verdadeiras a respeito de nada. Na última página, lancei mão, mesmo, de apelos de caráter pessoal, embora fosse improvável que qualquer espécie de simpatia humana pudesse sobreviver à luz do teletipo, entre as viseiras verdes e as frases estereotipadas: “para o bem do jornal”, “a situação exige...”

Escrevi: “Por motivos particulares, sinto-me muito triste por ser afastado do Vietnam. Não creio que possa realizar o meu melhor trabalho na Inglaterra, onde depararei não só com dificuldades financeiras, como familiares. Com efeito, se minha situação o permitisse, preferiria renunciar a voltar ao Reino Unido. Menciono este fato apenas para mostrar a força de minha objeção. Não creio que o jornal me haja considerado um mau correspondente, e este é o primeiro favor que já lhe pedi”. Examinei depois meu artigo sobre a batalha de Phat Diem, de modo que ele pudesse ser enviado com data de Hong Kong. Os franceses não fariam, agora, nenhuma objeção séria: terminara o assédio, e uma derrota poderia ser exibida como uma vitória. Depois rasguei a última página de minha carta ao redator-chefe. Era inútil. As “razões particulares” seriam apenas motivo para gracejos maliciosos. Todo correspondente, segundo se presumia, tinha sua garota local. O redator-chefe passaria o gracejo para o redator da noite, que o levaria no pensamento, com inveja, para a sua casa semi-isolada de Streatham, e se meteria na cama com ele, ao lado da esposa fiel que trouxera consigo, havia muitos anos, de Glasgow. Podia ver muito bem a espécie de casa sem remédio em que morava: um velocípede

quebrado junto à entrada, e alguém havia quebrado o seu cachimbo predileto. E, na sala de estar, havia uma camisa de criança à espera de que lhe pregassem um botão. “Razões particulares”: quando estivesse bebendo no Clube de Imprensa, não gostaria que ninguém me lembrasse os gracejos relacionados com Phuong.

Alguém bateu à porta. Abri-a, e Pyle, precedido pelo seu cão negro, entrou. Pyle olhou por cima de meu ombro e viu que não havia ninguém mais no aposento.

— Estou só. Phuong está na casa da irmã.

Ele corou. Notei que vestia uma camisa havaiana, embora ela fosse relativamente discreta tanto na cor como no feitio. Aquilo me surpreendeu: será que ele havia sido acusado de atividades antiamericanas?

— Espero não ter interrompido... — disse ele.

— Claro que não. Aceita um drinque?

— Aceito, obrigado. Cerveja?

— Sinto muito, mas não temos geladeira. Precisamos mandar buscar gelo fora. Que tal um uísque?

— Uma pequena dose, se você não se importar. Não estou muito habituado a bebidas fortes.

— Puro?

— Com bastante soda... se você tiver bastante.

— Não o vejo desde Phat Diem — disse eu.

— Recebeu meu bilhete, Thomas?

Ao chamar-me pelo meu primeiro nome, era como se fizesse

uma declaração de que não estivera gracejando comigo, de que não estivera ocultando nada — de que estava ali para levar Phuong. Notei que cortara recentemente o cabelo e, mesmo a sua camisa havaiana, não estaria ali desempenhando a função da plumagem dos machos?

— Recebi seu bilhete — respondi. — Creio que devia dar-lhe uma surra.

— Você, naturalmente, tem todo o direito, Thomas. Mas eu treinei boxe no colégio... e sou muito mais moço.

— Não, não seria uma boa idéia para mim.

— Como você sabe, Thomas (e estou certo de que você pensa da mesma maneira), não gosto de falar de Phuong em sua ausência. Julguei que ela estivesse aqui.

— Bem, o que é que vamos discutir? Matéria plástica?

Não era minha intenção surpreendê-lo, mas ele perguntou:

— Você sabe a respeito disso?

— Phuong me contou.

— Como é que ela... ?

— Pode ter a certeza de que a cidade inteira já sabe. Que é que há de tão importante a respeito? Você vai montar uma indústria de brinquedos?

— Não gostamos que os pormenores de nossa ajuda sejam discutidos por aí. Você sabe como é o Congresso... Além disso, temos a visita de uns senadores. Tivemos uma grande complicação com as nossas unidades de tracoma, pois estiveram usando uma droga em lugar de outra.

— Ainda não entendo a respeito da matéria plástica.

O cão de Pyle, negro, sentou-se no assoalho, arque-jante, ocupando demasiado espaço. Sua língua parecia uma panqueca queimada. Pyle respondeu, vagamente:

— Oh, como você sabe, queremos ajudar algumas dessas indústrias locais, e temos de ter cuidado com os franceses. Eles querem que tudo seja comprado na França.

— Não os censuro. Uma guerra exige dinheiro.

— Você gosta de cachorros?

— Não.

— Julguei que os ingleses fossem grandes amantes de cães.

— Nós achamos que os americanos amam os seus dólares, mas deve haver exceções.

— Não sei como é que eu passaria sem o Duke. A gente, às vezes, como você sabe, se sente terrivelmente só...

— Você tem companheiros de sobra em seu ramo.

— O primeiro cachorro que tive chamava-se Prince. Dei-lhe esse nome devido ao Black Prince — aquele sujeito que...

— ... massacrou todas as mulheres e crianças em Limoges.

— Não me lembro disso.

— Os livros de história vivem a repetir a façanha.

Eu devia ainda ver muitas vezes, em seus olhos e em sua boca, aquele ar de dor e desapontamento, quando a realidade não se enquadrava nas idéias românticas que ele alimentava, ou quando alguém que amava ou admirava descia abaixo do padrão impossível

que ele estabelecera. Certa vez, lembro-me bem, deparei com um erro crasso de York Harding acerca de determinado fato — e tive de confortá-lo: “Errar é humano”. Riu nervosamente e respondeu: “Você poderá julgar-me um tolo, mas... bem, quase que julgava York Harding infalível”. E acrescentou: “Meu pai o apreciou muitíssimo na única vez em que se encontraram, e meu pai é uma pessoa muito difícil de agradar”.

O canzarrão chamado Duke, tendo arquejado o suficiente para estabelecer uma espécie de direito ao ar que respirava, começou a cheirar os objetos do quarto.

— Você podia pedir ao seu cachorro para ficar quieto?

— Oh, desculpe-me. Duke. Sente-se, Duke.

Duke obedeceu e pôs-se a lambe suas partes íntimas. Enchi os nossos copos e consegui, ao passar, perturbar a *toilette* de Duke. O silêncio durou muito pouco, pois Duke começou a coçar-se.

— Duke é muitíssimo inteligente — comentou Pyle.

— O que aconteceu com Prince?

— Estávamos na fazenda, em Connecticut, e ele foi atropelado.

— Você ficou aborrecido?

— Oh, senti demais. Ele significava muito para mim, mas a gente tem de ser sensato. Nada poderia trazê-lo de volta.

— E, se você perder Phuong, será sensato?

— Oh, sim, espero que sim. E você?

— Duvido-o. Poderia até endoidecer. Você já pensou nisso, Pyle?

— Gostaria que você me chamasse de Alden, Thomas.

— Prefiro não o chamar. Pyle é um nome que tem, para mim... associações. Você já pensou nisso?

— Oh, claro que não. Você é o sujeito mais direito que já encontrei. Quando me lembro como você procedeu, quando cheguei de canoa...

— Lembro-me de haver pensado, antes de dormir, como seria conveniente se houvesse um ataque e você fosse morto. Uma morte de herói. Pela Democracia.

— Não ria de mim, Thomas — disse ele, movendo, pouco à vontade, os seus longos membros. — Devo parecer-lhe um tanto estúpido, mas sei quando você está gracejando.

— Não estou gracejando.

— Sei que você, se pensar a sério, desejará o que for melhor para Phuong.

Foi então que ouvi os passos de Phuong. Eu esperava, sem nenhuma esperança, que ele se fosse antes da chegada de Phuong. Ele também os ouviu e reconheceu.

— Aí vem ela — disse ele, embora tivesse tido apenas uma noite para conhecer-lhe o andar. Até o cão pôs-se de pé e ficou junto à porta, que eu deixara aberta para refrescar o quarto: era quase como se o animal a aceitasse como uma pessoa da família de Pyle. Eu era um intruso.

— Minha irmã não estava em casa — disse Phuong, e olhou, reservadamente, para Pyle.

Perguntei a mim mesmo se ela estaria dizendo a verdade ou se a irmã não a teria mandado voltar depressa.

— Lembra-se de Monsieur Pyle? — perguntei.

— *Enchantée.*

Estava procedendo da sua melhor maneira.

— Tenho muita satisfação em vê-la de novo — disse ele, enrubescendo.

— *Comment?*

— O inglês dela não é muito bom — informei.

— Receio que o meu francês seja medonho. Mas estou recebendo lições. Posso entender francês, se Miss Phuong falar lentamente.

— Agirei como intérprete — disse eu. — É preciso algum tempo para a gente se habituar com o sotaque local. Vejamos: O que é que você quer dizer? Sente-se, Phuong. Mr. Pyle veio especialmente para vê-la. Você está certo — acrescentei, dirigindo-me a Pyle — de que não gostaria que eu os deixasse a sós?

— Quero que você ouça tudo o que tenho a dizer. Não seria correto, de outro modo.

— Bem, diga lá.

Ele afirmou solenemente, como se houvesse aprendido essa parte de cor, que sentia grande amor e respeito por Phuong. Sentira-o desde a noite em que dançara com ela. Lembrei-me um pouco de um mordomo mostrando a um grupo de turistas a “casa grande”. A casa grande era o seu coração, e os apartamentos privados, onde a família vivia, não mereciam mais do que um rápido olhar. Eu traduzia suas palavras com meticoloso cuidado: a coisa soava pior dessa maneira, e Phuong, sentada com as mãos sobre o colo, parecia

estar escutando as palavras de um filme.

— Ela entendeu isso? — perguntou ele.

— Tanto quanto posso dizer. Você não quer que eu acrescente um pouco de entusiasmo a isso, quer?

— Oh, não — respondeu. — Apenas traduza. Não desejo influir sobre ela emocionalmente.

— Compreendo.

— Diga-lhe que quero casar com ela.

Eu disse.

— Que foi que ela respondeu?

— Perguntou-me se você estava falando sério. Eu disse-lhe que você era do tipo sério.

— Penso que esta é uma situação esquisita. Eu, pedindo que você traduza.

— Um tanto esquisita.

— E, no entanto, parece-me muito natural. Afinal de contas, você é o meu melhor amigo.

— É uma amabilidade sua dizer isso.

— Não há ninguém a quem eu me dirigisse mais prontamente, se estivesse em dificuldade — disse ele.

— Creio que estar apaixonado pela minha garota é, para você, uma espécie de dificuldade...

— Certamente. Gostaria que fosse outra pessoa, e não você, Thomas.

— Bem. Que é que devo dizer-lhe a seguir? Que você não pode viver sem ela?

— Não, isso é demasiado emocional. E, além disso, não é inteiramente verdade. Eu teria de ir embora, por certo, mas a gente acaba por vencer tudo.

— Enquanto está pensando o que dizer, você se importaria que eu acrescentasse uma palavra a meu favor?

— Não. Claro que não. Acho até justo, Thomas.

— Bem, Phuong — disse eu —, você vai me abandonar por ele? Ele casará com você. Eu não posso. Você sabe por quê.

— Você está de partida? — perguntou ela, e eu pensei na carta do redator-chefe, que estava em meu bolso.

— Não.

— Nunca?

— Como é que posso fazer-lhe tal promessa? Ele também não pode fazê-la. Os casamentos também se rompem. Rompem-se, com frequência, mais rapidamente do que um caso como o nosso.

— Não quero ir — disse ela.

Mas a frase não era confortadora: encerrava um “mas” não expresso.

— Penso que devo colocar todas as minhas cartas na mesa — disse Pyle. — Não sou rico. Mas, quando meu pai morrer, terei cerca de cinquenta mil dólares. Tenho boa saúde: recebi um certificado médico há apenas dois meses, e posso mostrar a ela a minha contagem de glóbulos vermelhos.

— Não sei como traduzir isso. Mas para que serve?

— Bem, para assegurar que podemos ter filhos juntos.

— É assim que vocês fazem a corte na América? Exibindo algarismos e exames de sangue?

— Não sei. Nunca fiz isso antes. Talvez, se estivesse em casa, minha mãe fosse falar com a mãe dela.

— Sobre o seu exame de sangue?

— Não zombe de mim, Thomas. Creio que sou antiquado. Como você sabe, estou um pouco desorientado diante desta situação.

— Eu também estou. Não acha que podíamos terminar e disputá-la por meio de um jogo de dados?

— Agora, você está querendo fingir de duro, Thomas. Sei que você, à sua maneira, a ama tanto quanto eu.

— Bem. Prossiga, Pyle.

— Diga-lhe que não espero que ela me ame imediatamente. Isso virá com o tempo. Mas diga-lhe que o que ofereço é segurança e respeito. Isso não parece muito excitante, mas talvez seja melhor do que uma paixão.

— Ela poderá ter paixão a qualquer momento — comentei. — Com o seu chofer, quando você estiver no escritório.

Pyle enrubesceu. Pôs-se desajeitadamente de pé e disse:

— Essa é uma piada suja. Não admito que a insultem. Você não tem o direito...

— Ela ainda não é sua esposa.

— Que é que você pode oferecer-lhe? — perguntou, irado. —

Umás duas centenas de dólares, quando voltar para a Inglaterra? Ou você a passará adiante com os móveis?

— Os móveis não são meus.

— Ela também não é. Phuong, quer casar comigo?

— Eo exame de sangue? — perguntei. — E não esqueça o certificado de saúde. Você, certamente, desejará ver o dela. Talvez eu também devesse mostrar-lhe o meu. E o horóscopo dela... não, esse é um costume indiano.

— Você casa comigo?

— Diga-o em francês. O diabo que me carregue, se eu continuar a servir-lhe de intérprete.

Levantei-me e o cachorro rosou. Isso me fez ficar furioso:

— Diga ao seu maldito Duke para ficar quieto. Esta casa é minha, e não dele.

— Você casará comigo? — repetiu ele.

Dei um passo na direção de Phuong e o cão rosou de novo.

— Diga-lhe que vá embora e que leve o cão consigo — disse eu a Phuong.

— Saia agora comigo — disse Pyle. — *Avec moi*.

— Não — respondeu Phuong. — Não.

Subitamente, toda a ira se dissipou em nós. Aquele era um problema extremamente simples: podia ser resolvido com uma palavra de três letras. Senti um alívio enorme. Pyle permaneceu parado, com a boca um tanto aberta e uma expressão de assombro na fisionomia.

— Ela disse não — comentou ele.

— O seu inglês dá para tanto.

Agora, eu tinha vontade de rir: tínhamos, ambos, feito o papel de tolos.

— Sente-se e tome outro uísque — convidei.

— Penso que devo ir embora.

— Um gole, antes de ir.

— Não devo tomar todo o seu uísque — murmurou.

— Consigo todo o uísque que quero através da Legação.

Aproximei-me da mesa e o cão mostrou-me os dentes.

— Duke, sente-se! Sente-se! — ordenou Pyle, furioso. Enxugou o suor da testa e acrescentou:

— Lamento muito, Thomas, se disse alguma coisa que não devesse ter dito. Não sei o que se apoderou de mim. — E, tomando o copo, disse, pensativo: — Vence o melhor homem. Peço-lhe, apenas, que você não a abandone, Thomas.

— Claro que não a abandonarei.

Phuong perguntou-me:

— Será que ele não gostaria de fumar um cachimbo?

— Você gostaria de fumar um cachimbo?

— Não, muito obrigado. Não toco em ópio e, ademais, o regulamento é severo em nosso serviço. Beberei isto e irei embora. Sinto muito a respeito de Duke. Ele, habitualmente, é muito quieto.

— Fique para o jantar.

— Penso, se você não se importa, que preferiria estar só — disse ele, esboçando um sorriso incerto. — Creio que as pessoas diriam que nós procedemos de uma maneira um tanto estranha. Gostaria que você pudesse casar com ela, Thomas.

— Gostaria, realmente?

— Gostaria. Desde que vi aquele lugar — aquela casa perto do Chalet —. tenho estado muito receoso.

Bebeu, rápido, o uísque a que não estava habituado, sem olhar para Phuong e, ao despedir-se, não lhe deu a mão, limitando-se apenas a uma ligeira curvatura desajeitada. Notei de que maneira ela o seguiu com o olhar até a porta e, ao passar pelo espelho, vi a minha própria pessoa: o botão superior da calça desabotoado, o começo de uma pança.

— Prometo não vê-la, Thomas — disse ele, já fora. — Você não deixará que isto interfira com a nossa amizade, pois não? Obterei uma transferência ao terminar o meu turno de serviço.

— Quando será isso?

— Dentro de dois anos.

Voltei para o quarto e pensei: “De que vale tudo isto? Melhor seria que dissesse a ambos que se fossem”. Ele tinha apenas de carregar, durante umas poucas semanas, o seu coração despedaçado, como uma condecoração... Minha mentira ter-lhe-ia, mesmo, tranqüilizado a consciência?

— Quer que lhe prepare um cachimbo? — perguntou Phuong.

— Sim, dentro de um momento. Quero apenas escrever uma carta.

Era a minha segunda carta aquele dia, mas não rasguei nada desta última, embora tivesse pouca esperança de uma resposta. Escrevi: “Prezada Helen: Estarei de regresso à Inglaterra no próximo mês de abril, a fim de assumir o lugar de redator estrangeiro. Você bem pode imaginar que não me sinto muito feliz a respeito. A Inglaterra é, para mim, o cenário do meu fracasso. Era minha intenção que o nosso casamento durasse tanto como se eu houvesse compartilhado das suas crenças cristãs. Até hoje não sei o que é que houve de errado (pois nós ambos fizemos o possível), mas creio que foi o meu temperamento. Sei quão mau e cruel pode ser o meu temperamento. Agora, penso que está um pouco melhor — e devo isso ao Oriente: não mais suave, mas mais tranqüilo. Talvez isso seja devido unicamente ao fato de eu já estar cinco anos mais velho — naquela altura da vida em que cinco anos representam uma grande proporção do que resta. Você foi muito generosa para comigo, não tendo jamais me censurado desde a nossa separação. Poderia ainda ser mais generosa? Sei que, antes de nosso casamento, você me advertiu de que jamais poderia haver um divórcio entre nós. Eu aceitei o risco e não tenho de que me lamentar. Ao mesmo tempo, estou-lhe pedindo agora um divórcio”.

Phuong avisou-me, da cama, que a bandeja já estava pronta.

— Um momento — respondi.

“Eu poderia envolver tudo isto em outra roupagem”, escrevi, “e tornar tudo mais honroso e dignificante dizendo-lhe que isto era para o bem de alguma outra pessoa. Mas não é, e nós costumávamos sempre dizer a verdade um ao outro. É para o meu bem, apenas meu. Amo muito alguém, com quem estou vivendo há mais de dois anos. Ela tem-me sido muito leal, mas sei que não sou

essencial para ela. Se eu a deixar, sentir-se-á um pouco infeliz, creio eu, mas não haverá nenhuma tragédia. Casará com outro e terá uma família. É estúpido de minha parte dizer-lhe isto. Estou colocando uma resposta em sua boca. Mas, como fui verdadeiro até agora, talvez você acredite se eu lhe disser que, se eu a perder, isso será para mim o começo de minha morte. Não estou pedindo que você seja 'razoável' (a razão está toda de seu lado), ou que seja generosa. É uma palavra demasiado sonora para a minha situação e, de qualquer modo, eu não mereço, particularmente, nenhuma generosidade. Creio que o que estou realmente lhe pedindo é que você seja, movida por um impulso, ilógica, diferente do que é. Quero que você sinta por mim” (hesitei diante da palavra, mas acabei por escrevê-la) “afeto — e que aja antes de ter tempo de pensar. Sei que é mais fácil fazer-se isso pelo telefone do que através de oito mil milhas. Se você apenas me telegrafasse: 'Concordo!' “

Quando acabei, senti-me como se houvesse corrido uma longa distância e sofrido uma distensão muscular. Deitei-me sobre a cama, enquanto Phuong me preparava o cachimbo.

— Ele é jovem — disse eu.

— Quem?

— Pyle.

— Isso não é tão importante.

— Se pudesse, eu casaria com você, Phuong.

— Eu acho que sim, mas minha irmã não acredita nisso.

— Acabo de escrever uma carta a minha mulher, pedindo-lhe o divórcio. Nunca tentei isso antes. Há sempre uma probabilidade.

— Uma grande probabilidade?

— Não. Pequena.

— Não se preocupe. Fume.

Aspirei o fumo e ela começou a preparar o meu segundo cachimbo. Perguntei-lhe:

— Sua irmã não estava realmente em casa, Phuong?

— Eu já lhe disse. Tinha saído.

Era absurdo sujeitá-la a essa paixão pela verdade, uma paixão ocidental, como a paixão pelo álcool. Devido ao uísque que eu tomara com Pyle, o efeito do ópio era atenuado.

— Eu menti a você, Phuong. Recebi ordens para voltar.

Ela largou o cachimbo.

— Mas você não voltará?

— Se me recusasse, de que viveríamos nós?

— Eu podia ir com você. Gostaria de conhecer Londres.

— Não seria nada agradável para você, se não fôssemos casados.

— Mas talvez sua mulher conceda o divórcio.

— Talvez.

— De qualquer modo, irei com você.

Disse aquilo a sério, mas pude ver-lhe nos olhos o começo de uma longa reflexão, enquanto ela tomava de novo o cachimbo e começava a aquecer a bolinha de ópio.

— Existem arranha-céus em Londres? — perguntou.

E eu a amei pela inocência da pergunta. Ela poderia mentir por

delicadeza, por medo, e até mesmo para conseguir alguma vantagem, mas jamais teria a astúcia para ocultar sua mentira.

— Não — respondi. — Para vê-los, você tem de ir à América.

Ela lançou-me um rápido olhar sobre a agulha e registrou o seu erro. Depois, enquanto amassava o ópio, pôs-se a falar, a esmo, dos vestidos que usaria em Londres, do lugar em que deveríamos viver, dos trens subterrâneos a respeito dos quais lera numa novela, e dos ônibus de dois andares. Iríamos de avião ou por mar?

— E a estátua da Liberdade! — exclamou.

— Não, Phuong. Isso é americano, também.

CAPÍTULO II

(1)

Pelo menos uma vez por ano, os caodaístas realizam um festival na Santa Sé, em Tanyin, oitenta quilômetros a noroeste de Saigon, a fim de celebrar este ou aquele ano de Libertação, ou de Conquista — ou, mesmo, alguma celebração budista, confucionista ou cristã. O caodaísmo foi sempre o capítulo predileto de minhas instruções a visitantes. O caodaísmo, inventado por um funcionário civil da Cochinchina, foi uma síntese das três religiões. A Santa Sé era em Tanyin. Um papa e cardeais do sexo feminino. Profecias por meio de *planchette*. São Vítor Hugo, Cristo e Buda olhando, do teto da Catedral, uma fantasia do Oriente à moda de Walt Disney, com dragões e serpentes em technicolor. Os recém-chegados ficavam sempre encantados com a descrição. De que modo explicar a monotonia de tudo aquilo — os exercícios privados de vinte e cinco mil homens, armados de morteiros feitos de canos de escapamento de velhos automóveis, aliados dos franceses, que permaneceram neutros no momento de perigo? Para aquelas celebrações, que ajudavam a manter os camponeses tranqüilos, o papa convidava os membros do Governo (os quais compareciam, se os caodaístas, no momento, estivessem a frente do Governo), o Corpo Diplomático (que enviava alguns segundos-secretários, com suas esposas ou filhas), bem como o comandante-chefe francês, que designava um de seus generais para representá-lo.

Ao longo da estrada de Tanyin fluía uma rápida corrente de carros do Estado-Maior e do Corpo Diplomático e, nos trechos mais expostos do caminho, soldados da Legião Estrangeira eram postados, como proteção, entre os arrozais. Era sempre um dia de certa preocupação para o Alto Comando francês e, talvez, de certas esperanças para os caodaístas, pois que outra coisa poderia, de maneira mais simples, ressaltar a sua própria lealdade do que fazerem com que alguns convidados importantes se transportassem para o seu território?

De quilômetro em quilômetro, uma pequena torre de observação construída de barro erguia-se, em meio da planície, como um ponto de exclamação e, a cada dez quilômetros, havia um forte maior, guarnecido por pelotões de legionários, marroquinos ou senegaleses. À semelhança do trânsito em Nova York. os automóveis andavam todos numa única marcha — e, como no tráfico em Nova York, tinha-se a impressão de uma impaciência controlada, olhando-se o carro da frente e, pelo espelho, o carro de trás. Todos queriam chegar a Tanyin, ver o espetáculo e voltar o mais rapidamente possível: às sete horas, era o toque de recolher.

Passava-se pelos arrozais controlados pelos franceses, depois pelos dos Hoa-Hao e, finalmente, pelos arrozais dos caodaístas, que estavam habitualmente em guerra com os Hoa-Hao: somente as bandeiras mudavam nas torres de observação. Meninos pequenos achavam-se montados em búfalos afundados quase até a barriga entre os campos irrigados; nos lugares em que as colheitas douradas já estavam prontas, os camponeses, com seus chapéus em forma de ostras, joeiravam o arroz contra os abrigos um pouco recurvos de bambus entrecruzados. Os automóveis seguiam rapidamente, como

coisas pertencentes a um outro mundo.

Agora, as igrejas dos caodaístas chamariam a atenção dos forasteiros em todas as aldeias, com suas paredes de reboco azul-claro ou cor-de-rosa, tendo sobre a porta um grande olho de Deus. Aumentava o número de bandeiras. Tropas de camponeses caminhavam pela estrada. Estávamos nos aproximando da Santa Sé. Ao longe, a montanha sagrada erguia-se como um grande chapéu-de-coco sobre Tanyin; era lá que o General Thé, o chefe dissidente do Estado-Maior que, recentemente, declarara ser sua intenção lutar tanto contra os franceses como contra o Vietminh, resistia. Os caodaístas não faziam nenhuma tentativa no sentido de capturá-lo, embora ele houvesse raptado “uma” das cardeais. Corria, porém, o boato de que ele a raptara com a conivência do papa.

Tanyin parecia sempre mais quente do que qualquer outro lugar do Delta Meridional. Isso talvez fosse devido à ausência de água ou, é possível, às intermináveis cerimônias, que faziam com que todos suassem abundantemente: tanto as tropas, que se mantinham perfiladas durante os longos discursos numa língua que elas não entendiam, como o papa, em suas pesadas e complicadas vestes. Só os cardeais do sexo feminino, em suas calças compridas de seda branca, a conversar com os sacerdotes, que usavam capacetes de sol, davam uma impressão de frescura sob a claridade ofuscante: não se podia acreditar que os relógios, viessem a marcar de novo sete horas e que fosse hora do coquetel no *roof* do Majestic, com o vento a soprar do Rio Saigon.

Depois da parada, entrevistei o representante do papa. Não esperava arrancar nada dele — e tinha razão: foi uma conversa convencional de ambas as partes. Perguntei-lhe a respeito do

General Thé.

— Um homem temerário — respondeu, mudando de assunto.

Começou o seu discurso decorado, esquecido de que eu já o ouvira dois anos antes. Suas palavras me recordaram os discos de gramofone que eu tocava para os recém-chegados: o caodaísmo era uma síntese religiosa... a melhor de todas as religiões... haviam sido enviados missionários para Los Angeles... os segredos da Grande Pirâmide. Usava uma longa batina branca e não parava de fumar. Havia, nele, algo de corrupto e de astuto: a palavra “amor” ocorria-lhe com freqüência. Eu tinha a certeza de que ele sabia que todos nós lá estávamos para rir de seu movimento; nosso ar de respeito era tão corrupto como a sua falsa hierarquia — mas éramos menos astutos. Não conseguíamos obter nada com a nossa hipocrisia — nem mesmo um aliado em quem pudéssemos confiar —, ao passo que, com a sua hipocrisia, eles haviam conseguido armamentos, víveres e até mesmo dinheiro sonante.

— Muito obrigado. Eminência.

Levantei-me. Acompanhou-me até a porta, espalhando as cinzas do cigarro.

— Que Deus abençoe o vosso trabalho — disse ele, melifluamente. — Lembrai-vos de que Deus ama a verdade.

— Que verdade?

— Segundo a fé caodaísta, todas as verdades se acham congraçadas, e a verdade é amor.

Tinha no dedo um grande anel e, ao estender-me a mão, creio que ele esperava realmente que eu a beijasse, mas eu não sou um

diplomata.

Sob o sol vertical, desanimador, deparei com Pyle: estava procurando, inutilmente, pôr seu Buick em funcionamento. De algum modo, durante as duas últimas semanas, no bar do Continental, na única boa livraria da cidade, na Rua Catinat, eu encontrava continuamente Pyle. A amizade que ele impusera desde o princípio era agora ainda mais realçada por ele. Seus olhos, tristes, inquiriam mudamente a respeito de Phuong, enquanto seus lábios exprimiam, com maior fervor ainda, a força de seu afeto e de sua admiração (que Deus seja misericordioso!) por mim.

Um comandante caodaísta estava ao lado do carro, a falar rapidamente. Calou-se quando me aproximei. Reconheci-o: fora um dos assistentes do General Thé, antes de este último ter-se refugiado nas colinas.

— Como está, comandante? — perguntei. — Como vai o general?

— Que general?

— Seguramente, segundo a fé caodaísta, todos os generais estão congraçados.

— Não consigo pôr este carro em funcionamento, Thomas — disse Pyle.

— Arranjar-lhe-ei um mecânico — afirmou o comandante, deixando-nos.

— Interrompi a conversa de vocês.

— Oh, não era nada — respondeu Pyle. — Ele queria saber quanto custa um Buick. Essa gente é muito cordial quando bem tratada. Parece que os franceses não sabem lidar com eles.

— Os franceses não confiam neles.

— Um homem se torna digno de confiança quando confiamos nele — disse Pyle, solenemente.

Aquilo parecia uma máxima caodaísta. Comecei a sentir que a atmosfera de Tanyin era excessivamente ética para que eu pudesse respirar.

— Aceita uma bebida? — perguntou ele.

— Não há nada que eu deseje mais.

— Trouxe comigo, na garrafa térmica, suco de lima.

Voltou-se para trás e pôs-se a remexer uma cesta.

— Você tem algum gim?

— Não, lamento muito. Como você sabe — acrescentou, de maneira animadora —, o suco de lima faz muito bem neste clima. Contém... não estou certo que espécie de vitamina.

Estendeu-me um copo e eu bebi.

— De qualquer modo, é molhado.

— Gostaria de um sanduíche? São, realmente, ótimos. Um novo sanduíche misto chamado Vit-Health. Minha mãe os enviou dos Estados Unidos.

— Não, obrigado. Não tenho fome.

— Tem gosto de salada russa. Só que é um pouco mais seco.

— Não, não, obrigado.

Deu uma dentada no sanduíche, que estalou, como algo que se partisse. Ao longe, em mármore branco e cor-de-rosa, Buda afastava-se de seu lar ancestral, e seu camareiro — uma outra

estátua — seguia-o a correr. Os cardeais do sexo feminino já voltavam para suas casas, e o olho de Deus nos espreitava de cima da porta da Catedral.

— Sabe que estão servindo almoço aqui? — perguntei.

— Achei que não devia arriscar-me. A carne... A gente deve ter cuidado, com este calor.

— Você está inteiramente a salvo. Eles são vegetarianos.

— Creio que não haveria mal... mas gosto de saber o que estou comendo.

Deu outra mordida em seu Vit-Health e perguntou:

— Você acha que eles têm aqui algum mecânico de confiança?

— Sabem o bastante para transformar o cano de seu escapamento num morteiro. Creio que os Buicks dão os melhores morteiros.

O comandante voltou e, fazendo-nos elegante continência, informou que mandara buscar um mecânico no quartel. Pyle ofereceu-lhe um sanduíche, que ele, delicadamente, recusou, acrescentando, com ar mundano:

— Temos aqui muitos regulamentos a respeito de comida. (Falava excelente inglês.) Tolices. Mas os senhores sabem como é numa capital religiosa. Penso que deve ser o mesmo em Roma... ou em Canterbury — acrescentou, fazendo-me uma ligeira curvatura.

Depois, calou-se. Ficaram ambos em silêncio. Tive forte impressão de que a minha companhia não era desejada. E não pude resistir à tentação de zombar de Pyle: aquela era, afinal de contas, a arma da fraqueza — e eu era fraco. Não tinha juventude, seriedade,

integridade, e nem sequer um futuro.

— Pensando bem, talvez aceite um sanduíche.

— Oh, certamente! — exclamou Pyle. — Certamente !

Fez uma ligeira pausa, antes de voltar-se para a cesta que se achava atrás.

— Não, não! — disse eu. — Estava apenas brincando. Vocês dois querem ficar a sós.

— De modo algum — respondeu Pyle.

Pyle era um dos mentirosos menos eficientes que já conheci: a mentira era uma arte que ele, evidentemente, jamais praticara.

— Thomas, que aqui está, é o meu melhor amigo — explicou ele ao comandante.

— Conheço Mr. Fowler.

— Estarei com você antes de partir, Pyle —disse-lhe.

E afastei-me, dirigindo-me à Catedral, onde devia estar mais fresco.

São Vítor Hugo, em sua farda da Academia Francesa e com um halo em torno do tricórnio, indicava com o dedo algum sentimento nobre que Sun YatSen estava gravando uma tábua. Não havia lugar algum em que se pudesse sentar, salvo o trono papal, redondo, com uma serpente enrolada, em gesso, e o piso de mármore a brilhar como água. Não havia vidros nas janelas (nós fazemos uma jaula com orifícios para a entrada do ar, pensei eu, e o homem faz, quase da mesma maneira, uma jaula para a sua religião), para que as dúvidas fossem livres e as doutrinas se abrissem para inumeráveis interpretações. Minha esposa encontrara a sua jaula com orifício —

e eu, às vezes, a invejava. Há um conflito entre o sol e o ar: eu vivera demais ao sol.

Caminhei pela longa nave deserta — mas aquela não era a Indochina que eu amava. Os dragões, com cabeças de leão, subiam pelo púlpito; no teto, Cristo expunha o seu coração dilacerado. Buda estava sentado, como Buda sempre se senta, com o regaço vazio; a barba de Confúcio escorria, rala, como uma queda de água na estação seca. Aquilo era teatral: o grande globo que havia sobre o altar era pretensioso; o cesto de tampa móvel com que o papa fazia as suas profecias era um truque. Se aquela Catedral tivesse cinco séculos de existência, ao invés de apenas dois decênios, será que teria adquirido algum poder de persuasão, com as suas lajes gastas e com a erosão causada pelo tempo? Acaso alguém que fosse sugestionável, como minha esposa, poderia encontrar ali a fé que não pudera achar nas criaturas humanas? Se eu realmente houvesse desejado uma crença, teria podido encontrá-la na igreja normanda que minha esposa freqüentava? Mas eu jamais desejara uma fé. A tarefa de um repórter é expor e registrar. Em minha carreira, eu jamais descobrira o inexplicável. O papa realizava suas profecias por meio de um lápis e de uma tampa móvel, e o povo acreditava. Em qualquer visão, podia-se encontrar, em alguma parte, uma prancheta como as que são usadas nas experiências espíritas. Eu não tinha visões nem milagres no repertório de minha memória.

Eu folheava minhas memórias ao acaso, como fotografias num álbum: uma raposa que eu vira, ao clarão de uma granada inimiga, em Orpington, a caminhar, sorrateira, junto de um galinheiro, longe de seu esconderijo; o corpo de um malaio morto a baioneta, que uma patrulha Gurkha trouxera num caminhão para o campo de

mineração em Pahang, e em torno do qual os coolies chineses riam nervosamente, enquanto um irmão malaio colocava uma almofada sob a cabeça do morto; um pombo sobre uma lareira, pronto para o vôo, num quarto de hotel; o rosto de minha mulher à janela, quando voltei para casa, a fim de despedir-me pela última vez. Meus pensamentos tinham começado e terminado com ela. Ela devia ter recebido minha carta há mais de uma semana, e o telegrama, que eu não esperava, não havia chegado. Mas, costuma-se dizer que, quando os jurados demoram muito, há alguma esperança para o preso. Dentro de uma semana, se não chegasse nenhuma carta, será que eu poderia começar a ter esperança? Podia ouvir, vindo de todos os lados, o ruído dos automóveis dos soldados e dos diplomatas, que começavam a partir: a festa estava terminada até o ano seguinte. Tinha começado a debandada de volta a Saigon — e soou o toque de recolher. Saí à procura de Pyle.

Ele estava parado, à sombra, em companhia do comandante, e ninguém estava fazendo coisa alguma em seu carro. A conversa, qualquer que pudesse ter sido, parecia haver terminado, e ambos permaneciam ali parados, em silêncio, obrigados a tal por recíproca delicadeza. Juntei-me a eles.

Bem — disse eu —, creio que já vou andando. Seria bom que também partissem, se quiserem chegar antes do toque de recolher.

— O mecânico não apareceu.

— Ele não tardará — disse o comandante. — Participou da parada.

— Poderiam passar a noite aqui — disse eu. — Há uma missa especial... Talvez fosse uma experiência interessante para ambos.

Uma missa que dura três horas.

— Preciso voltar.

— Você não voltará, a não ser que parta agora, — acrescentei, a contragosto. — Se quiser, ofereço-lhe um lugar em meu automóvel, e o comandante poderá fazer com que o seu carro seja levado amanhã para Saigon.

— Os senhores não precisam preocupar-se com o toque de recolher no território caodaísta — disse o comandante, confidencialmente. — Mas, mais adiante... Não há dúvida de que amanhã mandarei levar o seu carro.

— Com o escapamento intato — comentei com um sorriso vivo, sagaz, eficiente: uma abreviação militar de sorriso.

(2)

Quando partimos, os outros automóveis já estavam bem à nossa frente. Segui velozmente, a fim de alcançar os outros carros, mas ultrapassamos a zona caodaísta e penetramos no território dos Hoa-Hao sem que tivéssemos encontrado sequer uma nuvem de pó à nossa frente. Ao escurecer, o mundo era plano e vazio.

Não era o tipo de terreno que a gente associa a uma emboscada, mas os homens poderiam ocultar-se, afundados até o pescoço, nos campos alagados que se estendiam a poucos metros da estrada.

Pyle pigarreou — e isso era sinal de que ia entrar no terreno das intimidades.

— Espero que Phuong esteja bem — disse ele.

— Jamais soube que ela estivesse doente.

Uma torre de observação ficou para trás, uma outra apareceu, como pesos numa balança.

— Encontrei ontem a irmã dela, fazendo compras.

— Suponho que ela o convidou para que a visitasse.

— Convidou-me, com efeito.

— Ela não desiste facilmente.

— Desiste?

— De fazer com que você case com Phuong.

— Ela me disse que você ia partir.

— Esses rumores se espalham logo.

— Você agiria corretamente comigo, Thomas, não agiria?

— Corretamente?

— Solicitei uma transferência — disse ele. — Não gostaria que ela ficasse sem nenhum de nós.

— Julguei que você fosse esperar até o fim de seu trabalho.

— Vi que não poderia suportar tal coisa — disse ele, sem comiseração por si mesmo.

— Quando é que vai partir?

— Não sei. Eles acham que se poderia arranjar alguma coisa dentro de seis meses.

— Você pode agüentar seis meses?

— Não há outro remédio.

— Quais as razões que você apresentou?

— Contei mais ou menos o que havia ao nosso Adido Econômico... Joe, que você conhece.

— Suponho que ele acha que sou um patife por não deixar que você me leve embora a garota.

— Oh, não! Ele ficou mais do seu lado.

O carro estava espirrando e falhando — e creio que já estava falhando há mais de um minuto quando eu o percebi, pois estivera examinando a pergunta ingênua de Pyle: “Você agiria corretamente comigo?” Era uma pergunta que pertencia a um mundo psicológico de grande simplicidade, onde se falava de Democracia e de Honra, e onde tais palavras tinham o mesmo sentido que haviam tido para os nossos pais.

— Estamos sem gasolina.

— Gasolina?

— Havia muita. Enchi o tanque antes de sair. Mas aqueles patifes, em Tanyin, o esvaziaram. Eu deveria ter notado. Isso é muito deles: deixar apenas o suficiente para que a gente saia de sua zona.

— Que é que vamos fazer?

— Procurar chegar à próxima torre. Esperemos que eles tenham um pouco.

Mas estávamos sem sorte. O carro, a trinta metros da torre, estacou. Dirigimo-nos, a pé, à torre, e gritamos, em francês, aos guardas, que éramos amigos — e que íamos subir. Eu não tinha

vontade alguma de ser atirado por uma sentinela vietnamita. Não houve resposta: ninguém olhou para fora.

— Você tem alguma arma? — perguntei a Pyle.

— Nunca ando armado.

— Nem eu.

As últimas cores do pôr do sol, verdes e douradas como os arrozais, estavam mergulhando no fim de um mundo plano: contra o céu cinzento e neutro, a torre parecia tão negra como uma gravura. Devia ser quase hora do toque de recolher. Gritei de novo e ninguém respondeu.

— Você sabe por quantas torres passamos desde o último forte?

— Não prestei atenção.

— Nem eu.

Faltavam pelo menos seis quilômetros para se chegar ao próximo forte: uma hora a pé. Chamei uma terceira vez e o silêncio se repetiu como uma resposta.

— Parece que está vazio — disse eu. — É melhor que eu suba e dê uma olhada.

A bandeira de listras vermelhas, desbotadas para o alaranjado, mostrava que estávamos fora do território dos Hoa-Hao, em terreno do exército vietnamita.

— Você não acha que, se esperássemos aqui, poderia passar algum automóvel? — perguntou Pyle.

— Poderia, mas *eles* poderiam passar primeiro.

— Devo voltar a acender as luzes, para servir de sinal?

— Não, pelo amor de Deus! Deixe como está.

Já estava bastante escuro para que tropeçasse, procurando a escada. Alguma coisa rangeu sob meu pé: imaginei o ruído estendendo-se pelos arrozais. E chegando aos ouvidos de quem? Pyle perdera o contorno: era, agora, uma mancha ao lado da estrada. A escuridão, quando descia, descia como uma pedra.

— Fique aí até que eu chame — recomendei. Perguntei a mim mesmo se a guarda não teria puxado a escada para cima — mas lá estava ela, embora um inimigo pudesse subir por ela e constituísse, por outro lado, o único caminho para uma fuga. Comecei a subir.

Já li muito a respeito do que as pessoas pensam num momento de medo: em Deus, na família ou numa mulher. Admiro tal domínio. Eu não pensei em nada, nem mesmo no alçapão que havia em cima: deixei, durante aqueles segundos, de existir: eu era medo puro. Ao chegar ao alto, bati com a cabeça no alçapão, pois o medo não sabia contar os degraus, ouvir, nem ver. Depois, minha cabeça surgiu acima do piso de terra, ninguém me atirou e o medo se dissipou.

(3)

Um pequeno lampião a óleo estava aceso no chão e dois homens achavam-se de cócoras junto à parede, a observar-me. Um deles tinha uma metralhadora portátil e o outro um fuzil, mas ambos estavam tão assustados como eu estivera até pouco antes. Pareciam colegiais, mas, entre os vietnamitas, a mocidade se oculta

subitamente, como o sol: são rapazes e, de repente, já são velhos. Fiquei contente pelo fato de a cor de minha pele e o formato de meus olhos constituírem um passaporte: agora, eles não atirariam, mesmo por medo.

Enquanto me erguia acima do piso, procurei tranquilizá-los, dizendo-lhes que meu carro estava fora, que eu ficara sem gasolina. Talvez eles tivessem um pouco... que eu pudesse comprar. Mas, ao olhar em torno, vi que isso era pouco provável. Nada havia no pequeno quarto, salvo uma caixa de munição para a metralhadora, uma pequena cama de madeira e dois sacos dependurados de um prego. Duas panelas, com restos de arroz e alguns pauzinhos, mostravam que eles tinham estado comendo sem muito apetite.

— Apenas um pouco de gasolina, para podermos chegar até o outro forte? — perguntei.

Um deles, sentado junto à parede — o que empunhava o fuzil —, abanou a cabeça.

— Se isso não for possível, teremos de passar a noite aqui.

— *C'est défendu.*

— Proibido por quem?

— O senhor é civil.

— Ninguém irá fazer com que eu fique sentado lá na estrada, para que me degolem.

— O senhor é francês?

Só um dos homens falara. O outro permanecia com a cabeça voltada para o lado, a observar a abertura existente na parede. Ele nada podia ver, salvo um céu de cartão postal: parecia estar à escuta

e eu também fiquei atento. O silêncio tornou-se cheio de ruídos — ruídos a que não se podia dar um nome. Um estalo, um rangido, um ressoar, algo assim como uma tosse e um sussurro. Ouvi, então, Pyle, que se aproximara do pé da escada:

— Você está bem, Thomas?

— Suba — respondi-lhe.

Ele começou a subir a escada, e o soldado que permanecera em silêncio mudou de posição a metralhadora portátil: não creio que houvesse ouvido uma palavra do que havíamos dito. Seu movimento foi desajeitado, brusco. Percebi que o medo o paralisara. Voltei-me para ele, ríspido como um primeiro-sargento:

— Largue essa arma!

E empreguei a espécie de obscenidade que julguei que ele reconheceria. Obedeceu-me automaticamente. Pyle subiu para o quarto.

— Ofereceram-nos, até amanhã cedo, a segurança da torre — disse-lhe eu.

— Ótimo! — exclamou, com voz um tanto surpresa. — Um desses sujeitos não deveria estar de sentinela?

— Preferem não expor-se a uma bala. Gostaria que você houvesse trazido algo mais forte do que suco de lima.

— Creio que o trarei, na próxima vez — respondeu Pyle.

— Temos uma longa noite à nossa frente.

Agora que Pyle estava junto a mim, eu não ouvia os ruídos. Até mesmo os dois soldados pareciam um pouco mais tranquilos.

— Que acontecerá, se eles forem atacados pelos vietnamitas? — perguntou Pyle.

— Dispararão um tiro e fugirão. Você lê isso todas as manhãs no *Extrême-Orient*: Um posto, a sudoeste de Saigon, foi temporariamente ocupado, na noite passada, por soldados do Vietminh.

— É uma má perspectiva.

— Existem quarenta torres como esta entre nós e Saigon. A probabilidade é sempre a de que um ou outro sujeito saia ferido.

— Eu bem que poderia usar agora aqueles sanduíches — comentou Pyle. — Penso, sinceramente, que um deles devia olhar para fora.

— Ele tem medo que uma bala possa olhar para dentro.

Agora, que nós dois nos havíamos acomodado no chão, os vietnamitas tranquilizaram-se um pouco. Eu sentia certa simpatia por eles: não era fácil para um par de homens mal adestrados ficar ali noite após noite, sem saber jamais quando as tropas do Vietminh podiam arrastar-se pela estrada, saindo dos arrozais.

— Você acha que eles sabem que estão lutando pela Democracia? — perguntei a Pyle. — Devíamos ter aqui York Harding, para que lhes explicasse.

— Você está sempre zombando de York.

— Rio-me de todos os que gastam tanto tempo a escrever sobre o que não existe. Sobre conceitos mentais.

— Existem para ele. Você tem algum conceito mental? Deus, por exemplo?

— Não tenho razão alguma para acreditar em Deus. Você tem?

— Tenho. Sou unitarista.

— Em quantas centenas de milhões de deuses os homens acreditam? Ora, mesmo um católico romano acredita num Deus inteiramente diferente, quando está assustado, feliz ou faminto.

— Se houver um Deus, talvez Ele seja tão vasto que possa parecer diferente a cada indivíduo.

— Como o grande Buda de Bangkok. Pelo menos ele permanece imóvel.

— Creio que você está apenas procurando ser duro — disse Pyle.
— Há alguma coisa em que você por certo acredita. Ninguém pode continuar vivendo sem uma crença.

— Oh, não um adepto de Berkeley. Creio que minhas costas estão apoiadas a esta parede. Creio que existe ali uma metralhadora portátil.

— Não me refiro a isso.

— Acredito mesmo no que escrevo, o que é mais do que quase todos os seus correspondentes fazem.

— Quer um cigarro?

— Não fumo — salvo ópio. Dê um aos guardas. É melhor que eles fiquem nossos amigos.

Pyle levantou-se, acendeu-lhes os cigarros e voltou.

— Gostaria que os cigarros tivessem uma significação simbólica, como o sal.

— Você não confia neles?

— Nenhum oficial francês — respondi — passaria sozinho a noite em companhia de dois guardas assustados, numa destas torres. Sabe-se até mesmo de um pelotão que se lançou contra seus oficiais. Às vezes, os “Viets” são mais bem sucedidos com um megafone do que com uma bazuca. Eu não os censuro. Eles também não acreditam em nada. Você e outros sujeitos como você estão procurando fazer uma guerra com a ajuda de criaturas que não estão nada interessadas na coisa.

— Eles não querem o comunismo.

— Querem arroz suficiente — respondi. — Não querem morrer varados por uma bala. Querem que um dia se assemelhe, tanto quanto possível, a outro. Não querem ter em redor de si, as nossas peles brancas, dizendo-lhes o que é que eles querem.

— Se a Indochina cair...

— Conheço esse disco. Cai o Sião. Cai a Malaia. Cai a Indonésia. O que é que “cai” significa? Se eu acreditasse em seu Deus e numa outra vida, apostaria a minha harpa futura contra a sua auréola dourada que, daqui a quinhentos anos, talvez Nova York e Londres já não existam, mas eles estarão levando os seus produtos para o mercado em longas varas, usando os seus chapéus pontudos. E os meninos ainda estarão sentados sobre os búfalos. E, como os búfalos, não gostarão do nosso cheiro — o nosso cheiro de europeus. E lembre-se de que, do ponto de vista do búfalo, você também é europeu.

— Serão forçados a acreditar no que lhes for ensinado; não terão permissão para pensar por si próprios.

— O pensamento é um luxo. Você pensa que o camponês, à

noite, quando chega ao seu barracão de barro, pensa em Deus e na Democracia?

— Você fala como se todo o país fosse composto de camponeses. E os educados? Irão ser felizes?

— Oh. não — respondi. — Nós os educamos de acordo com as nossas idéias. Ensinamos-lhes jogos perigosos, e é por isso que estamos esperando aqui, na esperança de que não nos cortem o pescoço. Merecemos que nos degolem. Gostaria que o seu amigo York também estivesse aqui. Pergunto a mim mesmo se ele gostaria disso.

— York Harding é um homem muito corajoso. Ora essa ! Na Coréia...

— Ele não era recrutado, era? Tinha uma passagem de volta. Com uma passagem de volta, a coragem torna-se um exercício intelectual, como a flagelação de um monge. Até que ponto posso agüentar? Esses pobres diabos não podem tomar um avião de volta. Vocês aí — perguntei a eles. — Como é que vocês se chamam?

Pareceu-me que o conhecimento poderia, de algum modo, trazê-los ao círculo de nossa conversa. Não responderam: apenas nos fitaram, cabisbaixos, por cima do toco de seus cigarros.

— Eles pensam que somos franceses — comentei.

— É exatamente isso — respondeu Pyle. — Você não devia ser contra York: devia ser contra os franceses. Contra o seu colonialismo.

— Ismos e ocracias! Dê-me fatos. Um plantador de borracha chicoteia seus trabalhadores? Muito bem. Sou contra ele. Não foi o

Ministro das Colônias que lhe disse para agir dessa maneira. Na França, penso eu, espancaria a mulher. Vi um sacerdote tão pobre que não tinha outro par de calças para trocar, a trabalhar quinze horas por dia, de cabana em cabana, durante uma epidemia de cólera, sem comer outra coisa senão arroz e peixe salgado, a dizer a sua missa com um velho cálice e uma bandeja de madeira. Não acredito em Deus; não obstante, sou a favor desse sacerdote. Por que é que você não chama a isso colonialismo?

— *É* colonialismo. York diz que, freqüentemente, são os bons administradores que tornam difícil mudar um mau sistema.

— De qualquer modo. os franceses estão morrendo todos os dias — e isto não é um conceito mental. Não estão conduzindo essa gente com meias-mentiras como os seus políticos — e como os nossos. Estive na Índia. Pyle, e conheço o mal que os liberais causam. Não temos mais um partido liberal: o liberalismo contaminou todos os outros partidos. Ou somos conservadores liberais, ou socialistas liberais — e temos todos a consciência tranqüila? Eu preferiria ser um explorador que luta por aquilo que explora, e que morre com suas idéias. Veja a história da Birmânia. Seguimos para lá e invadimos o país: as tribos locais nos prestam apoio; saímos vitoriosos — mas, como vocês, americanos, não éramos colonialistas naquela época. Oh, não! Fizemos as pazes com o rei, entregamos-lhe de volta a sua província e deixamos que os nossos aliados fossem crucificados e serrados ao meio. Eles estavam inocentes. Julgavam que nós iríamos ficar. Mas nós éramos liberais e não queríamos nenhum peso em nossa consciência.

— Mas isso já faz muito tempo.

— Faremos o mesmo aqui. Encorajamo-los e, depois, os abandonamos com algum equipamento e uma indústria de brinquedos.

— Indústria de brinquedos?

— A sua matéria plástica.

— Oh, sim, percebo.

— Não sei por que estou falando de política. A política não me interessa. Sou um repórter. Não estou *engagé*.

— Não está? — perguntou Pyle.

— Apenas como um tema de conversa, para passar esta maldita noite. Nada mais. Não tomo partido. Ganhe quem ganhar, ainda estarei escrevendo minhas reportagens.

— Se eles ganharem, você estará transmitindo mentiras.

— Há sempre o reverso da medalha, e eu também não tenho notado muito apreço pela verdade em nossos jornais.

Penso que o fato de estarmos ali a conversar encorajou os soldados: talvez achassem que o som de nossas vozes brancas — pois as vozes também têm cor: as vozes amarelas cantam, as vozes negras gargarejam, enquanto que as nossas apenas falam — daria a impressão de que havia muita gente e conservaria longe o inimigo. Tomaram de suas panelas e começaram de novo a comer, raspando-as com seus pauzinhos, a espreitar-nos por sobre as panelas.

— De modo que você acha que perdemos?

— Não é essa a questão — respondi. — Não tenho nenhum desejo particular de que vocês vençam. Gostaria que esses dois sujeitos aí fossem felizes. Apenas isso. Gostaria que não

precisassem ficar aí sentados à noite, cheios de medo.

— É preciso que se lute pela liberdade.

— Não vi nenhum americano lutando por aqui. Quanto à liberdade, não sei o que significa. Pergunte a eles.

E perguntei-lhes, através do quarto, em francês:

— *La liberté... qu'est ce que c'est la liberté?*

Sugaram o arroz e fitaram-nos, sem dizer nada.

— Você queria que toda a gente fosse feita pelo mesmo molde?
— perguntou Pyle. — Você está argumentando só por argumentar. Você é um intelectual. Você é a favor da importância do indivíduo tanto quanto eu — ou York.

— Por que é que só agora descobrimos isso? — perguntei. — Há quarenta anos, ninguém falava dessa maneira.

— É que a liberdade não estava ameaçada.

— A nossa não estava ameaçada — de modo algum —, mas quem se importava com a individualidade do homem do arrozal? E quem se importa agora? A única pessoa que o trata como homem é o comissário político. Senta-se em sua cabana, pergunta como é que ele se chama e ouve as suas queixas; reserva uma hora de seu dia para ensiná-lo. O que lhe ensina, não importa; a verdade é que o trata como homem, como alguém que vale alguma coisa. Não ande pelo Oriente com esse grito de papagaio a respeito da ameaça à alma individual. Aqui, você se encontraria do lado errado: eles é que são a favor do indivíduo: nós somos a favor do conscrito 23 987, uma unidade na estratégia global.

— Você não acredita na metade do que está dizendo — disse

Pyle, inquieto.

— Acredito em três quartos, provavelmente. Estou aqui há muito tempo. Felizmente, como você sabe, não estou *engagé*. Há muitas coisas que eu poderia sentir-me tentado a fazer, porque aqui no Oriente... bem, porque aqui no Oriente não gosto de Ike. Gosto... bem, gosto desses dois sujeitos. Este país lhes pertence. Que horas são? Meu relógio parou.

— Oito e meia.

— Mais dez horas e poderemos ir andando.

— Vai fazer muito frio — disse Pyle, com um arrepio. — Jamais esperei que isto acontecesse.

— Há água por todos os lados. Tenho um cobertor no carro. Isso bastará.

— Será seguro?

— Ainda é cedo para o pessoal do Vietminh.

— Eu vou buscar.

— Estou mais acostumado a andar no escuro.

Ao levantar-me, os dois soldados pararam de comer.

— *Je reviens, tout de suite* — disse-lhes eu.

Dependurei minhas pernas sobre o alçapão, encontrei a escada e desci. É curioso como a conversa é tranquilizadora, principalmente sobre temas abstratos: parece normalizar os ambientes mais estranhos. Já não me sentia mais amedrontado. Era como se eu houvesse deixado um aposento familiar e devesse voltar dentro em pouco para reiniciar o argumento: a torre de observação era a rua

Catinat, o bar do Majestic, ou mesmo um aposento junto a Gordon Square.

Fiquei parado um minuto embaixo da torre, para habituar a vista à escuridão. Havia a claridade das estrelas, mas não luar. O luar lembra-me um necrotério, bem como a luz fria de uma lâmpada nua sobre uma laje de mármore; mas a luz das estrelas é viva e móvel, quase como se alguém, nos vastos espaços, estivesse procurando transmitir-nos uma mensagem de boa vontade, pois mesmo os nomes das estrelas são cordiais. Vênus é qualquer mulher que amemos; as Ursas são os ursos da infância, e creio que o Cruzeiro do Sul, para os que acreditam, como minha esposa, bem pode ser um hino religioso favorito ou uma oração ao lado da cama. Senti, em certo momento, um arrepio, como acontecera com Pyle. Mas a noite estava bastante quente: só o raso lençol de água, de ambos os lados, parecia gelar, de certo modo, o calor. Caminhei na direção do automóvel e, por um momento, ao parar na estrada, tive a impressão de que ele já não estava lá. Aquilo abalou minha confiança, mesmo depois que me lembrei de que enguiçara trinta metros além. Não pude deixar de andar com os ombros encolhidos, pois me sentia mais cauteloso daquela maneira.

Para tirar o cobertor, tive de abrir o porta-malas, e o ruído do trinco fez-me estremecer no silêncio. Não me agradava nada ser o único ruído numa noite que podia estar cheia de gente. Com o cobertor sobre o ombro, fechei o porta-malas com mais cuidado do que o abrira e, justamente nesse momento, quando o trinco se fechou, o céu, dos lados de Saigon, foi iluminado por um clarão e o som de explosão veio reboando pela estrada. Uma metralhadora espocou por duas vezes, silenciando de novo antes que cessasse

aquela reboar. “Alguém recebeu o seu”, pensei, e, muito ao longe, ouvi gritos de dor, de medo ou, talvez de triunfo. Não sei por que, mas pensara, durante todo o tempo, num ataque lançado por trás, ao longo da estrada pela qual havíamos passado, e pareceu-me, por um momento, injusto que as tropas do Vietminh já estivessem à frente, entre nós e Saigon. Era como se nós estivéssemos, inconscientemente, caminhando em direção do perigo, ao invés de afastar-nos dele, assim como eu estava agora caminhando em sua direção, de volta à torre. Eu andava porque era menos barulhento do que correr, mas meu corpo desejava correr.

Ao pé da escada, chamei por Pyle:

— Sou eu: Fowler.

(Mesmo então, não me foi possível dizer-lhe o meu primeiro nome.)

A cena, no interior da torre, mudara. As panelas de arroz estavam no chão; um dos homens empunhava o fuzil sobre o quadril, com as costas apoiadas à parede, e fitava Pyle, ajoelhado perto da parede oposta, os olhos postos na metralhadora portátil, que se achava entre ele e o segundo guarda. Era como se houvesse começado a arrastar-se para a metralhadora e tivesse sido detido. O braço do segundo guarda estava estendido para a arma; ninguém havia lutado ou feito sequer uma ameaça: era como aquele jogo infantil em que ninguém deve ver que a gente se moveu, pois, do contrário, nos enviam novamente à base, para começar de novo.

— Que é que há? — perguntei.

Os dois guardas olharam para mim, e Pyle deu um salto, puxando a metralhadora para o lado em que se achava.

— Isso é uma brincadeira?

— Não confio nele com a arma na mão, se a torre for atacada — respondeu Pyle.

— Você já usou uma metralhadora?

— Não.

— Excelente. Nem eu. Espero que esteja carregada, pois, do contrário, não saberíamos carregá-la.

Os guardas haviam aceitado tranqüilamente a perda da metralhadora. O outro baixou o fuzil e colocou-o atravessado sobre o colo; o segundo acorrou-se junto à parede e fechou os olhos, como uma criança que se julgasse invisível no escuro. Talvez se sentisse alegre por não ter mais responsabilidade. Em algum lugar, ao longe, a metralhadora espocou de novo: três rajadas e, depois, silêncio. O outro guarda também fechou completamente os olhos.

— Eles não sabem que não sabemos lidar com isso — comentou Pyle.

— Eles estão, segundo se supõe, do nosso lado.

— Julguei que você não tivesse nenhum lado.

— *Touché!* — exclamei. — Gostaria que o pessoal do Vietminh também o soubesse.

— Que é que está acontecendo por lá?

Citei a edição do *Extrême-Orient* do dia seguinte:

— “Um posto, a cinqüenta quilômetros de Saigon, foi atacado e temporariamente ocupado, ontem à noite, por tropas irregulares do Vietminh”.

— Acha que estaríamos mais seguros nos arrozais?

— Seria terrivelmente úmido.

— Você não parece preocupado — disse Pyle.

— Estou morto de medo, mas as coisas me parecem melhores do que poderiam ser. Eles, em geral, não atacam mais do que três postos numa noite. Nossas probabilidades melhoraram.

— Que barulho é esse?

Era o ruído de um carro pesado a passar pela estrada, na direção de Saigon. Aproximei-me da abertura da parede e olhei para fora, justamente no momento em que passava um tanque.

— A patrulha! — exclamei.

O canhão da parte superior do tanque voltava-se ora para um lado, ora para outro. Tive vontade de gritar, para chamar-lhes a atenção. Mas de que valia? Eles não dispunham de lugar para dois civis inúteis. O chão tremeu um pouco quando passaram — e lá foram eles. Olhei meu relógio — oito e cinqüenta e um — e esperei, atento, para ver as horas quando a luz oscilasse. Era como calcular-se a distância do raio pela demora antes do trovão. Decorreram quase quatro minutos antes que o canhão abrisse fogo. Em certo momento, julguei ouvir a resposta de uma bazuca. Depois, tudo ficou quieto de novo.

— Quando eles voltarem — disse Pyle —, poderíamos fazer-lhes um sinal para que nos levassem até o quartel.

Uma explosão fez com que o chão estremecesse.

— Se eles voltarem — respondi. — Essa explosão me parece de uma mina. — Quando consultei de novo o relógio, tinham decorrido

quinze minutos, e o tanque ainda não havia voltado. Não se ouviu mais nenhum tiro.

Sentei-me ao lado de Pyle e estendi as pernas.

— É melhor procurarmos dormir. Nada mais há que possamos fazer.

— Não me sinto muito tranqüilo com esses guardas — respondeu Pyle.

— Não há perigo, a não ser que o pessoal do Viet-minh ataque. Ponha a metralhadora debaixo das pernas, para segurança.

Fechei os olhos e procurei imaginar que estava em outro lugar — sentado num dos compartimentos de quarta classe existentes nas estradas de ferro alemãs, antes de Hitler subir ao poder, no tempo em que a gente era jovem e passava a noite toda sentado sem sentir melancolia: quando os devaneios eram cheios de esperança e não de medo. Aquela era a hora em que Phuong sempre estava ao meu lado, preparando os meus cachimbos da tarde. Perguntei a mim mesmo se não haveria uma carta à minha espera: eu esperava que não, pois sabia o que uma carta conteria, e, enquanto não chegasse nenhuma, eu poderia sonhar com o impossível.

— Você está dormindo? — perguntou Pyle.

— Não.

— Não acha que devíamos puxar a escada para cima?

— Começo a compreender por que eles não o fazem. É a única saída.

— Gostaria que o tanque voltasse.

— Agora, já não voltará.

Procurei não olhar o relógio, salvo em longos intervalos — e os intervalos não eram nunca tão longos como pareciam. Nove e quarenta, dez e cinco, dez e doze, dez e trinta e dois, dez e quarenta e cinco.

— Está acordado? — perguntei.

— Estou.

— Em que é que você está pensando?

Ele hesitou.

— Em Phuong.

— Sim?

— Perguntava aos meus botões o que estaria ela fazendo.

— Eu posso dizer-lhe. Terá pensado, por certo, que eu passarei a noite em Tanyin. Não seria a primeira vez que isso acontece. Poderá estar deitada, tendo ao lado, aceso, um pedaço de madeira odorífica, para espantar os mosquitos, e estar olhando as figuras de um velho número do *Paris-Match*. Como os franceses, ela sente verdadeira paixão pela família real.

— Seria maravilhoso poder saber exatamente — disse ele, melancólico, e eu pude imaginar os seus suaves olhos de cão, ali no escuro. Deviam ter-lhe dado o nome de Fido, e não Alden.

— Eu não sei com certeza, mas o que imagino é provavelmente certo. De nada vale a gente sentir ciúmes, quando nada pode fazer a respeito. “Não há uma barricada para proteger um ventre.”

— Às vezes, odeio a sua maneira de falar, Thomas. Sabe como ela me parece? Parece-me fresca, como uma flor.

— Pobre flor! Há uma porção de ervas daninhas em torno.

— Onde foi que você a conheceu?

— Ela estava dançando no Grand Monde.

— Dançando? — exclamou ele, como se a idéia lhe fosse penosa.

— É uma profissão perfeitamente respeitável — respondi. — Não se preocupe.

— Você tem tanta experiência, Thomas!

— O que eu tenho é uma porção de anos! Quando você chegar à minha idade...

— Nunca tive uma pequena... no verdadeiro sentido da expressão. Nada do que se poderia chamar experiência.

— Vocês, americanos, parecem gastar no assobio demasiada energia.

— Jamais disse isso a quem quer que fosse.

— Você é jovem. Não é uma coisa de que deva envergonhar-se.

— Você conheceu muitas mulheres, Fowler?

— Não sei o que “muitas mulheres” significa. Apenas quatro mulheres tiveram alguma importância para mim... ou eu para elas. As outras quarenta restantes, a gente não sabe por que razão se meteu com elas. Por uma questão de higiene, ou de obrigações sociais — duas coisas erradas.

— Você acha que elas são um erro?

— Quem me dera ter de volta as noites desperdiçadas! Eu ainda estou amando, Pyle, e já estou gasto. Oh, há ainda a questão do orgulho! Demora muito para que a gente deixe de sentir-se

orgulhoso por ser desejado. Embora só Deus saiba a razão de a gente sentir orgulho por isso, quando olhamos em torno e vemos também quem é desejado.

— Você não acha que haja alguma coisa errada em mim, acha. Thomas?

— Não, Pyle.

— Isto não quer dizer que eu não precise disso, como toda a gente. Não sou... diferente.

— Nenhum de nós precisa disso tanto como dizemos. Existe muita auto-sugestão a respeito. Hoje, sei que não preciso de ninguém — exceto Phuong. Mas isto é uma coisa que a gente aprende com o tempo. Eu poderia passar um ano sem uma noite sequer de intranqüilidade se ela não estivesse presente.

— Mas ela está presente — disse ele, numa voz que mal pude ouvir.

— A gente começa promiscuamente e acaba como o próprio avô: fiel a uma única mulher.

— Creio que parece bastante ingênuo começar dessa maneira...

— Não.

— Isso não está no Relatório Kinsey.

— Por isso é que não é ingênuo.

— É muito bom, Thomas, estar aqui, conversando com você desta maneira. De qualquer modo, isso já não me parece mais perigoso.

— É o que costumávamos sentir por ocasião dos bombardeios

aéreos, quando havia um pausa — respondi. — Mas eles sempre recomeçavam.

— Se alguém lhe perguntasse qual foi a sua mais profunda experiência sexual, que é que você responderia?

Eu sabia a resposta para aquela pergunta:

— Estar deitado numa cama, numa manhã muito cedo, e ver uma mulher em *robe de chambre* vermelho escovar os cabelos.

— Joe disse que era estar na cama com uma negra e uma chinesa, ao mesmo tempo.

— Eu também teria pensado o mesmo, aos vinte anos.

— Joe tem cinquenta.

— Gostaria de saber que idade mental lhe deram durante a guerra.

— Phuong foi a moça de *robe de chambre* vermelho?

Gostaria que não houvesse feito aquela pergunta.

— Não — respondi. — Essa mulher veio antes. Quando me separei de minha esposa.

— Que foi que aconteceu?

— Eu a abandonei, também.

— Porquê?

Por que, com efeito?

— Somos idiotas, quando amamos — respondi. — Tinha terror de perdê-la. Pareceu-me que ela estava diferente: não sei se realmente estava, mas não pude suportar a incerteza por mais tempo. Corri ao encontro do fim como um covarde corre ao

encontro do inimigo e ganha uma medalha. Queria que a morte me apanhasse.

— A morte?

— Foi uma espécie de morte. Depois, vim para o Oriente.

— E encontrou Phuong?

— Exatamente.

— Mas não ocorreu o mesmo com Phuong?

— Não foi a mesma coisa. A outra me amava. Eu tinha medo de perder o amor. Agora, tenho apenas medo de perder Phuong.

Por que aquilo? Ele não precisava que o encorajasse.

— Mas ela ama você, não ama?

— Não daquele modo. Não está em sua natureza. É um lugar-comum dizer que elas são infantis, mas há uma coisa que é infantil: elas nos amam em troca de nossas gentilezas, de segurança, dos presentes que lhes damos; odeiam-nos por causa de uma bofetada ou de uma injustiça. Não sabem o que é... apenas entrar num quarto e amar um estranho. Para um homem que está envelhecendo, Pyle, isso é muito seguro: ela não fugirá de casa enquanto sua casa for feliz.

Eu não queria ofendê-lo. Só percebi que o fizera quando ele me disse, com sufocada ira:

— Ela poderia preferir uma maior segurança, ou mais delicadeza.

— Talvez.

— Você não receia tal coisa?

— Não tanto quanto receei a outra.

— Mas você, afinal, a ama?

— Oh, Pyle, claro que a amo! Mas, daquela outra maneira, só ameí uma vez.

— Apesar das outras quarenta mulheres? — lançou-me ele em rosto.

— Estou certo de que isso está abaixo da média do Relatório Kinsey. Como você sabe, Pyle, as mulheres não gostam de virgens. E não estou certo de que nós gostemos, a menos que sejamos um tipo patológico.

— Eu não quis dizer que era virgem — respondeu ele.

Todas as minhas conversas com Pyle pareciam caminhar para o ridículo. Seria devido à sua sinceridade que elas se desviavam tanto do terreno costumeiro? Sua conversa jamais se colocava em certos ângulos.

— A gente pode possuir uma centena de mulheres e continuar ainda virgem, Pyle. A maioria dos expedicionários americanos enforcados era constituída de homens virgens. Nós não temos muitos deles na Europa. E fico contente com isso. Eles causam muito dano.

— Eu não consigo entendê-lo, Thomas.

— Não vale a pena explicar. Cheguei a uma idade em que o sexo não é um problema tão importante como a velhice e a morte. Acordo com essas coisas na mente, e não com o corpo de uma mulher. O que eu não quero é estar só em meu último decênio de vida. Eis aí tudo. Não saberia o que pensar durante todo o dia. Preferiria ter

uma mulher no mesmo quarto — mesmo que eu não a amasse. Mas, se Phuong me abandonasse, teria eu a energia de encontrar uma outra?

— Se isso é tudo o que ela significa para você...

— Tudo, Pyle? Espere até você ter medo de viver dez anos sozinho sem nenhuma companhia, até acabar num asilo para velhos. Então você começará a correr em qualquer direção, mesmo para longe daquela jovem de *robe de chambre* vermelho, à procura de alguém, de qualquer uma, que fique com você até o fim.

— Por que é que você não volta, então, para a sua esposa?

— Não é fácil de se viver com alguém que a gente feriu.

Uma metralhadora disparou uma longa rajada. Não devia estar a mais do que uma milha de distância. Talvez uma sentinela, assustada, estivesse disparando contra sombras: talvez um outro ataque houvesse começado. Eu esperava que fosse um ataque, pois que isso aumentaria as nossas probabilidades.

— Você está com medo, Thomas?

— Claro que estou. Com todos os meus instintos. Mas, em minha razão, sei que seria melhor morrer assim. Foi para isso que vim para o Oriente. A morte está sempre ao nosso lado.

Consultei o relógio; tinha passado das onze. Mais uma noite de oito horas, e poderíamos descansar.

— Parece que falamos sobre quase tudo, menos Deus — comentei. — Melhor deixarmos para falar sobre ele ao amanhecer.

— Você não acredita em Deus, acredita?

— Não.

— Para mim, as coisas não teriam sentido sem ele.

— Para mim, não têm sentido com ele.

— Li, certa vez, um livro...

Jamais fiquei sabendo qual o livro que Pyle lera. (Provavelmente, não fora York Harding, nem Shakespeare, nem a *Fisiologia do Casamento*. Talvez fosse *A Vida Triunfante*.) Uma voz chegou até nós dentro da torre; parecia falar das sombras, junto do alçapão: uma voz caver-nosa de megafone, dizendo algo em vietnamita.

— Estamos preparados para isso — disse eu.

Os dois guardas ficaram atentos a escutar, boquiabertos, com os rostos voltados para a abertura existente na parede.

— O que é isso? — perguntou Pyle.

Quando me dirigi para a abertura era como se caminhasse em meio da voz. Olhei para fora rapidamente; não havia nada que se pudesse ver; não podia sequer distinguir a estrada. Quando me voltei, o fuzil estava apontado, não sei se para mim ou para a abertura. Mas, ao mover-me junto à parede, o fuzil titubeou, hesitou, manteve-se debaixo de mira: a voz continuava a repetir e a repetir a mesma coisa. Sentei-me, e o fuzil baixou.

— Que é que ele está dizendo? — perguntou Pyle.

— Não sei. Creio que encontraram o carro e estão dizendo a estes sujeitos que nos entreguem, ou coisa que o valha. É melhor você apanhar a metralhadora antes que eles decidam o que fazer.

— Ele atirá.

— Ele ainda não está certo disso. Quando estiver, atirá de

qualquer maneira.

Pyle moveu as pernas, e o fuzil se ergueu novamente.

— Movo-me junto à parede — disse eu. — Quando ele desviar o olhar, aponte-lhe a metralhadora.

Logo que me levantei, a voz parou: o silêncio fez-me saltar.

— Largue o fuzil! — ordenou Pyle, ríspido.

Tive apenas tempo de pensar se a metralhadora estaria ou não carregada — pois não me dera ao trabalho de verificar — quando o homem largou o fuzil no chão.

Atravessei o quarto e apanhei-o. Então, a voz começou de novo. Tive a impressão de que não mudara nenhuma sílaba. Talvez usassem um disco. Pensei com os meus botões quando expiraria o ultimato.

— Que acontecerá agora? — perguntou Pyle, como um colegial a observar uma experiência de laboratório: ele não parecia pessoalmente interessado.

— Talvez uma bazuca. Talvez um Vietminh.

Pyle examinou a metralhadora portátil.

— Não parece haver nenhum mistério a respeito disto — disse ele. — Dou uma descarga?

— Não. Deixe que eles hesitem. Eles prefeririam tomar o posto sem disparar, dando-nos tempo para escapar. Seria melhor darmos o fora depressa.

— Podem estar esperando lá embaixo.

— É possível.

Os dois homens nos observavam. Escrevo “dois homens”, mas duvido que as suas idades, somadas, chegassem a quarenta anos.

— E estes? — perguntou Pyle, acrescentando, de modo chocantemente direto: — Devo atirar contra eles?

Talvez desejasse experimentar a arma.

— Eles não nos fizeram nada.

— Eles iam entregar-nos.

— Por que não? Não devíamos estar aqui. Estão em seu país.

Descarreguei o fuzil e pu-lo no chão.

— Você, certamente, não vai deixá-lo aí.

— Estou muito velho para andar com um fuzil. E nada tenho com esta guerra. Vamos embora.

Eu nada tinha com aquela guerra, mas gostaria que os outros, em meio da escuridão, também soubessem disso. Apaguei o lampião e dependurei minhas pernas sobre o alçapão, procurando a escada. Podia ouvir os guardas a sussurrar entre si como cantores, em sua linguagem que era como uma canção.

— Siga reto — recomendei a Pyle — em direção do arrozal. Lembre-se de que há água. Não sei qual a profundidade. Pronto?

— Sim.

— Obrigado pela companhia.

— É sempre um prazer.

Ouvi os guardas mexendo-se atrás de nós. Será que não teriam punhais? A voz do megafone falava peremptoriamente, como se oferecesse uma última oportunidade. Algo se mexeu de leve no

escuro, abaixo de nós, mas poderia ter sido um rato. Hesitei.

— Quem me dera ter aqui um drinque! — sussurrei.

— Vamos embora.

Alguma coisa subia a escada; eu não ouvia nada, mas senti a escada estremecer sob meus pés.

— Que é que o detém? — perguntou Pyle.

Não sei por que pensei naquela furtiva aproximação como se fosse “uma coisa”. Só um homem poderia subir uma escada; não obstante, eu não podia pensar naquilo como sendo um homem como eu: era como se um animal estivesse se movendo para matar, muito silenciosa e certamente, com a implacabilidade de uma outra espécie de criação. A escada tremia sem cessar, e eu julguei ver-lhe os olhos voltados para o alto, a brilhar. Súbito, não pude mais suportar aquilo — e saltei. Mas não havia absolutamente nada ali, salvo o chão esponjoso. que tomou meu tornozelo e o torceu, como uma mão poderia ter feito. Podia ouvir Pyle descendo a escada. Compreendi que eu não passara de um tolo assustado, que não conseguira reconhecer o seu próprio tremor — eu, que me considerava duro e pouco sugestionável, como deveria ser um repórter e um observador fiel. Pus-me de pé e quase caí de novo de dor. Segui para o arrozal, arrastando uma perna, e percebi que Pyle me seguia. Então, a granada de uma bazuca explodiu contra a torre e caí de novo por terra.

— Você está ferido? — perguntou Pyle.

— Alguma coisa me atingiu a perna. Nada de grave.

— Vamos dar o fora daqui.

Podia vê-lo, porque ele parecia estar coberto por uma tênue poeira branca. De repente, porém, desapareceu, como uma imagem na tela quando as lâmpadas do projetor falham: somente a banda de som continuava. Apoiei-me, com cuidado, no joelho sã e procurei erguer-me sem fazer qualquer pressão sobre o meu tornozelo esquerdo, mas arriei de novo, quase sufocado de dor. Não era meu tornozelo: alguma coisa acontecera com a minha perna esquerda. Não pude preocupar-me, pois a dor dissipava a preocupação. Fiquei imóvel no chão, esperando que a dor não me encontrasse novamente. Sustinha até a respiração, como a gente faz quando está com dor de dentes. Não pensei nos soldados do Vietminh, que logo estariam examinando as ruínas da torre. Uma outra granada explodiu contra ela: estavam tomando todas as precauções antes de aproximar-se. Quanto dinheiro é preciso — pensei, quando a dor cedeu — para matar umas poucas criaturas humanas! Fica muito mais barato matar cavalos. Eu não devia estar inteiramente consciente, pois pus-me a pensar no pátio de um comprador de cavalos que era o terror da minha infância, na pequena cidade em que nasci. Costumávamos pensar que ouvíamos o relinchar dos animais amedrontados, bem como a explosão da arma do matador implacável.

Já fazia algum tempo desde que a dor voltara, agora que eu estava deitado quieto — e sustar o fôlego parecia-me igualmente importante. Pensei, de maneira inteiramente lúcida, se não valeria a

pena arrastar-me na direção dos arrozais. Talvez os soldados não tivessem tempo de dar uma busca tão longe. Outra patrulha já teria saído, naquela altura, a fim de procurar estabelecer contato com a tripulação do primeiro tanque. Mas eu tinha mais medo da dor do que dos guerrilheiros — e permaneci imóvel. Não havia sinal algum de Pyle, que, naturalmente, já devia ter alcançado os arrozais. De repente, ouvi alguém a soluçar: era como uma criança que estivesse assustada com a escuridão e tivesse medo de gritar. Supus que fosse um dos dois rapazes; talvez seu companheiro houvesse sido morto. Fiz votos para que os guerrilheiros não lhe cortassem o pescoço. Não se devia fazer uma guerra com crianças — e a lembrança de um pequeno corpo encolhido, no fundo de um fosso, veio-me à memória. Fechei os olhos — pois isso também ajudava a manter a dor afastada — e esperei. Uma voz, vinda de longe, a dizer algo que eu não entendia. Senti que quase me seria possível dormir naquela escuridão, naquela solidão e naquela ausência de dor.

De repente, ouvi Pyle a sussurrar:

— Thomas, Thomas...

Ele aprendera depressa a andar sem ruído — pois não ouvi quando se aproximou.

— Vá embora — respondi, num sussurro.

Deparou comigo e deitou-se ao meu lado.

— Por que foi que você não seguiu? Está ferido?

— Minha perna. Creio que está quebrada.

— Foi uma bala?

— Não, não. Um pedaço de madeira. Uma pedra. Alguma coisa

que saltou com a explosão da torre. Não está sangrando.

— Você tem de fazer um esforço.

— Vá embora, Pyle. Não quero. Dói muito.

— Qual das pernas?

— A esquerda.

Arrastou-se até o meu lado e passou o meu braço sobre o ombro. Tive vontade de choramingar como o rapaz da torre, mas, de repente, fiquei furioso, embora fosse difícil exprimir num sussurro a raiva que sentia.

— Que o leve o diabo, Pyle! Deixe-me em paz. Quero ficar aqui.

— Você não pode fazer isso.

Ele estava me puxando para o ombro e a dor era intolerável.

— Não queira ser um maldito herói! Eu não quero ir.

— Você precisa ajudar. Do contrário, seremos ambos apanhados.

— Você...

— Fique quieto. Do contrário, eles o ouvirão.

Eu estava chorando de raiva, por não poder empregar uma palavra mais forte. Apoiei-me a ele e deixei minha perna esquerda dependurada: éramos como participantes desajeitados de uma corrida de três pernas, e não teria tido a mínima oportunidade se, no momento em que nos pusemos em movimento, uma metralhadora não começasse a atirar em rajadas curtas, em algum lugar da estrada, na direção da torre próxima: talvez alguma patrulha estivesse abrindo caminho, ou talvez estivessem completando a sua tarefa de destruir três torres. O disparar da metralhadora abafava o

ruído de nossa lenta e desajeitada fuga.

Não sei, com certeza, se me conservei consciente durante todo o tempo: penso que, nos últimos vinte metros, Pyle deve ter tido de agüentar quase todo o meu peso.

— Cuidado, aqui — disse ele. — Estamos penetrando no arrozal.

O arrozal, seco, farfalhava ao nosso redor, e a lama, em que chapinhávamos, se levantava. Quando Pyle se deteve, a água chegava à nossa cintura. Ele estava arquejante — e o arfar de sua respiração lembrava uma rã.

— Lamento muito — disse-lhe eu.

— Eu não podia abandoná-lo.

A primeira sensação foi de alívio: a água e a lama seguravam-me suave e firmemente a perna, como uma atadura, mas logo estávamos a tiritar de frio. Perguntei aos meus botões se já não seria mais de meia-noite; talvez tivéssemos de agüentar aquilo por mais seis horas, se os guerrilheiros não nos encontrassem.

— Você poderia mudar um pouco de posição? — perguntou Pyle.
— Apenas por um momento?

Minha irritação, irrefletida, voltou: não havia nenhuma desculpa para ela, salvo a dor. Eu não pedira para ser salvo, nem para que a morte fosse adiada de uma maneira assim tão dolorosa. Pensei com saudade em meu leito, na terra dura e seca. Fiquei como uma garça, apoiado numa única perna, procurando aliviar Pyle do meu peso — e, quando me mexia, as hastes do arroz tocavam em mim de leve, partiam-se, estalavam.

— Você me salvou a vida lá, para que eu viesse morrer aqui —

disse eu a Pyle, que, como uma resposta convencional, pigarreou. — Mas eu prefiro terra seca.

— É melhor não falar — respondeu Pyle, como se se dirigisse a um inválido. — Temos de poupar nossas forças.

— Quem, com mil diabos, lhe pediu para salvar-me a vida? Vim para o Oriente a fim de ser morto. Só a sua maldita impertinência...

Cambaleei na lama e Pyle segurou-me o braço em torno de seu ombro.

— Apóie-se em mim.

— Você tem visto filmes de guerra. Não somos fuzileiros, e você não poderá ganhar uma medalha.

— Psiu!...

Podíamos ouvir passos que se aproximavam do arrozal; a metralhadora, na estrada, deixou de atirar; não havia qualquer outro ruído, exceto o dos passos e o do ligeiro farfalhar dos pedículos, quando respirávamos. De repente, os passos cessaram; pareciam estar apenas a poucos metros. Senti a mão de Pyle fazendo pressão para que eu me abaixasse lentamente; afundamos juntos, muito devagar, na lama, a fim de fazer o menor ruído possível em meio do arrozal. Apoiado num dos joelhos, eu podia, estendendo a cabeça para trás, apenas conservar a boca fora da água. A dor na perna voltou e eu pensei: “Se desmaiar aqui, morrerei afogado”. Não só odiara, como temera sempre a idéia de morrer afogado. Por que é que a gente não pode escolher a própria morte? Agora, não havia ruído algum: talvez, poucos passos além, eles estivessem à espera de um movimento, uma tosse, um espirro. “Oh, Deus do céu!”, pensei. “Vou espirrar.” Se ele, ao menos, me houvesse deixado sozinho, eu

seria responsável apenas pela minha própria vida, não a dele — e ele queria viver. Apertei os dedos sobre o lábio superior, empregando aquele truque que aprendemos quando crianças, ao brincar de esconde-esconde, mas a vontade de espirrar persistia: o espirro estava pronto para irromper, enquanto os outros, silenciosos, na escuridão, o esperavam. Vinha vindo, vinha vindo, veio...

Mas, exatamente no instante em que espirrei, os guerrilheiros do Vietminh dispararam suas metralhadoras portáteis, traçando uma linha de fogo pelo arrozal: o espocar das armas abafou o meu espirro com o seu barulho perfurante, como o de uma máquina a abrir orifícios numa chapa de aço. Aspirei fundo e afundei — tão instintivamente a gente evita a coisa, a coquetear com a morte, como uma mulher que exige ser raptada pelo amante. As ramas do arrozal foram vergastadas sobre as nossas cabeças — e a tormenta cessou. Surgimos à tona, para respirar, no mesmo momento, e ouvimos os passos que se distanciavam, na direção da torre.

— Escapamos desta! — disse Pyle.

E, mesmo em minha dor, perguntei aos meus botões para que havíamos escapado: eu, para a velhice, para uma mesa de redação, para a solidão; ele... sabemos, agora, que aquelas suas palavras foram prematuras.

Ficamos ali, em meio do frio, à espera. No lado da estrada que conduzia a Tanyin surgiu uma fogueira: ardia alegremente, como uma comemoração.

— É o meu carro — disse eu.

— É uma pena, Thomas! Detesto ver desperdício.

— Devia ter, no tanque, gasolina suficiente para pô-lo em

marcha. Você está tão gelado quanto eu, Pyle?

— Não poderia estar mais.

— Que tal se saíssemos daqui e nos deitássemos ao lado da estrada?

— Vamos esperar mais meia hora. — Mas o peso está todo sobre você.

— Eu agüento: sou jovem.

Ele pretendia fazer humorismo, mas, para mim, aquelas palavras me pareceram tão frias como a lama. Eu procurara desculpar-me das palavras pelas quais a minha dor se manifestara, mas, agora, ela falava novamente:

— Você é jovem, não há dúvida. Pode dar-se ao luxo de esperar, não pode?

— Não entendo o que você quer dizer, Thomas.

Tínhamos passado juntos um espaço de tempo que me parecia ser o de uma semana, mas ele não conseguia entender-me mais do que entendia francês.

— Você teria feito melhor se me tivesse deixado em paz.

— Eu não teria podido enfrentar Phuong — respondeu ele.

E o nome ali estava como se fosse a oferta de um banqueiro. Aceitei-a.

— Então foi por ela.

O que tornava o meu ciúme ainda mais absurdo e humilhante era o fato de precisar ser expresso no mais baixo dos sussurros. Faltava-me entonação, e o ciúme gosta de histriões.

— E você pensa que estes heroísmos a conquistarão! Como está enganado! Se eu estivesse morto, você poderia ficar com ela.

— Eu não quis dizer isso — respondeu ele. — Quando a gente está apaixonado, deseja entrar no jogo. Nada mais.

Aquilo era verdade, pensei. Mas como ele ingenuamente o dizia. Estar amando é ver-nos como alguém nos vê — é estar-se apaixonado pela imagem falsa e exaltada de nós mesmos. No amor, somos capazes de agir com honra: o ato de coragem nada mais é do que o desempenho de um papel para uma assistência constituída de duas pessoas. Talvez eu já não estivesse mais apaixonado, mas ainda me lembrava disso.

— Se estivesse em seu lugar, eu o teria abandonado.

— Oh, não! Não teria, Thomas.

E acrescentou, com insuportável complacência:

— Conheço-o melhor do que você mesmo.

Irritado, procurei afastar-me dele, suportando o meu próprio peso, mas a dor voltou, urrando como um trem num túnel, e apoiei-me ainda mais pesadamente contra ele, antes de começar a afundar na água. Ele passou ambos os braços em torno do meu corpo e puxou-me para cima; depois, palmo a palmo, começou a arrastar-me para a margem, junto da estrada. Uma vez lá, deixou-me estendido na lama rasa, junto ao barranco, na extremidade do arrozal — e, quando a dor cedeu, e eu abri os olhos e deixei de segurar o fôlego, pude ver apenas as cifras complicadas das constelações. Cifras estranhas que eu não sabia ler — pois não eram as estrelas de meu país. Seu rosto inclinou-se sobre mim, apagando-as.

— Vou seguir pela estrada, Thomas, para ver se encontro uma patrulha.

— Não seja idiota. Eles atirarão contra você, antes de saber quem você é. Se as tropas do Vietminh não toparem com você primeiro.

— É a nossa única chance. Você não pode ficar aí na água durante seis horas.

— Deixe-me, então, na estrada.

— Não seria bom que você ficasse com a metralhadora? — perguntou, não muito seguro.

— Claro que não. Se você está resolvido a ser um herói, pelo menos siga lentamente pelo arrozal.

— A patrulha passaria, sem que eu tivesse tempo de fazer-lhe sinal.

— Você não fala francês.

— Mas gritarei: “*Je suis frongçais*”. Não se preocupe, Thomas. Terei muito cuidado.

Antes que eu pudesse responder, ele já estava fora do alcance de um sussurro: seguia tão silenciosamente quanto possível, detendo-se de quando em quando. Eu podia vê-lo a luz do automóvel incendiado — mas não se ouviu nenhum tiro. Passou. Logo, além das chamas e, dentro de um instante, já não se ouvia o ruído de seus passos. Oh, não havia dúvida: ele estava sendo tão cauteloso quanto o fora ao descer o rio, em canoa, até Phat Diem. com a cautela de um herói numa história de aventuras juvenil, orgulhoso de sua cautela como um monitor de escoteiros — e inteiramente

inconsciente do absurdo e da improbabilidade da sua aventura.

Deitei-me e fiquei à espera dos tiros dos guerrilheiros do Vietminh ou de uma patrulha da Legião; mas não houve tiro algum. Pyle demoraria, provavelmente, uma hora, ou mais, para alcançar a próxima torre, se conseguisse alcançá-la. Voltei a cabeça o bastante para ver o que restava da nossa torre: um monte de barro, bambu e escoras, que parecia diminuir à medida que baixavam as chamas do carro. Veio a paz quando a dor se foi: uma espécie de Dia do Armistício para os nervos. Eu tinha vontade de cantar. Pensei como era estranho o fato de os homens da minha profissão transformarem uma noite como aquela em duas linhas de uma notícia. Era apenas uma noite comum; a única coisa estranha, nela, era eu. Ouvi, então, de novo, aquele choro abafado, que vinha de junto dos escombros da torre. Um dos guardas devia ainda estar vivo.

"Pobre diabo", pensei. "Se não tivéssemos enguiçado ao lado do seu posto, ele poderia ter-se rendido, como quase todos eles se rendiam, ou, então, fugido, ao primeiro sinal do megafone. Mas lá estávamos nós, dois brancos, e, além disso, tínhamos em nosso poder a metralhadora — e eles não ousaram mexer-se. Quando partimos, era tarde demais." Eu era responsável por aquela voz que chorava no escuro. Gabara-me, até então, de permanecer alheio a tudo aquilo, de não participar daquela guerra, mas aqueles ferimentos haviam sido infligidos por mim, como se eu houvesse usado a metralhadora, como Pyle quisera fazer.

Esforcei-me por sair do barranco e alcançar a estrada.

Desejava aproximar-me dele. A única coisa que eu podia fazer

era compartilhar da sua dor. Mas a minha própria dor me reteve. Agora, já não podia ouvi-lo. Fiquei estendido, sem ouvir outra coisa senão o latejar da minha própria dor, como um coração monstruoso. Contive a respiração e orei ao Deus em que não acreditava: “Faze com que eu morra ou desmaie. Faze com que eu morra ou desmaie”. E, então, suponho que perdi os sentidos, pois não senti mais nada, até que sonhei que as minhas pálpebras estavam congeladas e que alguém metia entre elas um cinzel para abri-las — e eu queria recomendar-lhe que não estragasse o globo ocular. Mas eu não podia falar e o cinzel atravessou as pálpebras — e uma lanterna brilhou sobre o meu rosto.

— Escapamos desta, Thomas — disse Pyle.

Lembro-me disso, mas não me lembro de nada do que Pyle descreveu, depois, para os outros: que eu acenara com a mão na direção errada e lhes dissera que havia um homem na torre, obrigando-os a que o procurassem. De qualquer modo, eu não poderia ter sentido o que Pyle, sentimentalmente, havia suposto. Conheço-me muito bem, e sei quão profundo é o meu egoísmo. Não posso sentir-me à vontade (e sentir-me à vontade é o que mais desejo) se alguém estiver sofrendo, ao meu lado, de modo visível, audível ou tátil. Às vezes, os ingênuos tomam tal coisa como altruísmo, quando tudo o que estou fazendo é apenas sacrificar um pequeno bem (neste caso, adiar os cuidados com o meu ferimento) tendo em vista um bem muito maior: paz de espírito, para que eu possa pensar somente em minha pessoa.

Voltara para dizer-me que o rapaz estava morto. E eu me senti feliz. Nem sequer precisei sofrer muita dor, depois que a injeção de morfina me penetrou na perna.

CAPÍTULO III

(1)

Subi lentamente a escada que conduzia ao apartamento, na Rua Catinat, parando, para descansar, no primeiro patamar. As velhas tagarelavam como sempre, aco-coradas junto à porta da privada, a carregar o destino nas rugas do rosto, como os outros o carregam na palma da mão. Calaram-se à minha passagem, e eu pensei no que poderiam ter-me dito se eu conhecesse o seu idioma: o que se passara enquanto eu estivera no hospital da Legião, situado na estrada de Tanyin. Eu havia perdido as minhas chaves na torre ou no arrozal, mas enviara a Phuong uma mensagem que ela, seguramente, devia ter recebido, se ainda lá estivesse. Aquele “se” revelava o grau da minha incerteza. Não recebera notícias dela no hospital, mas ela escrevia o francês com dificuldade e eu não sabia vietnamita. Bati à porta. Esta se abriu incontinenti, e tudo parecia o mesmo. Observei-a atentamente, enquanto ela perguntava pela minha saúde, tocava minha perna engessada e dava-me o ombro para que eu me apoiasse nele, como se eu pudesse apoiar-me com segurança em planta tão nova.

— Sinto-me contente de estar em casa.

Ela me disse que sentira a minha falta, o que era, por certo, o que eu desejava ouvir: ela sempre me dizia o que eu desejava ouvir, como um *coolí* a responder a perguntas, a menos que fosse por

acidente. Agora, eu esperava o acidente.

— Como foi que você se divertiu? — perguntei-lhe.

— Oh, visitei, muitas vezes, minha irmã. Ela arranhou um lugar com os americanos.

— Sempre arranhou, hein? Pyle ajudou?

— Pyle não. Joe.

— Quem é Joe?

— Você o conhece. O Adido Econômico.

— Oh, claro. Joe.

Era um homem que a gente sempre esquecia. Ainda hoje, não consigo descrevê-lo, salvo sua gordura, seu rosto bem barbeado e sua grande gargalhada. Toda a sua identidade me escapa, exceto que se chamava Joe. Há certos homens cujos nomes são sempre abreviados.

Com a ajuda de Phuong, estendi-me sobre a cama.

— Tem ido ao cinema? — perguntei.

— Há uma fita muito engraçada no Catinat — respondeu, pondo-se imediatamente a contar-me o enredo com grandes pormenores, enquanto eu lançava o olhar pelo quarto, à procura do envelope branco que devia conter um telegrama. Enquanto eu não lhe perguntava, podia acreditar que ela esquecerá de referir-se a ele, e que podia encontrar-se sobre a mesa, junto da máquina de escrever, ou no guarda-roupa, ou, ainda, talvez tivesse sido colocado, como medida de segurança, na gaveta do guarda-louça, onde ela conservava a sua coleção de echarpes.

— O agente do correio (penso que foi o agente do correio, mas pode ter sido o prefeito) seguiu-os até a casa, pediu emprestada uma escada ao padeiro e entrou pela janela do quarto de Corrine, mas ela já havia passado para o outro quarto, em companhia de François, mas eles não ouviram Mme. Bompierre chegando, e ela chegou e viu-os no alto da escada, e pensou...

— Quem era Mme. Bompierre? — perguntei, voltando a cabeça para a bacia da jarra, onde ela, às vezes, colocava as coisas, entre as loções.

— Eu já lhe disse. Era a mãe de Corrine, e ela estava à procura de um marido, porque era viúva...

Ela se sentou na cama e colocou a mão dentro da minha camisa, comentando:

— Foi muito divertido.

— Beije-me, Phuong.

Ela, sem nenhuma coqueteria, atendeu logo ao meu pedido, e continuou a contar o filme. Teria, do mesmo modo, sido minha sem nenhuma hesitação, se eu lhe pedisse, despindo incontinenti as calças compridas e retomando, depois, o fio da história de Mme. Bompierre e da entalada em que se achava o agente do correio.

— Há alguma correspondência para mim?

— Há.

— Por que não me deu?

— É muito cedo para você trabalhar. Você precisa ficar deitado e descansar.

— Talvez não se trate de trabalho.

Ela deu-me a mensagem, que havia sido aberta. Dizia: “Quatrocentas palavras desejadas acontecimentos passados, conseqüências da saída de Lattre sobre situação militar e política”.

— Sim — disse eu. — É trabalho. Como é que você sabia? Por que foi que o abriu?

— Pensei que fosse de sua esposa. Esperava que fossem boas notícias.

— Quem o traduziu para você?

— Levei-o para minha irmã.

— Se tivessem sido más notícias você me abandonaria, Phuong?

Ela esfregou a mão em meu peito para tranquilizar-me, sem compreender que, aquela vez, eu precisava de palavras, embora não fossem verdadeiras.

— Você gostaria de um cachimbo? *Há* uma carta Para você. Penso que talvez seja dela.

— Você também a abriu?

— Não abro suas cartas. Os telegramas são públicos. Os empregados do telégrafo os lêem.

O envelope estava entre as echarpes. Ela apanhou-o com a ponta dos dedos e colocou-o sobre a cama. Reconheci a letra.

— Se for má notícia, que é que você...

Eu sabia que não poderia ser senão má notícia. Um telegrama poderia ter significado um ato súbito de generosidade; uma carta só poderia significar explicação, justificação... De modo que interrompi a pergunta, pois não era honesto pedir que fizesse uma promessa

que ninguém poderia cumprir.

— De que é que você está com medo? — perguntou Phuong.

E eu pensei: “Estou com medo da solidão, do Clube de Imprensa, de um apartamento de solteiro, de Pyle”.

— Dê-me conhaque com soda.

Olhei o começo da carta, “Caro Thomas”, e o final, “Afetuosamente, Helen” — e esperei o conhaque.

— É *dela*?

— É.

Antes de ler, comecei a pensar se, no fim, eu deveria mentir ou dizer a verdade a Phuong.

Caro Thomas:

Não me causa surpresa receber sua carta e saber que você não está só. Você não é homem — não é verdade? — que possa ficar só muito tempo. Você apanha mulheres como os seus paletós apanham pó. Talvez eu sentisse mais simpatia pelo seu caso, se não soubesse que, uma vez em Londres, você encontrará muito facilmente consolo. Não creio que você acredite em mim, mas o que me contém e impede de lhe telegrafar simplesmente um “Não”, é pensar nessa pobre moça. Nós, em geral, deixamo-nos envolver mais do que vocês.

Tomei um gole de conhaque. Eu não percebera quanto as feridas sexuais ainda permanecem abertas com o correr dos anos. Descuidadamente — sem escolher as palavras com habilidade — fizera com que as dela de novo sangrassem. Quem poderia censurá-la por procurar atingir, por sua vez, as minhas próprias cicatrizes?

Quando somos infelizes, ferimos os outros.

— Más notícias? — perguntou Phuong.

— Um pouco ásperas. Mas ela tem o direito...

Continuei a ler:

Sempre julguei que você amasse Anne mais do que a todos nós, até que você fez as malas e partiu. Agora, parece que você está planejando deixar uma outra mulher, pois posso perceber, pela sua carta, que você, na verdade, não espera uma resposta “favorável”. “Fiz o melhor que podia” — não é isso que você está pensando? Que é que você faria, se eu telegrafasse “Sim”? Casaria, na verdade, com ela? (Tenho de escrever “ela”, pois você não me disse qual o seu nome.) Talvez casasse. Suponho que, como o resto de nós, você está envelhecendo e não gosta de viver só. Eu, também, às vezes, me sinto muito só. Ouvei dizer que Anne encontrou um outro companheiro. Você a deixou em tempo.

Ela encontrara exatamente a crosta da velha cicatriz. Tomei outro trago. “Uma questão de sangue...” — a frase que me assomou ao espírito.

— Deixe que lhe prepare outro cachimbo — disse Phuong.

— O que quiser — respondi. — O que quiser.

Eis aí uma das razões por que devo dizer “Não”. (Não precisamos tocar na questão religiosa, pois você nunca compreendeu nem acreditou nisso.) O casamento não o impede de abandonar uma mulher, impede? Apenas retarda o acontecimento — e seria tanto mais injusto, no caso dessa moça, se você a abandonasse depois de tanto tempo quanto o que viveu comigo.

Você não a traria para a Inglaterra, onde ela se sentiria perdida e como uma estranha — e, quando você a deixasse, quão abandonada ela não se sentiria! Estou sendo rude porque estou pensando mais no bem dela do que no seu. Mas, meu caro Thomas, também estou pensando no seu próprio bem.

Senti-me fisicamente mal. Fazia muito tempo que eu não recebia uma carta de minha mulher. Eu a forcara a escrever e, agora, podia sentir o seu sofrimento em cada linha. Seu sofrimento ligou-se ao meu: estávamos de novo na antiga rotina de ferir-nos mutuamente. Se ao menos fosse possível amar sem causar dano! A fidelidade não basta: eu fora fiel a Anne e, não obstante, ferira-a. O sofrimento está no ato da posse: somos muito pequenos de espírito e de corpo para possuir outra pessoa sem orgulho, ou para sermos possuídos sem humilhação. De certo modo, eu estava contente com o fato de minha mulher haver-se lançado de novo contra mim: eu esquecera, durante muito tempo, o seu sofrimento, e aquela era a única espécie de recompensa que podia dar-lhe. Infelizmente, os inocentes estão sempre envolvidos em todo conflito. Sempre, em toda a parte, há uma voz a chorar junto de uma torre. Phuong acendeu o fogo para o ópio.

— Ela deixará que eu case com você?

— Não sei ainda.

— Ela não diz isso?

— Se o diz, di-lo de um modo muito lento.

“Quanto você se gaba de ser *degagé*, o repórter, e não o escritor de idéias, e que embrulhada você não faz atrás dos bastidores!”, pensei. “A outra espécie de guerra é mais inocente do que esta.

Causa-se menos dano com um morteiro.”

Se contrariasse as minhas mais profundas convicções e dissesse “Sim “, isso ao menos seria bom para você? Você diz que está sendo chamado de volta à Inglaterra, e bem posso compreender quanto você adiará tal coisa, fazendo tudo para torná-la mais difícil. Posso, aqui, contrair matrimônio, após uns drinques a mais. A primeira vez, nós o tentamos realmente — tanto você quanto eu — e fracassamos. Não se tenta tanto uma segunda vez. Você diz que será o fim de sua vida, se perder essa moça. Certa vez, você me disse exatamente essa mesma frase (posso mostrar-lhe a carta, pois que ainda a conservo) e suponho que escreveu a mesma coisa a Anne. Você diz que procuramos sempre dizer a verdade um ao outro, mas, Thomas, a sua verdade é sempre tão temporária! De que me vale estar aqui a argumentar com você, ou procurar fazer com que você veja a razão? É mais fácil agir como minha fé me manda agir e — como você pensa insensatamente — simplesmente dizer: não acredito em divórcio. Minha religião o proíbe e, assim, minha resposta, Thomas, é: “Não “.

— “Não”.

Havia ainda mais meia página, que não li, antes do “*Afetuosamente, Helen*”. Penso que continha notícias sobre o tempo e sobre uma de minhas tias, que eu muito queria.

Eu não tinha de que me queixar, pois esperava aquela resposta. Havia muita verdade nela. Teria preferido, apenas, que ela não pensasse assim em voz alta, de maneira tão extensa, quando tais pensamentos nos feriam a ambos.

— Ela diz “Não”?

— Ela ainda não se decidiu. Há ainda esperança.

— Você diz “esperança” com uma cara tão desanimada ! — comentou Phuong, rindo.

Deitou-se aos meus pés como um cão sobre o túmulo de um cruzado, a preparar o ópio, e eu pensei no que deveria dizer a Pyle. Depois de fumar quatro cachimbos, senti-me mais preparado para o futuro. E disse-lhe que havia bastante esperança, pois que minha esposa estava consultando um advogado. A qualquer momento, eu receberia o telegrama da libertação.

— Eu não me importaria muito. Você poderia fazer um acordo.

E, através de suas palavras, eu podia ouvir a irmã, falando.

— Eu não tenho economias — respondi. — Não poderia fazer uma oferta melhor que a de Pyle.

— Não se preocupe. Alguma coisa poderá acontecer. Há sempre alguma maneira. Minha irmã diz que você poderia fazer um seguro de vida.

E eu pensei como ela encarava a vida com realismo, não diminuindo a importância do dinheiro e não procurando fazer declarações de amor eterno. Perguntei a mim mesmo de que maneira Pyle, com o passar dos anos, suportaria uma situação como aquela, pois Pyle era um romântico: mas, no seu caso, haveria, sem dúvida, um bom acordo, e a dureza da situação poderia ser atenuada, como um músculo que não é usado quando já não existe necessidade de usá-lo. Os ricos levavam vantagem em ambos os sentidos.

Aquela noite, antes que as lojas se fechassem na Rua Catinat,

Phuong comprou mais três echarpes de seda. Sentou-se na cama e estendeu-as para que eu as visse, lançando exclamações diante das cores vivas, a encher o vazio com a sua voz melodiosa; depois, dobrou-as, cuidadosamente, e colocou-as em sua gaveta, junto a uma dúzia de outras echarpes. Era como se estivesse lançando as bases de um modesto ajuste. Quanto a mim, lancei também as bases loucas do meu, escrevendo, naquela mesma noite, uma carta a Pyle, com a clareza e a visão, merecedoras de pouca confiança, do ópio. Vejamos, adiante, o que escrevi, segundo a folha de papel que encontrei, outro dia, enfiada entre as páginas de *O Papel do Ocidente*, de York Harding. Ele devia estar lendo o livro quando a minha carta chegou. Talvez a tivesse usado para marcar o livro, e não tivesse continuado, depois, a leitura.

“Caro Pyle”, escrevi, e fui tentado, essa única vez, a escrever “Caro Alden”, pois, afinal de contas, aquela era uma carta pueril, embora de certa importância, e diferia muito pouco de outras cartas pueris, quanto à falsidade que continha.

“Caro Pyle: pensei em escrever-lhe do hospital, afim de agradecer o que você fez aquela noite. Você certamente me salvou de um fim nada agradável Estou andando de novo com a ajuda de uma bengala, pois, ao que parece, minha perna partiu num bom lugar, e a idade ainda não atingiu meus ossos, tornando-os quebradiços. Precisamos reunir-nos, qualquer dia, para comemorar.” (Minha pena emperrou nessa palavra e, então, como uma formiga que depara com um obstáculo, contornou-o por outro caminho.) “Tenho algo para comemorar e sei que você, também, ficará contente, pois você sempre disse que ambos tínhamos em vista apenas os interesses de Phuong. Ao voltar, aguardava-me

uma carta de minha mulher, e ela concorda, mais ou menos, com o divórcio. De modo que você não precisa preocupar-se mais a respeito de Phuong.” A frase era cruel, mas não percebi a crueldade senão ao reler a carta — e, então, já era tarde demais para modificá-la. Se fosse apagar aquilo, seria melhor rasgar a carta toda.

— De que echarpe você gosta mais? — perguntou Phuong. — Eu adoro a amarela.

— Eu também. A amarela. Desça até o hotel e remeta esta carta para mim.

Ela olhou o endereço.

— Podia levá-la à Legação. Pouparia o selo.

— Preferiria que você a enviasse pelo correio.

Depois, deitei-me, sentindo a lassidão provocada pelo ópio. E pensei: “Agora, pelo menos, ela não me deixará antes de eu ir embora, e talvez amanhã, de algum modo, depois de mais alguns cachimbos eu descubra uma maneira de ficar”.

(2)

A vida cotidiana prossegue — e isso tem livrado muitos homens da loucura. Assim como ficou provado que, durante uma incursão aérea, é impossível ficar-se assustado durante todo o tempo, assim também, sob o bombardeio de tarefas rotineiras, encontros casuais, ansiedades impessoais, a gente, durante horas consecutivas, perde o medo. Os pensamentos acerca do abril vindouro, da minha partida

da Indochina, do nebuloso futuro sem Phuong, foram afetados pelos telegramas do dia, os boletins de imprensa do Vietnam e a enfermidade do meu assistente, um indiano chamado Domínguez (sua família viera de Goa, via Bombaim), que participava, em meu lugar, de Conferências de Imprensa menos importantes, mantinha os ouvidos abertos para o tom dos rumores e dos boatos, e levava minhas mensagens para o telégrafo e a censura. Com ajuda de negociantes indianos, principalmente no norte, em Haiphong, Nam Dinh e Hanói, ele dirigia, em meu benefício, o seu próprio serviço secreto — e penso que conhecia melhor do que o Alto Comando francês a localização dos batalhões do Vietminh dentro do delta do Tonkin.

E como jamais usávamos nossas informações, salvo quando se transformavam em notícias — e jamais havíamos passado qualquer comunicação ao serviço secreto francês — ele contava com a amizade de diversos agentes do Vietminh ocultos em Saigon-Cholon. O fato de ser, apesar do nome, um asiático, ajudava muito, sem dúvida.

Eu gostava de Domínguez: enquanto outros homens carregam o seu orgulho como uma doença de pele, na superfície, sensível ao menor toque, o dele se achava profundamente oculto, reduzido, creio eu, ao menor grau possível numa criatura humana. Tudo com que se deparava, no contato diário, com ele, era delicadeza, humildade e amor absoluto pela verdade. Para descobrir-lhe o orgulho, talvez fosse preciso que alguém estivesse casado com ele. Talvez a verdade e a humildade andem juntas; muitíssimas mentiras nascem de nosso orgulho: na minha profissão, o orgulho do repórter, o desejo de enviar uma história melhor do que a de um

outro homem — e era Domínguez quem me ajudava a não importar com isso: a suportar todos aqueles telegramas do jornal, indagando por que razão eu não enviara esta ou aquela notícia, ou a reportagem enviada por algum outro correspondente, que eu sabia não ser verídica.

Agora, que ele estava doente, eu percebia quanto lhe devia. Ele chegava a ver, mesmo, se o meu carro tinha gasolina suficiente e, não obstante, nunca, nem uma vez sequer, mediante uma frase ou um olhar, procurara meter-se com a minha vida privada. Creio que era católico romano, mas eu não tinha nenhuma prova disso, salvo o seu nome e o lugar da sua origem; pelo que eu sabia, de sua conversa, também poderia ser um adorador de Krishna ou um indivíduo que fazia peregrinações anuais, devido a alguma influência secreta, às cavernas de Batu. Agora, a sua doença surgia como uma bênção, livrando-me, temporariamente, das minhas próprias preocupações. Era eu quem agora participava das enfadonhas Conferências de Imprensa e me dirigia, coxeando, para minha mesa no Continental, para conversar com os colegas; mas eu era menos capaz do que Domínguez de distinguir entre a mentira e a verdade, de modo que adquiri o hábito de visitá-lo, à noite, para pô-lo a par do que ouvira. Às vezes, lá estava um de seus amigos indianos, sentado à beira da estreita cama de ferro, na habitação que Domínguez compartilhava com outro, numa das ruas mais pobres da cidade, perto do Boulevard Galliéni. Ele costumava sentar-se na cama de pernas cruzadas sob o corpo, de modo que se tinha menos a impressão de visitar um doente do que estar sendo recebido por um rajá ou um sacerdote. Às vezes, quando a febre era alta, o suor corria-lhe pelo rosto, mas jamais deixava de raciocinar com clareza.

Era como se a sua doença estivesse acontecendo ao corpo de uma outra pessoa. A dona da casa em que morava conservava um jarro de suco de lima ao lado da cama, mas jamais o vi tomar um gole; talvez isso fosse o mesmo que admitir que aquela sede fosse sua, e que era o seu próprio corpo que sofria.

De todos os dias em que o visitei, lembro-me, particularmente, de um. Eu tinha deixado de perguntar como é que ele ia passando, com receio de que a pergunta parecesse uma censura, e era sempre ele quem indagava com grande ansiedade de minha saúde e se desculpava pelas escadas que eu tinha de subir.

— Gostaria que conhecesse um meu amigo — disse esse dia. — Ele tem uma história que o senhor talvez gostasse de ouvir.

— Sim?

— Escrevi o nome dele num papel, pois sei que o senhor acha difícil lembrar-se dos nomes chineses. Não devemos usar o seu nome, claro. Ele tem um depósito de ferro velho junto ao Quai Mytho.

— Coisa importante?

— Poderia ser.

— Pode dar-me uma idéia?

— Preferia que o senhor a ouvisse de sua própria boca. Há alguma coisa estranha, mas eu não a compreendo.

O suor escorria-lhe pela face, mas ele deixava que escorresse, como se as gotas fossem vivas e sagradas. Havia muito de hindu nele; jamais teria ameaçado a vida de uma mosca.

— O que é que o senhor sabe da vida de seu amigo Pyle? —

perguntou-me.

— Pouca coisa. Nossos caminhos se cruzaram, nada mais. Não o vejo desde que estivemos em Tanyin.

— Qual é o seu trabalho?

— Missão Econômica, mas isso encobre uma multidão de recados. Penso que ele está interessado em indústrias de artigos domésticos — creio que com ligação com firmas americanas. Não me agrada a maneira pela qual eles mantêm os franceses lutando e interferem, ao mesmo tempo, em seus negócios.

— Ouvi-o, outro dia, falar numa reunião que a Legação estava dando em honra dos membros do Congresso, que ora nos visitam. Escolheram-no para que os instruisse sobre a Indochina.

— Deus tenha piedade do Congresso — comentei. — Ele está aqui há menos de seis meses.

— Falou sobre as velhas potências coloniais — a Inglaterra e a França — explicando por que razão não se podia esperar que elas conquistassem a confiança dos asiáticos. Neste ponto é que entravam os Estados Unidos, com as mãos limpas.

— Honolulu, Porto Rico, Novo México...

— Então alguém lhe fez uma dessas perguntas corriqueiras, sobre quais as probabilidades de o governo local vencer a gente do Vietminh, e ele respondeu que isso poderia ser feito mediante uma Terceira Força. Havia sempre uma Terceira Força, livre do comunismo e da mancha do colonialismo: a democracia nacional, como ele a chamou. Bastava apenas encontrar-se um líder e defendê-lo das antigas potências coloniais.

— Tudo isso está em York Harding — disse eu. — Ele o leu antes de vir para cá. Falou a respeito disso na primeira semana em que aqui chegou e, desde então, nada mais aprendeu.

— Ele talvez haja encontrado o seu líder — comentou Domínguez.

— E isso teria importância?

— Não sei. Não sei o que ele faz. Mas vá falar com o meu amigo no Quai Mytho.

Voltei para casa e deixei um bilhete para Phuong, na Rua Catinat; depois, desci para a zona do porto, ao pôr do sol. As mesas e as cadeiras estavam colocadas fora, no cais, ao lado dos vapores e dos cinzentos barcos navais — e as pequenas cozinhas portáteis se achavam acesas e borbulhantes. No Boulevard de Ia Somme, os cabeleireiros trabalhavam debaixo das árvores, e os adivinhos, com os seus baralhos encardidos, acocoravam-se rentes às paredes. Em Cholon, a gente se encontrava numa cidade diferente, em que o trabalho parecia antes principiar que terminar com a luz do dia. Era como se a gente entrasse num cenário de pantomima: os longos letreiros chineses, verticais as luzes brilhantes e a multidão de “extras” conduziam aos bastidores, onde tudo se tornava, subitamente, mais escuro e tranqüilo. Foi por uma dessas alas laterais que segui para o cais e para as sampanas aglomeradas, onde os armazéns “bocejavam” na sombra — e onde não havia ninguém.

Encontrei o lugar com dificuldade e quase por acaso: as portas do depósito estavam abertas e pude ver, à luz de um lampião a óleo, as estranhas formas, à Picasso, dos ferros velhos: armações de camas, banheiros, cremalheiras de fornalhas, cofres de automóveis

e velhos metais pintados, em que a luz incidia. Segui por um estreito caminho, aberto entre os montes de ferro, e chamei pelo Sr. Chou. Mas ninguém respondeu. No fim do depósito, uma escada conduzia ao que, segundo supus, poderia ser a casa do Sr. Chou. Ao que parecia, eu fora dirigido à porta de trás — e creio que Domínguez tinha suas razões para isso. Até mesmo a escada estava atravancada de ferro velho, que poderia, um dia, vir a ser útil naquela estranha casa. Havia, junto ao patamar, uma grande sala, onde se encontrava uma família inteira, dando a impressão de que se achava num alojamento provisório, que poderia ser removido a qualquer momento: pequenas xícaras de chá espalhavam-se por toda parte, e havia uma grande quantidade de caixas de papelão, cheias de objetos impossíveis de ser identificados, além de malas de fibra, firmemente amarradas. Havia uma senhora idosa sentada numa grande cama, dois meninos e duas meninas, uma criancinha engatinhando pelo assoalho, três mulheres de meia-idade, trajando velhas calças compridas e casacos marrons, de camponeses, e dois velhos sentados a um canto, com túnicas azuis de mandarim, a jogar *mah jongg*. Estes não deram atenção à minha pessoa, ao chegar: continuaram a jogar rapidamente identificando cada peça pelo tato, e o ruído era como o de cascalhos a rolar numa praia, quando uma onda recua. Os outros tampouco se importaram com a minha presença. Somente um gato saltou para cima de uma caixa de papelão e um cão magro me cheirou, afastando-se logo.

— O Sr. Chou está? — perguntei.

Duas das mulheres acenaram negativamente com a cabeça, mas mesmo assim ninguém me olhou. Apenas uma das mulheres lavou uma xícara e serviu o chá, usando um bule que se achava colocado,

quente, em sua caixa forrada de seda. Sentei-me ao pé da cama, perto da velha, e uma jovem trouxe-me a xícara: era como se eu tivesse sido absorvido pela comunidade, como o gato e o cão, os quais talvez houvessem chegado, pela primeira vez, de maneira tão fortuita quanto eu. A criancinha rastejou pelo assoalho e puxou-me os cordões do sapato, sem que ninguém censurasse. No Oriente, ninguém censura as crianças. Três calendários comerciais achavam-se dependurados nas paredes, cada qual com uma jovem de faces rosadas, em vistoso costume chinês. Havia um grande espelho, com um misterioso letreiro, onde se lia: “Café de la Paix”. Talvez houvesse sido apanhado, acidentalmente, em meio das bugigangas do depósito — como eu próprio me sentia apanhado.

Bebi, lentamente, o chá verde e forte, mudando de uma mão para outra a xícara sem asa, quando o calor me queimava os dedos, a perguntar aos meus botões quanto tempo eu devia ali permanecer. Procurei, a certa altura, dirigir-me à família em francês, perguntando quando é que esperavam que o Sr. Chou voltasse, mas ninguém respondeu. Provavelmente não haviam compreendido. Quando minha xícara se esvaziou, encheram-na de novo e continuaram em suas próprias ocupações: a mulher a passar roupa, a jovem a coser, os dois meninos a fazer suas lições, a velha a olhar para os seus próprios pés — os minúsculos e deformados pés da antiga China — e o cão a espreitar o gato, que se deixou ficar sobre as caixas de papelão.

Comecei a compreender quão arduamente Domín-guez trabalhava para ganhar a sua modesta subsistência.

Um chinês de extrema magreza entrou no aposento. Parecia não ocupar espaço algum: era como um pedaço de papel impermeável,

transparente, que separa os biscoitos numa lata. A única espessura que havia nele era o seu pijama listrado de planeta.

— Monsieur Chou? — perguntei.

Olhou-me com ar indiferente de fumante — as faces encovadas, os pulsos de criança, os braços de menina pequena: muitos anos e muitos cachimbos tinham sido necessários para reduzi-lo àquelas dimensões.

— Meu amigo. Monsieur Domínguez, disse-me que o senhor tinha algo para me mostrar. O senhor é Monsieur Chou?

Oh, sim, disse ele, era Monsieur Chou — e, com um gesto, me indicou cortesmente o lugar em que eu estivera sentado. O objetivo de minha visita parecia ter-se perdido em alguma parte, nos corredores brumosos de seu crânio. Aceitaria eu uma chávena de chá? Sentia-se grandemente honrado com a minha visita. Uma outra xícara foi enxa-guada sobre o assoalho e colocada como uma brasa em minha mão — um ordálio pelo chá. Eu disse algo a respeito do tamanho de sua família.

Olhou em torno com um leve ar de surpresa, como se jamais a houvesse visto sob aquele aspecto.

— Minha mãe, minha esposa, minha irmã, meu tio, meu irmão, meus filhos e os filhos de minha tia.

A criancinha rolara para longe dos meus pés e permanecia deitada de costas, a espernear e a lançar gritos de prazer. Perguntei a mim mesmo a quem pertenceria ela Ninguém parecia suficientemente jovem — ou com idade bastante para tê-la produzido.

— Monsieur Domínguez disse-me que era um assunto importante.

— Ah, Monsieur Domínguez! Espero que Monsieur Domínguez esteja bem.

— Ele contraiu uma febre.

— Esta época do ano é pouco saudável.

Eu não estava sequer convencido de que ele se lembrasse de que Domínguez se tratava. Pôs-se a tossir e, sob o paletó de seu pijama, ao qual faltavam dois botões, a pele esticada produzia o ruído de um tambor nativo.

— O senhor também devia consultar um médico —disse eu.

Um recém-chegado, cuja entrada eu não percebera, juntou-se a nós. Era um homem jovem, corretamente vestido à maneira européia.

— O Sr. Chou tem apenas um pulmão — informou-me, em inglês.

— Lamento-o muito...

— Ele fuma cento e cinqüenta cachimbos por dia.

— Parece-me um número enorme.

— O médico diz que isso não lhe fará nenhum bem, mas o Sr. Chou sente-se muito mais feliz quando fuma.

Fiz um grunhido, como se compreendesse.

— Se permite que me apresente, sou o gerente do Sr. Chou.

— Meu nome é Fowler. Quem me disse que viesse aqui foi o Sr. Domínguez. Informou-me que o Sr. Chou tem algo a dizer-me.

— A memória do Sr. Chou está muito prejudicada. Aceita uma chávena de chá? :

— Muito obrigado, aceito. Mas já tomei três chávenas.

Aquilo parecia uma pergunta e uma resposta num manual de conversação.

O gerente do Sr. Chou tomou a xícara de minhas mãos e estendeu-a a uma das moças, que, depois de lançar ao chão o que ficara no fundo, tornou a enchê-la.

— Não está bastante forte — disse ele, tomando da xícara e provando ele próprio o chá.

Depois lavou-a cuidadosamente e tornou a enchê-la, usando um segundo bule.

— Está melhor assim? — perguntou-me.

— Muito melhor.

O Sr. Chou pigarreou, mas foi apenas para uma imensa espectoração numa escarradeira de metal, decorada com flores cor-de-rosa, A criancinha rolava de um lado para outro em meio do chá derramado, e o gato saltou da caixa de papelão para uma mala.

— Talvez fosse melhor se o senhor falasse comigo — disse-me o jovem. — Chamo-me Heng.

— Se o senhor me dissesse...

— Vamos para o depósito — interrompeu-me ele. — Lá é mais tranqüilo.

Estendi a mão ao Sr. Chou, que, com um ar de perplexidade, permitiu que ela pousasse sobre a palma da sua. Depois, lançou um

olhar pelo aposento repleto, como se procurasse enquadrar-me naquele ambiente. O ruído de seixos a rolar foi-se afastando, à medida que descíamos a escada.

— Tome cuidado — recomendou o Sr. Heng. — Não existe o último degrau.

E acendeu uma lanterna elétrica, para guiar-me.

Estávamos de novo entre as armações de camas e os banheiros, e o Sr. Heng abriu caminho por uma passagem lateral. Quando já havíamos dado cerca de vinte passos, deteve-se e lançou a luz da lanterna sobre um pequeno tambor de ferro.

— Está vendo isso? — perguntou-me.

— E o que é que tem isso?

Virou-o e mostrou-me a marca de fabricação: Diolacton.

— Isto ainda não tem nenhum significado para mim.

— Eu tinha, aqui, dois destes tambores — disse-me ele. — Foram apanhados, em meio de outros ferros velhos, na garagem do Sr. Pham Van-Muoi. O senhor o conhece?

— Não, não creio que o conheça.

— A esposa dele é parenta do General Thé.

— Ainda não compreendo o que é que...

— O senhor sabe o que é isto? — perguntou o Sr. Heng, abaixando-se e erguendo um objeto longo e côncavo, semelhante a um talo de aipo, cujo cromo brilhou à luz da lanterna.

— Isso poderia ser uma peça de banheiro.

— É um molde — respondeu o Sr. Heng.

Era, evidentemente, um homem que tinha enfadonho prazer de proporcionar esclarecimentos. Fez uma pausa, para dar-me a oportunidade de mostrar de novo a minha ignorância.

— O senhor sabe o que quero dizer, quando me refiro a um molde?

— Oh, evidentemente!... Mas ainda não sei...

— Este molde foi feito nos Estados Unidos. Diolacton é uma marca comercial americana. O senhor começa a entender?

— Francamente, não.

— Há um defeito neste molde. Foi por isso que o jogaram fora. Mas não deviam jogá-lo fora com a sucata — como também não deviam jogar fora o tambor. Isso foi um erro. O gerente do Sr. Muoi veio aqui pessoalmente. Não consegui achar o molde, mas deixei que ele levasse o outro tambor. Disse-lhe que era o único de que dispunha, e ele me respondeu que precisava dele para guardar produtos químicos. Não perguntou, certamente, pelo molde — pois isso o denunciaria demais —, mas deu uma boa busca pelo depósito. O próprio Sr. Muoi foi, depois, à Legação Americana e perguntou pelo Sr. Pyle.

— Os senhores parecem ter um verdadeiro serviço secreto — comentei.

Ainda não me era possível imaginar de que se tratava.

— Pedi ao Sr. Chou que entrasse em contato com o Sr. Domínguez.

— Quer dizer que estabeleceu uma espécie de ligação entre Pyle e o general — disse eu. — Uma ligação muito frágil. De qualquer

modo, isso não constitui novidade. Todos, aqui, se dedicam ao serviço secreto.

O Sr. Heng bateu com o salto no tambor de ferro, negro, e o som repercutiu entre as armações das camas.

— Sr. Fowler — disse ele. — O senhor é inglês. É, portanto, neutro. E tem agido corretamente com todos nós. Pode, pois, simpatizar conosco, se alguns de nós propenderem decididamente para um dos lados.

— Se o senhor está dando a entender que é comunista, ou que está do lado do Vietminh. não se preocupe. Não me sinto chocado. Não tenho partido político.

— Se alguma coisa desagradável acontecer aqui em Saigon, nós é que seremos censurados. Meu comitê gostaria que o senhor encarasse a situação com imparcialidade. Foi por isso que lhe mostrei estas duas coisas.

— Que é Diolacton? — perguntei. — Parece nome de leite condensado.

— Tem algo em comum com o leite.

E o Sr. Heng lançou a luz da lanterna sobre o interior do tambor. Um pouco de pó branco espalhava-se pelo fundo, como poeira.

— É uma das matérias plásticas americanas.

— Ouvi dizer que Pyle estava importando matéria plástica para a fabricação de brinquedos.

Apanhei o molde e examinei-o. Procurei, mentalmente, adivinhar-lhe o formato. Aquele não era o aspecto que o objeto teria: era a imagem num espelho, ao contrário.

— Não é para a fabricação de brinquedos — disse o Sr. Heng.

— Parece parte de uma biela.

— O formato não é comum.

— Não tenho idéia do que poderia ser.

— Desejo apenas que o senhor se lembre do que viu — disse o Sr. Heng, voltando-se e pondo-se a andar, de volta, por entre as sombras dos montes de ferro velho. — Talvez, um dia, o senhor tenha um motivo para escrever a respeito. Mas não deve dizer que viu o tambor aqui.

— Nem o molde?

— Nem o molde, particularmente.

(3)

Não é fácil encontrar-se de novo alguém — como se costuma dizer — que nos salvou a vida. Eu não me avistara com Pyle desde que estivera no hospital da Legião, e tanto sua ausência como seu silêncio, facilmente compreensíveis — pois que ele era mais sensível às situações embaraçosas do que eu —, me preocupavam, às vezes, de maneira insensata, de modo que eu, à noite, antes que a droga me acalmasse, o imaginava subindo as escadas, batendo em minha porta, dormindo em minha cama. Nisto eu fora injusto, de modo que acrescentei um sentimento de culpa à minha outra obrigação para com ele. Além disso, creio que havia, ainda, o sentimento de culpa produzido pela minha carta. (Que antepassados distantes me

havam dado aquela estúpida consciência? Eles certamente estavam livres dela, quando raptavam e roubavam em seu mundo paleolítico.)

Pensava, às vezes, se deveria ou não convidar o meu salvador para jantar, ou sugerir uma reunião, para uns drinques, no bar do Continental. Aquele era um problema social pouco comum, que talvez dependesse do valor que cada qual atribuísse à sua própria vida. Um jantar e uma garrafa de vinho, ou um uísque duplo? Aquilo me preocupou durante alguns dias, até que o problema foi resolvido pelo próprio Pyle, que chamou por mim através da porta fechada do quarto, Eu estava dormindo, naquela tarde quente, exausto pelos esforços que fizera, pela manhã, no sentido de usar minha perna — e não ouvi suas batidas.

— Thomas!... Thomas!...

O chamado mergulhou no sonho que eu estava tendo — e no qual eu caminhava por uma longa estrada deserta, em busca de um desvio que nunca chegava. A estrada desenrolava-se como uma fita de teletipo, com uma uniformidade que não se teria modificado jamais, se a voz não se tivesse feito ouvir — primeiro como a voz de alguém que chorasse de dor junto de uma torre e, de repente, dirigindo-se, pessoalmente, a mim: “Thomas, Thomas”. “Vá-se embora, Pyle”, murmurei. “Não se aproxime. Eu não quero ser salvo.”

— Thomas! — batia ele à porta, mas eu me fingia doente, como se estivesse de volta ao arrozal e ele fosse o inimigo.

De repente, percebi que as batidas haviam cessado, que alguém estava falando, do outro lado, em voz baixa, e que uma outra pessoa

respondia. Os sussurros são perigosos. Eu não sabia quem eram os interlocutores. Levantei-me, com cuidado, da cama e, com a ajuda da minha bengala, aproximei-me da porta. Talvez eu houvesse sido demasiado lento e eles tivessem ouvido o ruído, pois logo se fez silêncio, fora. O silêncio é como uma planta que deita raízes: parecia crescer por baixo da porta e estender suas folhas no quarto em que eu me achava. Era um silêncio de que eu não gostava, de modo que o interrompi escancarando a porta. Phuong estava de pé no corredor e Pyle tinha as mãos em seus ombros: a julgar-se pela sua atitude, podia ter acabado de separar-se de um beijo.

— Ora essa! — exclamei. — Vamos entrar. Vamos entrar.

— Não consegui fazer com que você me ouvisse — disse Pyle.

— A princípio, eu estava dormindo; depois, não quis ser perturbado. Mas, já que *fui* perturbado, entrem.

E perguntei a Phuong em francês:

— Onde foi que você o encontrou?

— Aqui, no corredor. Ouvi que ele estava batendo. Por isso subi. para fazê-lo entrar.

— Sente-se — disse eu a Pyle. — Aceita uma xícara de café?

— Não. E não quero sentar, Thomas.

— Eu preciso sentar. Esta perna se cansa com facilidade. Recebeu minha carta?

— Recebi. Mas gostaria que você não a tivesse escrito.

— Porquê?

— Porque era um monte de mentiras. Eu confiei em você,

Thomas.

— Você não deve confiar em ninguém, quando há uma mulher metida no caso.

— Então você não precisa confiar mais em mim, depois disto. Entrarei aqui às escondidas, quando você estiver ausente: escreverei cartas em envelopes impressos. Talvez eu esteja ficando adulto.

Thomas.

Mas havia lágrimas em sua voz, e parecia mais jovem do que nunca.

— Será que você não poderia ter vencido sem lançar mão de mentiras? — acrescentou.

— Não. Isto faz parte da má fé europeia, Pyle. Temos de arranjar uma compensação para a nossa falta de numerário. Devo, no entanto, ter sido inábil. Como foi que você percebeu as mentiras?

— Através da irmã de Phuong — respondeu ele. — Ela agora está trabalhando para Joe. Acabo de encontrá-la. Ela sabe que você foi chamado de volta à Inglaterra.

— Oh, então foi isso?! — exclamei, aliviado — Phuong também o sabe.

— E a carta de sua esposa? Phuong também sabe a respeito disso? A irmã leu-a.

— De que maneira?

— Veio aqui, ontem, visitar Phuong, e Phuong mostrou-lhe a carta. Você não pode enganá-la. Ela sabe inglês.

— Percebo.

Não havia razão para que eu ficasse zangado com quem quer que fosse: o culpado, sem a menor dúvida, era eu mesmo. Phuong provavelmente mostrara a carta à irmã apenas como um motivo de jactância — e não por desconfiança.

— Você já sabia de tudo isso ontem à noite? — perguntei a Phuong.

— Sabia.

— Notei que você estava quieta — disse, tocando-lhe o braço. — Você poderia ter ficado uma verdadeira fúria, se não fosse Phuong.

— Tive de pensar — respondeu ela.

E lembrei-me de que, tendo despertado no meio da noite, percebera, pela sua respiração irregular, que ela não estava dormindo. Estendi o braço à sua procura e perguntei-lhe: “*Le cauchemar?*” Logo que chegou à Rua Catinat, ela costumava sofrer de pesadelos, mas, na noite anterior, respondera à minha pergunta com um aceno negativo de cabeça. Estava de costas voltadas para mim e eu movera a perna para junto dela — o primeiro movimento na fórmula das relações sexuais. Mesmo então, eu não percebera nada.

— Você não poderia explicar, Thomas, por que...

— Creio que tudo é mais do que evidente. Eu queria conservá-la para mim.

— A qualquer preço, mesmo contra os interesses dela?

— Claro.

— Isso não é amor.

— Talvez não seja amor à sua maneira, Pyle.

— Eu desejo protegê-la.

— Eu, não. Ela não precisa de proteção. Eu a quero perto de mim; eu a quero em minha cama.

— Contra a sua vontade?

— Ela não ficaria contra a vontade, Pyle.

— Depois disto, ela não poderá amá-lo.

Suas idéias eram simples assim. Phuong dirigira-se ao quarto e estava esticando a colcha no lugar em que eu esti-vera deitado; depois, tirou da estante um de seus livros de gravuras e sentou-se na cama, inteiramente alheia à nossa conversa. Eu poderia dizer qual era o livro: um registro fotográfico da vida da rainha. Conseguia ver, de cabeça para baixo, a carruagem real, a caminho de Westminster.

— Amor é uma palavra ocidental — disse eu. — Usamo-la por motivos sentimentais ou para encobrir uma obsessão por alguma mulher. Esta gente não sofre de obsessões. Você irá sofrer, Pyle, se não tiver cuidado.

— Se não fosse pela sua perna, eu lhe teria dado uma lição.. v ...

— Você devia estar grato a mim... e a irmã de Phuong. Agora, você pode deixar de lado os escrúpulos; e você é bastante escrupuloso — não é verdade? — quanto a certas coisas... Matéria plástica, por exemplo.

— Matéria plástica?

— Só espero que você saiba o que está fazendo. Oh, sei que as suas intenções são boas — que são sempre boas!...

Fitou-me perplexo, desconfiado. E eu prossegui:

— Eu desejaria que você, às vezes, tivesse algumas más intenções. Poderia, então, entender um pouco mais as criaturas humanas. E isto se aplica também ao seu país, Pyle.

— Quero dar-lhe uma vida decente. Isto aqui... cheira mal.

— Abafamos o mau cheiro com madeiras aromáticas. Suponho que você lhe oferecerá uma geladeira, um automóvel, o mais recente aparelho de televisão e...

— E filhos — disse ele.

— Os brilhantes jovens americanos estão prontos para prestar o seu depoimento...

— E você, que é que lhe dará? Você não vai levá-la para a Inglaterra.

— Não vou: não sou assim tão cruel. A não ser que possa dar-lhe uma passagem de volta.

— Você vai apenas tê-la à sua disposição, para seu próprio conforto, enquanto não for embora.

— Ela é uma criatura humana, Pyle. Pode decidir por si mesma.

— Diante de uma falsa evidência. E, além disso, uma criança!

— Ela não é criança. É mais rija do que você jamais o será. Você conhece aquela espécie de verniz que não risca? Phuong é assim. Ela pode sobreviver a uma dezena de indivíduos como nós. Ela ficará velha — eis tudo. Sofrerá partos, fome, frio e reumatismo, mas jamais sofrerá como nós sofremos — devido a pensamentos, a obsessões: ela não riscará; apenas decairá.

Mas, embora estivesse fazendo aquele discurso, e a observasse a virar a página (um grupo da família real em que aparecia a Princesa

Anne). sabia que eu estava, tanto quanto Pyle, inventando um personagem. A gente nunca conhece uma outra criatura humana; quanto a mim, ela estava tão amedrontada como o resto de nós: o que havia, é que ela não dispunha de um meio de expressão. E lembrei-me do primeiro e torturante ano em que procurei ardentemente compreendê-la, em que lhe supliquei que me contasse os seus pensamentos, em que a assustei com as minhas iras irrefletidas, diante de seus silêncios. Até mesmo o meu desejo tinha sido uma arma, como se, quando a gente mergulhasse o punhal no ventre da vítima, ela perdesse o controle e falasse.

— Você já disse o bastante, Pyle. E já sabe tudo que há para saber. Faça o favor de ir embora.

— Phuong — chamou ele.

— Monsieur Pyle? — respondeu ela, erguendo os olhos do Castelo de Windsor.

Seu ar cerimonioso era, ao mesmo tempo, naquele momento, cômico e tranqüilizador.

— Ele a enganou!

— *Je ne comprends pas.*

— Ora, despache-se! — disse-lhe eu. — Vá para a sua Terceira Força, York Harding e *O Papel da Democracia* ! Vá brincar com a sua matéria plástica!

Tive de admitir, mais tarde, que ele cumpriu à risca as minhas instruções.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I

(1)

Somente cerca de quinze dias depois da morte de Pyle foi que me avistei de novo com Vigot. Eu subia o Boule-vard Charner, quando sua voz me chamou do Le Club. Este era, na ocasião, um dos restaurantes mais freqüentados pelos membros da Sureté, os quais, como uma espécie de gesto de desafio aos que os odiavam, costumavam almoçar e beber no andar térreo, enquanto o público em geral comia no pavimento superior, fora do alcance da granada de mão de um guerrilheiro. Aproximei-me e ele ordenou que me servissem um vermute *cassis*.

— Vamos jogar, para ver quem o oferece?

— Como quiser — respondi, tomando dos dados para o jogo ritual de *quatre-vingt-un*.

Como essas figuras e a vista de um dado me trazem à memória os anos de guerra passados na Indochina! Em qualquer parte do mundo em que eu veja dois homens jogando dados, sinto-me levado de novo às ruas de Hanói ou de Saigon, ou às ruínas dos edifícios de Phat Diem; vejo os pára-quedistas, protegidos como lagartos pela estranha camuflagem de seus uniformes, a patrulhar os canais; ouço o som dos morteiros aproximando-se e vejo, talvez, uma criança morta.

— *Sans vaseline* — disse Vigot, lançando um quatro-dois-um.

E passou-me os dados, para o último lance. O jargão sexual do jogo era comum entre todos os membros da Sureté; talvez houvesse sido inventado por Vigot e adotado pelos seus funcionários mais jovens, que, no entanto, não haviam adotado Pascal. *Sous-lieutenant*. Em cada partida que se perdia, a gente aumentava de posto: jogava-se até que um ou outro se tornasse capitão ou comandante. Ele ganhou também a segunda partida e, enquanto contava os fósforos, comentou:

— Encontramos o cachorro de Pyle.

— Sim?

— Creio que ele se recusou a abandonar o cadáver. Seja como for, cortaram-lhe a garganta. Estava na lama, a cinqüenta passos de distância. Talvez tenha se arrastado até o lugar onde morreu.

— Está ainda interessado no caso?

— O Ministro americano continua a aborrecer-nos. Graças a Deus, não temos todas essas complicações, quando um francês é morto. É verdade que estes casos não apresentam interesse, por sua raridade.

Jogamos pela divisão dos fósforos, começando então o jogo verdadeiro. Era assombrosa a rapidez com que Vigot fazia um quatro-dois-um. Reduziu a três os seus fósforos, e eu tirei o ponto mais baixo possível.

— Nanette! — exclamou Vigot, passando-me dois fósforos.

E acrescentou, ao livrar-se do último fósforo:

— *Capitaine!*

Chamei o garçom e pedi as bebidas.

— Alguém consegue, alguma vez, vencê-lo? V perguntei.

— Não freqüentemente. Quer tirar uma desforra?

— Qualquer outro dia. Que jogador você não poderia ser, Vigot! Joga algum outro jogo de azar?

Ele sorriu tristemente, e, por alguma razão, pensei naquela sua loura esposa, que, segundo se dizia, o enganava com os seus colaboradores mais jovens.

— Bem — respondeu —, há sempre o maior jogo de todos.

— O maior de todos?

— “Pesemos os lucros e as perdas” — citou ele — “ao apostar que Deus existe. Calculemos as duas probabilidades. Se ganharmos, ganharemos tudo, se perdermos, não perderemos nada.”

Em resposta citei-lhe Pascal — a única passagem de que eu me lembrava:

— “Tanto os que escolhem a cabeça como os que escolhem a cauda estão igualmente em falta. Estão todos errados. O verdadeiro caminho é não fazer nenhuma aposta.”

— “Sim, mas a gente precisa apostar. Não é uma coisa opcional. Estamos todos envolvidos.” Você não segue os seus próprios princípios, Fowler. Você está *engagé*, como todos nós.

— Não com respeito a religião.

— Eu não estava pensando em religião. Na verdade, estava pensando no cachorro de Pyle.

— Oh!

— Lembra-se do que me disse... a respeito de encontrar indícios

em suas patas, analisando a sujeira, etc.?

— Você me respondeu que não era Maigret ou Lecoq.

— Não me saí mal, afinal de contas — disse ele. — Pyle, quando saía, costumava levar o cachorro consigo, não costumava?

— Creio que sim.

— Valeria a pena deixar o cão andar à solta sozinho?

— Não seria muito seguro. Aqui, eles comem cachorros, não comem?

Ele ia colocar os dados no bolso.

— Meus dados, Vigot.

— Oh, desculpe-me. Eu estava pensando...

— Por que foi que você disse que eu estava *engagé*?

— Quando foi que você viu, pela última vez, o cachorro de Pyle, Fowler?

— Só Deus o sabe. Eu não tenho um livro de anotações relativo a cães.

— Quando é que você deve voltar para a Inglaterra?

— Não sei exatamente.

Não gosto nunca de prestar informações à polícia. Isso me poupa complicações.

— Gostaria, hoje à noite, de ir vê-lo em sua casa... Às dez? Se você estiver só.

— Mandarei Phuong ao cinema.

— As coisas já estão de novo bem... quanto a ela?

— Estão.

— Estranho. Tive a impressão de que você está se sentindo... bem... infeliz.

— Não há dúvida de que existem muitas razões possíveis para isso, Vigot. — E acrescentei, inabilmente: — Você deveria saber.

— Eu?

— Você próprio não é um homem muito feliz.

— Oh, não tenho de que me queixar. “Uma casa arruinada não é miserável.”

— Que é isso?

— Pascal, de novo. É um argumento para a gentes sentir orgulhoso da própria infelicidade. “Uma árvore não” é infeliz.”

— Que é que fez com que você se tornasse um policial, Vigot?

— Houve uma porção de fatores. A necessidade de ganhar a vida, curiosidade a respeito das pessoas e —, sim, isso também! — o meu amor por Gaboriau.

— Talvez você devesse ter sido um sacerdote.

— Não li os autores apropriados para isso... naquela época.

— Você ainda desconfia que eu tenha algo que ver com o assunto, não desconfia?

Ele ergueu-se e bebeu o resto de seu vermute *cassis*.

— Gostaria de conversar com você. Nada mais.

Depois que me deu as costas e se foi, pensei que ele me olhara com compaixão, como poderia ter olhado um prisioneiro que ele próprio houvesse capturado — e que estivesse cumprindo prisão

perpétua.

(2)

Eu fora castigado. Dir-se-ia que Pyle, ao deixar o meu apartamento, me houvesse sentenciado a várias semanas de incertezas. Cada vez que voltava para casa, era na expectativa de um desastre. Phuong, às vezes, não estava lá e, enquanto ela não regressava, eu me sentia impossibilitado de realizar qualquer trabalho, pois sempre me punha a imaginar se não se teria ido de vez. Costumava perguntar-lhe onde tinha estado (procurando afastar da minha voz a ansiedade ou a suspeita) e, às vezes, ela respondia que estivera no mercado ou a fazer compras, mostrando-me as provas (mas mesmo a prontidão com que confirmava a sua história me parecia, naquela ocasião, pouco natural); outras vezes, dizia que tinha ido ao cinema, e o pedaço do bilhete lá estava para prová-lo; outras vezes, ainda dizia-me que estivera em casa da irmã — e era aí que eu acreditava que tinha estado em companhia de Pyle. Eu a amava, nesses dias, violentamente, como se a odiasse, mas o que eu odiava era o futuro. A solidão deitava-se em minha cama e eu, à noite, tomava a solidão em meus braços. Ela não mudara: cozinhava para mim, preparava os meus cachimbos, entregava, delicada e suavemente, o corpo ao meu prazer (mas já não era um prazer), e, do mesmo modo pelo qual desejara, nos primeiros tempos, penetrar-lhe o espírito, desejava, agora, ler-lhe os pensamentos — mas eles se achavam ocultos numa linguagem que eu desconhecia. Eu não podia falar. Não queria fazer-lhe perguntas. Não queria obrigá-la a mentir (enquanto nenhuma

mentira fosse proferida, eu podia fingir que éramos os mesmos, como sempre tínhamos sido), mas, subitamente, certa vez, minha ansiedade falou por mim, e perguntei:

— Quando foi que você viu Pyle a última vez?

Ela hesitou — ou será que estaria, realmente, procurando lembrar-se?

— Quando ele esteve aqui.

Comecei — quase inconscientemente — a combater tudo o que era americano. Minha conversação vivia cheia de alusões à pobreza da literatura americana, dos escândalos da política americana, da selvageria das crianças americanas. Dir-se-ia que Phuong me estava sendo roubada por uma nação, e não por um homem. Nada que os Estados Unidos podiam fazer me parecia acertado. Tornei-me um maçante quanto ao que se referia a temas americanos, mesmo quando me encontrava em companhia de meus amigos franceses, os quais estavam sempre dispostos a compartilhar prontamente de minhas antipatias. Era como se eu houvesse sido traído, mas a gente não é traído por um inimigo.

Foi justamente nessa altura que ocorreu o incidente das bombas-bicicleta. Ao voltar do Imperial Bar para um apartamento vazio (estaria ela no cinema ou com a irmã?), encontrei um bilhete que fora metido por baixo da porta. Era de Domínguez. Desculpava-se por estar ainda doente e pedia-me para que eu estivesse, na manhã seguinte, cerca das dez e meia, defronte da grande loja situada à esquina do Boulevard Charner. Escrevia-me a pedido do Sr. Chou, mas desconfiei que o Sr. Heng é que solicitava a minha presença.

O caso em si, tal como ocorreu, não merecia mais do que um parágrafo — e, o que era mais, um parágrafo jocoso. Não tinha relação alguma com a triste e rude guerra que se desenrolava ao norte — aqueles canais de Phat Diem coalhados de cadáveres de alguns dias, já cinéreos, o reboar dos morteiros e o alvo clarão de *napalm*. Eu já estava à espera, havia cerca de um quarto de hora, junto da banca de flores, quando um caminhão carregado de policiais, vindo dos lados da Sureté, na Rua Catinat, parou a pouca distância, com grande ruído de freios e guinchar de pneumáticos: os homens desceram e correram para a loja, como se estivessem atacando uma multidão. Mas não havia multidão alguma: apenas uma paliçada de bicicletas. Todos os grandes edifícios de Saigon são cercados por elas: nenhuma cidade universitária, no Ocidente, contém tantos proprietários de bicicletas. Antes que eu tivesse tempo de focalizar a minha máquina fotográfica, aquela ação, cômica e inexplicável, já se havia verificado. A polícia abriu caminho em meio das bicicletas e já saía para o *boulevard* a carregar, sobre as cabeças, três delas, atirando-as para dentro da fonte decorativa. Antes que eu pudesse interrogar um único policial, entraram de novo no caminhão e desceram, rápidos, o Boulevard Bonnard.

— Operação Bicicleta — exclamou uma voz.

Era o Sr. Heng.

— Que significa isso? — perguntei. — Algum exercício? Por quê?

— Espere um pouco mais — respondeu o Sr. Heng.

Um punhado de ociosos começou a aproximar-se da fonte, onde as rodas surgiam sobre a superfície, como bóias a advertir os

navegantes dos destroços que havia embaixo. Um policial atravessou a rua, a gritar e a acenar com as mãos.

— Vamos dar uma olhada.

— É melhor não o fazermos — respondeu o Sr. Heng, consultando o relógio, cujos ponteiros marcavam onze horas e quatro minutos.

— Seu relógio está adiantado — comentei.

— Está sempre adiantado.

Nesse momento, a fonte explodiu sobre o calçamento. Um pedaço de entalhe decorativo atingiu uma janela, e o vidro caiu como gotas brilhantes de chuva. Ninguém se feriu. Sacudimos a água e os vidros de nossas roupas. Uma roda de bicicleta zuniu como uma piorra no ar, vacilou e caiu.

— Deve ser exatamente onze horas — disse o Sr. Heng.

— Como, com mil diabos?...

— Julguei que o senhor se interessaria por isto. Espero que tenha se interessado.

— Vamos tomar um drinque?

— Não, desculpe-me. Preciso voltar para a casa do Sr. Chou, mas, antes, permita que lhe mostre uma coisa.

Conduziu-me ao lugar em que estacionavam as bicicletas e tirou o cadeado de sua própria bicicleta.

— Olhe com atenção.

— Uma Raleigh — respondi.

— Não. Veja a bomba. Não lhe recorda nada?

Sorriu com condescendência, ante a minha perplexidade, e foi-se embora. A certa altura, voltou a cabeça e fez-me um aceno com a mão, pedalando na direção de Cholon e do depósito de ferro velho. Na Sureté, para onde me dirigi em busca de informações, compreendi o que ele queria dizer-me. A matriz que eu vira no depósito tinha o formato de uma das partes de uma bomba de bicicleta. Naquele dia, em toda Saigon, verificou-se que as inofensivas bombas de bicicleta outra coisa não eram senão bombas de matéria plástica, sendo que todas explodiram ao soar das onze horas, exceto nos lugares em que a polícia, agindo segundo informações, que eu supunha terem sido emanadas do Sr. Heng, pudera chegar antes das explosões. Tudo aquilo era inteiramente trivial: dez explosões, seis pessoas ligeiramente feridas e só Deus sabe quantas bicicletas destruídas. Meus colegas — salvo os correspondentes do *Extrême-Orient*, que classificaram de “ultraje” o ocorrido — sabiam que só poderiam conseguir espaço encarando o caso pelo lado jocoso. “Bombas-bicicleta” dava um bom título. Todos eles acusaram os comunistas. Eu fui o único que escreveu que as bombas eram uma demonstração da parte do General Thé — e a minha exposição foi modificada na redação. O general não constituía notícia”. Não se podia desperdiçar espaço tentando identificá-lo. Enviei, através de Domínguez, uma mensagem ao Sr. Heng, dizendo que lamentava muito, mas que fizera tudo o que estava ao meu alcance. O Sr. Heng enviou-me delicada resposta verbal. Pareceu-me, naquela ocasião, que ele — ou o seu comitê vietminh — ficara indevidamente magoado: ninguém, de sã consciência, atribuía o caso aos comunistas. Com efeito, se é que algo pudesse fazer tal coisa, o caso só poderia fazer com que lhes

atribuísem senso de humor. “Que é que eles imaginarão a seguir?”, perguntavam, nas reuniões, as pessoas, e todo esse caso absurdo estava simbolizado, para mim, naquela roda de bicicleta a girar alegremente no meio do boulevard. Não cheguei sequer a mencionar a Pyle o que ouvira a respeito de suas ligações com o General Thé. Ele que brincasse inocentemente com a sua matéria plástica: isso talvez fizesse com que pensasse menos em Phuong. Ao mesmo tempo, como me achasse, certa noite, nas vizinhanças — e não tivesse nada melhor para fazer — fiz uma visita à garagem do Sr. Muoi.

Era um lugar acanhado, desleixado, não muito diferente de um depósito de ferro velho, situado no Boulevard de la Somme. Havia um automóvel, sobre macacos, no meio da garagem, com o cofre aberto, escancarado como o modelo de algum animal pré-histórico num museu provinciano que ninguém visita. Não creio que alguém se lembrasse de que ele lá estava. O chão estava coberto de pedaços de ferro e caixotes velhos: os vietnamitas não jogam nada fora. Assemelham-se, nesse sentido, aos cozinheiros chineses que, ao dividir um pato em sete partes, não dispensam sequer um pé. Perguntei a mim mesmo por que seria que alguém havia aberto mão, de modo tão pouco habitual, dos tambores vazios e da matriz defeituosa: talvez tivessem sido furtados por algum empregado desejoso de ganhar umas piastras — ou talvez alguém houvesse sido subornado pelo engenhoso Sr. Heng.

Como não parecia haver ali ninguém, entrei. Provavelmente, pensei, estão ausentes devido a uma possível visita da polícia. Era possível que o Sr. Heng tivesse algum elemento de contato na Sureté, mas, mesmo então, era pouco provável que a polícia agisse.

Do seu ponto de vista, seria melhor deixar que o povo supusesse que as bombas eram comunistas.

Afora o carro e o ferro velho espalhado pelo chão de cimento, nada mais havia para se ver. Era difícil imaginar de que modo as bombas podiam ser fabricadas na garagem do Sr. Muoi. Minha idéia era muito vaga quanto à maneira pela qual se podia transformar em matéria plástica o pó branco que eu vira no fundo do tambor, mas, indubitavelmente, o processo era por demais complexo para que pudesse ser ali realizado, num lugar em que mesmo as duas bombas de gasolina, junto à rua, pareciam estar necessitando de cuidados. Fiquei parado à entrada, a olhar para a rua. Debaixo das árvores, no meio do boulevard, os barbeiros estavam a trabalhar: um pedaço de espelho, preso ao tronco de uma árvore, apanhava o reflexo do sol. Uma jovem passava, com passos rápidos e miúdos, sob o seu chapéu em forma de molusco, a carregar dois cestos dependurados em uma vara. O adivinho, acorado junto à parede de Simon Frères, encontrou um freguês: um velho de barbicha rala como a de Ho Chi Minh, que observava, impassível, o baralhar e o virar das velhas cartas. Que futuro poderia ele ter que valesse uma piastra? No Boulevard de la Somme vivia-se abertamente, mas a polícia não possuía a chave com a qual pudesse penetrar na confiança daquela gente. Aquele era o nível de vida em que se sabia tudo, mas não se podia descer até aquele nível como se podia descer para a rua. Lembrei-me das velhas a bisbilhotar em nosso patamar, junto da privada comum; elas também ouviam tudo, mas eu ignorava o que elas sabiam.

Penetrei de novo na garagem e entrei num pequeno escritório existente ao fundo. Lá estava o calendário comercial chinês

habitual, além de uma escrivaninha repleta de coisas: listas de preços, um vidro de cola e uma máquina de calcular, alguns prendedores de papéis, um bule de chá e uma porção de lápis sem ponta e, por algum razão, um cartão postal ainda não usado, em que se via a torre Eiffel. York Harding poderia escrever, em abstrações gráficas, a respeito da Terceira Força, mas ali estava no que se resumia ela: ali estava ela. Havia uma porta na parede do fundo; estava fechada, mas a chave se encontrava sobre a escrivaninha, em meio dos lápis. Abri a porta e entrei.

Era um pequeno galpão, mais ou menos do tamanho da garagem. Continha apenas uma máquina, que, a princípio, parecia uma gaiola feita de barras de ferro e arame, com inúmeros poleiros destinados a algum pássaro adulto e sem asas. Dava a impressão de estar amarrada com tra-pos, mas os trapos tinham servido, provavelmente, para limpá-la, quando o Sr. Muoi e seus assistentes haviam sido chamados. Encontrei o nome de um fabricante — alguém de Lyon — bem como o número da patente... a patentear o quê? Liguei a corrente e a velha máquina adquiriu vida; os canos de ferro tinham uma finalidade: a engehoca era como um velho reunindo as suas últimas energias vitais, a lançar os punhos para baixo, para baixo... Aquela coisa era ainda uma prensa, embora em sua própria esfera tivesse pertencido à mesma era do cinema mudo; mas suponho que, naquele país, em que nada era jamais desperdiçado, e onde se podia esperar que tudo viesse, um dia, terminar sua carreira (lembrei-me de ter visto, num cinema de Nam Dinh, aquele velhíssimo filme, *The Great Train Robbery*, a abrir caminho, aos solavancos, pela tela, mas ainda conseguindo divertir), naquele país, dizia eu, aquela prensa era ainda utilizável.

Examinei, mais detidamente, a prensa: havia sinais de um pó branco. Diolacton, pensei — algo em comum com o leite. Não havia sinal nem de tambor nem de matriz alguma. Voltei ao escritório e passei para a garagem. Tive vontade dar um pontapé no pára-lama do velho automóvel; ele talvez ainda tivesse um longo caminho à sua frente, mas um dia, também... O Sr. Muoi e seus assistentes achavam-se provavelmente, naquele momento, em meio dos arrozais, a caminho da montanha sagrada em que o General Thé tinha o seu quartel-general. Quando, por fim, levantei a voz e gritei “Monsieur Muoi!”, pude imaginar que me achava longe da garagem, do *boulevard* e dos barbeiros, de volta aos arrozais em que me refugiara, junto à estrada de Tanyin “Monsieur Muoi!” Podia ver um homem voltar a cabeça em meio dos pedículos dos arrozais.

Voltei para casa e, ao chegar ao patamar, as velhas irromperam em seus chilreios, que, como o palrar dos pássaros, eu não podia entender. Phuong não estava em casa; havia apenas um bilhete, informando-me que se encontrava em companhia da irmã. Deitei-me na cama — pois que eu ainda me cansava facilmente — e adormeci. Ao despertar, vi que o mostrador luminoso de meu despertador indicava uma e vinte e cinco; voltei a cabeça para o outro lado, esperando encontrar Phuong adormecida ao meu lado. Mas o travesseiro estava intato. Ela devia ter trocado a fronha naquele dia, pois que conservava ainda a frialdade da lavanderia. Levantei-me e abri a gaveta onde ela guardava as suas echarpes — e elas não se achavam lá. Aproximei-me da estante. *A Vida da Família Real*, ilustrada, também havia desaparecido. Ela levava consigo o seu dote.

No momento do choque, há pouco sofrimento; o sofrimento

começou cerca das três horas da madrugada, quando comecei a planejar a vida que eu ainda tinha, de algum modo, que viver, e a lembrar-me das recordações que eu tinha, de algum modo, que eliminar. As lembranças são as piores; procurei, pois, evocar as infelizes. Eu tinha prática daquilo. Já passara, antes, por tudo aquilo. Sabia que podia fazer o que era necessário, mas eu estava muito mais velho. Sentia que me restava pouca energia para reconstruir.

(3)

Dirigi-me à Legação Americana e perguntei por Pyle. Era necessário, à entrada, preencher um formulário e dá-lo a um polícia militar.

— O senhor não pôs aí o motivo da visita — disse-me ele.

— Ele saberá.

— Então o senhor tem uma entrevista marcada?

— Pode escrever isso, se quiser.

— Talvez isto lhe pareça tolo, mas precisamos ter muito cuidado. Às vezes, aparecem por aqui alguns tipos estranhos.

— Foi o que ouvi dizer.

Ele passou a goma de mascar para o outro lado e entrou no elevador. Esperei. Não tinha idéia alguma do que dizer a Pyle. Aquela era uma cena que eu não representara antes. O policial voltou.

— Creio que o senhor pode subir — disse ele, de má vontade. —

Sala 12-A, primeiro andar.

Ao entrar na sala, vi que Pyle não estava lá. Joe achava-se sentado atrás da escrivaninha: o Adido Econômico. Não conseguia ainda lembrar-me de seu sobrenome. A irmã de Phuong observou-me por trás da máquina de escrever. Era triunfo o que eu lia naqueles olhos castanhos e perscrutadores.

— Vamos entrar, Tom — exclamou Joe, ruidosamente. — Vamos entrar. Prazer em vê-lo. Como vai sua perna? Nem sempre temos o prazer de receber sua visita em nosso pequeno rancho. Puxe uma cadeira. Diga-me o que pensa da nova ofensiva. Vi Granger, ontem à noite, no Continental. Está de partida, de novo, para o norte. Aquele é *esperto*. Onde há notícias, lá está Granger. Tome um cigarro. Sirva-se à vontade. Conhece Miss Hei? Não consigo guardar todos esses nomes; muito difícil para um sujeito da minha idade. Eu a chamo “Hi, there!” E ela gosta. Nada desse colonialismo empertigado. Que é que se diz por aí. Tom? Vocês, da imprensa, certamente mantêm os ouvidos abertos. Lamento o que aconteceu com a sua perna. Alden me disse...

— Onde está Pyle?

— Oh, Alden não está no escritório esta manhã. Creio que está em casa. Realiza uma grande parte de seu trabalho em casa.

— Sei o que ele faz em casa.

— Aquele rapaz é vivo! Como? O que foi que você disse?

— Sei, pelo menos, uma das coisas que ele faz em casa.

— Não o entendo, Tom. O lento Joe — eis o que sou. Sempre fui. Sempre serei.

— Ele dorme com a minha garota... a irmã da sua datilógrafa.

— Não entendo o que você quer dizer.

— Pergunte a ela. Ela arranhou tudo. Pyle levou minha garota.

— Olhe aqui, Fowler, pensei que você tivesse vindo aqui a negócios. Como sabe, não podemos ter cenas aqui no escritório.

— Vim aqui para ver Pyle, mas suponho que ele está se escondendo.

— Ora essa! Você é o último homem que poderia dizer uma coisa dessas! Depois de tudo o que ele fez por você.

— Oh, sim, naturalmente! Salvou-me a vida, não salvou? Mas eu jamais lhe pedi que o fizesse.

— Mas ele o fez à custa de grande perigo para si próprio. Aquele rapaz tem peito.

— A mim pouco me importa que ele tenha peito! Há outras partes de seu corpo que vêm mais a propósito.

— Não podemos permitir insinuações como essas, Fowler, com uma senhora na sala.

— Essa senhora e eu nos conhecemos muito bem. Ela não conseguiu levar vantagem comigo, mas está levando com Pyle. Está bem. Sei que estou procedendo mal, mas vou continuar a proceder mal. Esta é uma situação em que a gente procede mal.

— Tenho uma porção de trabalho para fazer. Há um relatório sobre a produção de borracha...

— Não se preocupe; já estou de saída. Diga apenas a Pyle, se ele telefonar, que vim visitá-lo. Ele talvez ache cortês retribuir a visita.

E, dirigindo-me à irmã de Phuong:

— Espero que tenha feito com que o acordo fosse testemunhado por um tabelião público, o cônsul americano e a Igreja do Cristo Cientista.

Saí para o corredor. Havia, do lado oposto, uma porta em que se lia “Homens”. Entrei, fechei a porta e, sentando-me, com a cabeça apoiada à fria parede, chorei. Até então, eu não tinha chorado. Até mesmo os seus lavatórios possuíam ar condicionado e, pouco depois, o ar fresco secou-me as lágrimas, como seca a saliva na boca e seiva no corpo.

(4)

Deixei os afazeres nas mãos de Domínguez e segui para o norte. Em Haiphong, eu tinha amigos na Esquadilha Gasconha. e passava horas, em sua companhia, no bar situado sobre o aeroporto, ou a jogar boliche no pátio terno, recoberto de cascalho. Oficialmente, eu estava no *front*: podia ser considerado tão diligente quanto Granger, mas, para o meu jornal, aquilo não tinha mais valor do que a minha excursão a Phat Diem. Mas, se a gente escreve sobre a guerra, o respeito por si mesmo exige que, ocasionalmente, se participe dos riscos.

Não me era fácil participar deles, nem mesmo durante o mais breve período, pois haviam sido recebidas ordens, de Hanói, no sentido de que só me fossem permitidas incursões horizontais — incursões que, naquela guerra, eram tão seguras como uma viagem

de ônibus, pois que voávamos fora do alcance das baterias antiaéreas pesadas; estávamos a salvo de tudo, exceto um erro do piloto ou uma falha no motor. Partíamos dentro de um horário e voltávamos dentro do horário. As cargas de bombas desciam em diagonal e a espiral de fumo das explosões erguia-se dos cruzamentos de estradas e de pontes; depois, voltávamos para a hora do aperitivo, e lançávamos as bolas de ferro sobre o chão de cascalho do boliche.

Uma manhã, à hora do rancho, enquanto eu tomava conhaque com soda em companhia de um jovem oficial, que desejava ardentemente visitar Southend Pier, chegaram ordens para uma missão.

— Gostaria de ir?

Respondi que sim. Mesmo um reide horizontal seria uma maneira de matar o tempo e matar os pensamentos. Quando rumávamos para o aeroporto, ele observou:

— Este é um reide vertical.

— Julguei que eu estivesse proibido...

— Ninguém saberá, contanto que você não escreva a respeito. Você verá uma região do país, perto da fronteira chinesa, que ainda não viu. Perto de Lai Chau.

— Julguei que tudo estivesse tranqüilo por lá... e nas mãos dos franceses.

— Estava. Mas. há dois dias, eles capturaram o lugar. Nossos pára-quedistas acham-se apenas a algumas horas de distância. Queremos que as tropas do Vietminh permaneçam com as cabeças

afundadas em seus buracos, até que retomemos o posto. Isso significa mergulhos rasos e fogo de metralhadora. Podemos dispor apenas de dois aviões; um já está realizando o seu trabalho, neste momento. Você alguma vez já bombardeou em mergulho?

— Não.

— É um pouco desconfortável, quando não se está acostumado.

A esquadrilha Gasconha possuía apenas pequenos bombardeiros B 26, que os franceses chamavam de prostitutas, porque, devido à sua pequena envergadura, não dispunham de nenhum meio visível de manutenção. Fui espremido sobre um pequeno suporte de metal, do tamanho de um selim de bicicleta, com os joelhos contra as costas do navegador. Seguimos sobre o rio Vermelho subindo lentamente, e o rio Vermelho, àquela hora, era realmente vermelho. Era como se a gente houvesse recuado no tempo e o visse com os olhos do velho geógrafo que primeiro lhe deu o nome, exatamente naquela hora em que o sol poente o iluminava de margem a margem; depois, a três mil metros de altitude, mudamos de direção, rumo ao rio Negro, realmente negro, cheio de sombras, fora do ângulo da luz e o cenário imenso e majestoso, de desfiladeiros, penhascos e florestas, girou em torno e ficou erguido debaixo de nós. Uma esquadrilha inteira poderia cair naquelas regiões verdes e cinzentas sem deixar mais vestígios que algumas moedas que se deixassem cair em meio de uma colheita. Muito distante, à nossa frente, um pequeno avião movia-se como um mosquito. Estávamos assumindo a sua tarefa.

Fizemos dois círculos sobre a torre e o casario da aldeia cercada de verde; depois, subimos, em vôo espiralado, pelo espaço

deslumbrante. O piloto — que se chamava Trouin — virou-se para mim e piscou o olho: junto à sua mão estavam os botões que controlavam a metralhadora e o depósito de bombas. Quando nos colocamos em posição de mergulho, senti no ventre aquele mal-estar que acompanha toda experiência nova: o primeiro baile, o primeiro jantar de cerimônia, o primeiro amor. Lembrei-me da montanha-russa, na Exposição de Wembley, quando se chegava à altura máxima. Não havia maneira alguma de se sair: a gente ficava preso à própria experiência, como numa armadilha. Quando começamos o mergulho, mal tive tempo de ler no marcador: três mil metros. Agora, tudo era sensação — não se via nada. Fui comprimido contra as costas do navegador; dir-se-ia que um peso enorme me apertava o peito. Não percebi o momento em que as bombas foram lançadas. De repente, a metralhadora espocou e a cabina do piloto ficou cheia do cheiro de cordite e, ao subir novamente, o peso em meu peito se dissipou — e era agora o estômago que caía, despencando em espiral, como um suicida, para o chão de que nos afastávamos. Durante quarenta segundos, Pyle não tinha existido; nem mesmo a solidão tinha existido. Enquanto subíamos, num grande círculo, pude ver a fumaça através da janela lateral, apontando para mim. Antes do segundo mergulho, tive medo: medo da humilhação, medo de vomitar sobre as costas do navegador, medo de que os meus velhos pulmões não agüentassem a pressão. Depois do décimo mergulho, sentia apenas irritação. A coisa estava demorando muito; já era tempo de voltar para casa. Erguemo-nos de novo, quase verticalmente, fora do alcance das baterias antiaéreas, nadando de direção — e a fumaça de novo se elevava no solo. A aldeia era cercada de montanhas por todos os

lados. Todas as vezes, tínhamos de nos aproximar pela mesma garganta. Ao mergulharmos pela décima quarta vez, pensei, agora que já estava livre do medo da humilhação: “Eles têm apenas de colocar uma bateria em posição”. Erguemo-nos novamente para o alto: talvez eles não tivessem uma bateria antiaérea. Os quarenta minutos da missão pareceram-me intermináveis, mas eu estivera livre, durante esse tempo, do desconforto de meus próprios pensamentos. O sol já se punha, quando regressamos. O momento do geógrafo havia passado: o rio Negro já não era negro, e o rio Vermelho era apenas cor de ouro.

Mergulhamos novamente, longe da floresta emaranhada e cheia de gretas, em direção do rio, voando rente aos arrozais abandonados, seguindo, como uma bala, na direção de uma pequena sampana que se encontrava no rio dourado. O avião disparou uma única rajada de balas traçantes, e a sampana partiu-se numa chuva de destroços. Nem sequer esperamos para ver nossas vítimas lutando para sobreviver; apenas ganhamos altura, rumo à nossa base. Pensei de novo, como fizera ao ver a criança morta, em Phat Diem: “Odeio a guerra”. Havia algo sumamente chocante naquela súbita e fortuita escolha de uma presa: aconteceu que estávamos apenas passando, bastou uma única rajada, não havia ninguém para responder ao nosso fogo e, agora, prosseguíamos de novo o nosso caminho, acrescentando a nossa pequena cota à morte do mundo.

Coloquei os fones na cabeça, para que o capitão falasse comigo.

— Faremos uma pequena volta — disse ele. — O pôr do sol é maravilhoso no *calcaire*.

E acrescentou, amavelmente, como um anfitrião que mostrasse

suas propriedades a um visitante:

— Você não pode perder tal espetáculo.

Durante uma centena de milhas, seguimos o pôr do sol sobre a Baie d'Along. Aquele rosto de marciano, com seu capacete, olhava, pensativo, os bosques dourados, entre os grandes arcos e corcovas de pedra porosa — e a ferida do assassínio deixou de sangrar.

(5)

O Capitão Trouin insistiu, aquela noite, em ser meu anfitrião na casa de ópio, embora ele próprio não fumasse. Gostava do cheiro do ópio. disse ele; gostava daquela sensação de tranqüilidade ao fim do dia — mas, em sua profissão, não podia ir além disso. Havia outros oficiais que fumavam, mas eram oficiais do exército; quanto a ele, precisava de suas horas de sono. Deitamo-nos num pequeno cubículo, junto a uma fileira de outros cubículos, como um dormitório de colégio — e o proprietário preparou-me os cachimbos. Eu não fumava desde que Phuong me abandonara. Do outro lado, achava-se deitada, encolhida, uma *métisse* de longas e belas pernas a ler, depois de seus cachimbos, um jornal feminino em papel acetinado, enquanto que, no cubículo contíguo ao seu, dois chineses de meia-idade tratavam de seus negócios, a sorver o seu chá, tendo ao lado os seus cachimbos.

— Aquela sampana, esta tarde, estava fazendo algum mal? — perguntei.

— Quem poderá saber? — respondeu Trouin. — Naquele trecho

do rio, temos ordens para atirar contra tudo o que depararmos.

Fumei meu primeiro cachimbo. Procurei não pensar em todos os cachimbos que eu tinha fumado em casa.

— O que aconteceu hoje, não foi das piores coisas, para alguém como eu — disse Trouin. — Quando voávamos sobre a aldeia, eles nos poderiam ter abatido. Corrímos o mesmo risco que eles. O que detesto é bombardeio com napalm. Realizado a mil metros, com toda segurança.

Fez um gesto de desânimo e acrescentou:

— Vê-se a floresta pegar fogo. Só Deus sabe o que se veria da terra. Os pobres diabos são queimados vivos; as chamas escorrem sobre eles como água. Ficam inteiramente molhados de fogo. — E ajuntou, irritado contra todo um mundo que ele não compreendia: — Não estou lutando numa guerra colonial. Pensa que eu faria essas coisas em benefício dos plantadores de Terre Rouge? Preferiria ser submetido à corte marcial. Estamos lutando devido a todas as guerras de vocês, mas vocês deixam que a culpa recaia sobre nós.

— Aquela sampana...

— Sim, aquela sampana também — disse ele, a observar-me, enquanto eu me deitava para o meu segundo cachimbo. — Invejo o seu modo de fuga.

— Você não sabe do que estou fugindo. Não é da guerra. Isso não me diz respeito. Não estou envolvido.

— Mas estará. Algum dia.

— Não estarei.

— Você está ainda coxeando.

— Eles tinham o direito de atirar em mim, mas nem mesmo estavam fazendo isso. Estavam demolindo uma torre. Deve-se evitar sempre os pelotões de demolição. Mesmo em Picadilly.

— Algum dia algo acontecerá. Você terá de tomar um partido.

— Não. Estou prestes a voltar para a Inglaterra.

— Aquela fotografia que você me mostrou certa vez...

— Oh, eu a rasguei. Ela me abandonou.

— Sinto muito.

— É assim que as coisas acontecem. A gente abandona os outros e, um dia, a maré vira. Isso quase me faz acreditar em justiça.

— Eu acredito. A primeira vez em que lancei napalm, pensei: “Esta é a aldeia em que nasci. Ali é onde vive Monsieur Dubois, o velho amigo de meu pai. O padeiro (eu gostava muito do padeiro, quando menino) está fugindo em meio das chamas que eu lancei”. Os homens de Vichy não bombardearam o seu próprio país. Senti-me pior do que eles.

— Mas você ainda continua.

— Essas coisas são passageiras... Sinto-me assim apenas quanto ao que se refere ao *napalm*. O resto do tempo, penso que estou defendendo a Europa. E, como você sabe, “eles” também praticam certas coisas monstruosas. Quando foram expulsos de Hanói, em 1946, deixaram “reliquias” terríveis entre a sua própria gente... pessoas que eles julgavam que nos haviam ajudado. Havia uma jovem no necrotério: tinham-lhe decepado os seios. Quanto ao seu namorado, mutilaram-no e, depois, empalharam-lhe o...

— Eis aí por que não me deixarei envolver.

— Não se trata de uma questão de razão ou de justiça. Todos nós nos envolvemos, num momento de emoção, e depois não podemos libertar-nos. Guerra e Amor — coisas que foram sempre comparadas.

Olhou tristemente para o lado oposto do dormitório, onde a *métisse* se achava estendida, em sua grande paz temporária.

— Eu não poderia encarar as coisas de outro modo. Ai *está* uma jovem que foi envolvida pelos próprios pais: qual será o seu futuro, quando esse porto cair? A França é apenas metade de sua pátria...

— Mas ele cairá?

— Você é jornalista. Sabe melhor do que eu que não podemos vencer. Sabe que a estrada de Hanói é obstruída e minada todas as noites. Sabe que perdemos, cada ano, uma classe inteira de St.-Cyr. Quase fomos derrotados em 1950. De Lattre deu-nos dois anos de adiamento... Eis tudo. Mas somos profissionais: temos de continuar lutando, até que os políticos nos digam para parar; provavelmente reunir-se-ão e concordarão em fazer a mesma paz que poderíamos ter tido desde o começo, tornando inteiramente sem sentido todos estes anos.

Seu rosto, feio, que piscara para mim antes do mergulho, revelava uma espécie de brutalidade profissional, como uma máscara através de cujos orifícios os olhos de uma criança espreitassem.

-- Você não compreenderia tal contra-senso, Fowler — acrescentou. — Você não é um de nós.

— Há outras coisas na vida que tornam um contra-senso o passar dos anos.

Colocou a mão sobre o meu joelho, num estranho gesto de proteção, como se ele fosse o mais velho:

— Leve-a para casa. Isso é melhor do que um cachimbo.

— Como é que você sabe que ela iria?

— Tanto eu como o Tenente Herrin já dormimos com ela. Quinhentas piastras.

— Caro.

— Creio que ela iria por trezentas, mas, em certas circunstâncias, a gente não procura regatear.

Mas o conselho não deu bom resultado. O corpo de um homem é limitado quanto aos atos que pode realizar — e o meu estava congelado pela recordação. O que as minhas mãos tocaram, aquela noite, talvez fosse mais belo do que aquilo a que eu estava acostumado, mas a gente não se deixa ganhar apenas pela beleza. Ela usava o mesmo perfume e, subitamente, no momento da posse, o fantasma do que eu perdera se mostrou mais poderoso do que o corpo estendido à minha disposição. Afastei-me, deitando-me de costas, e o desejo se dissipou em mim.

— Desculpe-me — disse eu, mentindo. — Não sei o que se passa comigo.

— Não se preocupe — respondeu ela, com grande doçura e falta de compreensão. — Isso acontece com frequência. É o ópio.

— Sim — repeti. — É o ópio.

E desejei do fundo do coração que tivesse sido.

CAPÍTULO II

(1)

Era estranha aquela minha primeira volta a Saigon, sem ninguém que me recebesse. Ao chegar ao aeroporto, desejei que houvesse alguém cujo endereço eu pudesse dar ao chofer do táxi, ao invés de seguir para a Rua Catinat. Perguntei a mim mesmo: “A dor é um pouco menor do que quando parti?” E procurei persuadir-me de que assim o era. Quando cheguei ao patamar, vi que a porta estava aberta, e aproximei-me com a respiração suspensa, cheio de uma esperança insensata. Caminhei lentamente para a porta. Enquanto não chegasse a ela, a esperança permaneceria viva. Ouvi o ruído de uma cadeira e, ao chegar à porta, pude ver um par de sapatos — mas não eram sapatos de mulher. Entrei, rapidamente, e foi Pyle quem se ergueu, desajeitado, da cadeira em que Phuong costumava sentar-se.

— Alô, Thomas — exclamou ele.

— Alô, Pyle. Como foi que você entrou?

— Encontrei Domínguez. Ele trazia a sua correspondência. Pedi-lhe que me deixasse ficar.

— Phuong esqueceu alguma coisa?

— Oh, não! Mas Joe me disse que você esteve na Legação. Achei que seria mais fácil conversarmos aqui.

— Sobre o quê?

Ele fez um gesto vago, como um menino a quem se dá a Palavra, numa festa escolar, e que não consegue encontrar as palavras dos adultos:

— Você esteve fora?

— Estive. E você?

— Oh, estive viajando por aí.

— Continua ainda a brincar com matéria plástica? Ele esboçou um sorriso, com ar infeliz.

— Suas cartas estão ali.

Pude ver, num relance, que não havia nada que agora pudesse interessar-me: havia uma de meu jornal, em Londres, outras que pareciam contas e uma de meu banco.

— Como está Phuong? — perguntei.

Seu rosto se iluminou automaticamente, como o de um desses brinquedos elétricos que respondem a um determinado som.

— Oh, está muito bem — respondeu, contraindo logo os lábios, como se tivesse ido demasiado longe.

— Sente-se, Pyle. Desculpe-me, enquanto corro os olhos por esta carta. É do meu jornal.

Abri-a. De que maneira inoportuna o inesperado pode acontecer! O redator-chefe dizia que examinara a minha última carta e que, em vista da confusa situação reinante na Indochina, decorrente da morte do General de Lattre e do recuo em Hoa Binh, concordava com a minha sugestão. Designara um editor estrangeiro

temporário, e gostaria que eu permanecesse na Indochina pelo menos durante mais um ano. “Conservaremos o lugar para você”, tranqüilizava-me ele, revelando completa incompreensão. Julgava que eu me interessava pelo lugar e pelo jornal.

Sentei-me diante de Pyle e reli a carta que chegara demasiado tarde. Por um momento, senti-me tomado de júbilo, como no instante em que a gente desperta, antes de lembrar-se das coisas.

— Más notícias? — perguntou Pyle.

— Não.

Disse a mim mesmo que aquilo, de qualquer modo, não teria feito diferença alguma: uma suspensão da conde-cão, por um ano, de nada valeria diante de um ajuste de casamento.

— Você ainda não está casado? — perguntei.

Ele enrubesceu: enrubescia com grande facilidade.

— Não. Na verdade, estou aguardando uma licença especial. Poderíamos, então, casar em casa... adequadamente.

— Isso é mais adequado quando acontece em casa?

— Bem, pensei que... É difícil dizer-se essas coisas a você, Thomas, pois você é tremendamente irreverente. Mas parece-me um sinal de respeito. Meu pai e minha mãe podiam estar presentes... Seria como se ela entrasse para a família. Isso é importante, tendo-se em vista o passado.

— O passado?

— Você sabe o que quero dizer. Não queria deixá-la lá, sem qualquer estigma...

— Você a deixaria só com a sua família?

— Creio que sim. Minha mãe é uma mulher maravilhosa; sairia com ela, apresentá-la-ia às pessoas amigas... procuraria, por assim dizer, enquadrá-la em nosso meio. Ajudá-la-ia a preparar um lar para mim.

Não sabia se devia ou não sentir pena de Phuong: ela queria tanto ver os arranha-céus e a Estátua da Liberdade, mas quase não fazia idéia do que isso implicava... O professor e a senhora Pyle... os clubes femininos. Será que eles lhe ensinariam canastra? Lembrei-me dela naquela primeira noite no Grand Monde, em seu vestido branco, movendo-se tão graciosamente em seus pés de dezoito anos, e pensei nela há um mês, regateando o preço da carne nos açougues do Boulevard de la Somme. Será que ela gostaria das pequenas e cintilantes mercearias da Nova Inglaterra, em que até os aipos vinham envoltos em papel celofane? Talvez gostasse. Eu não saberia dizê-lo. Embora aquilo me parecesse estranho, eu próprio me surpreendi dizendo, como Pyle o poderia ter feito um mês atrás:

— Vá devagar com ela. Não force as coisas. Ela pode sentir-se magoada, como qualquer um de nós.

— Naturalmente, Thomas. Naturalmente.

— Ela parece tão pequena, frágil, diferente das nossas mulheres, mas não a considere como... como um ornamento.

— É interessante, Thomas, como as coisas acontecem. Receei muito esta nossa conversa. Julguei que você fosse ser duro.

— Tive tempo de refletir, lá no norte. Havia lá uma mulher... E talvez eu tenha visto o que você viu naquele prostíbulo. Foi uma boa coisa que ela tenha ido embora com você. Eu poderia tê-la deixado,

algum dia, com alguém como Granger.

— E podemos continuar amigos, Thomas?

— Podemos, claro. Só que eu não gostaria de ver Phuong. Já há muito dela aqui, tais como estão as coisas. Preciso arranjar um outro apartamento... logo que disponha de tempo.

Ele descruzou as pernas e levantou-se.

— Estou muito contente, Thomas. Não sei dizer-lhe quão contente estou. Eu já o disse antes, Thomas, mas gostaria, realmente, que não tivesse sido você.

— Estou contente que tenha sido você, Pyle.

A entrevista não decorrera como eu previra: sob os projetos superficiais, feitos em momentos de raiva, havia-se formado, num nível mais profundo, um genuíno plano de ação. Todas as ocasiões em que a sua inocência me irritara, algum juiz, em meu íntimo, votava em seu favor, comparando o seu idealismo, as suas idéias incompletas, baseadas nas obras de York Harding, com o meu cinismo. Oh, eu estava certo quanto ao que dizia respeito aos fatos, mas não teria ele também o direito de ser jovem e estar equivocado — e não era ele, talvez, um homem melhor para uma jovem passar a vida em sua companhia?

Trocamos um aperto de mão perfunctório, mas um receio um tanto vago fez com que eu o seguisse até o topo da escada e o chamasse. Talvez haja não só um profeta como também um juiz nos tribunais interiores em que são tomadas as nossas verdadeiras decisões.

— Pyle, não confie demasiado em York Harding.

— York! — exclamou ele, fitando-me do primeiro degrau.

— Pertencemos aos velhos povos colonizadores, Pyle, mas aprendemos um pouco em contato com a realidade: aprendemos a não brincar com fogo. Essa Terceira Força... é coisa que vem de um livro apenas. O General Thé não passa de um bandido com cerca de alguns milhares de homens: não é uma democracia nacional.

Era como se ele estivesse me olhando através da abertura de uma caixa postal, para ver quem é que estava do outro lado — e deixasse, depois, cair a tampa, livrando-se do intruso que o importunava. Eu não podia ver-lhe os olhos.

— Não entendo o que você quer dizer, Thomas.

— Aquelas bombas-bicicleta. Foram uma boa piada, embora um homem haja perdido um pé. Mas, Pyle, a gente não pode confiar em homens como o General Thé. Eles não vão salvar o Oriente do comunismo. Sabemos como é que eles são.

— Nós?

— Os antigos colonizadores.

— Julguei que você não tomava partido.

— Não tomo, Pyle, mas se alguém tiver de meter-se em complicações, em seu serviço, deixe que esse alguém seja Joe. Leve Phuong para os Estados Unidos. Esqueça a Terceira Força.

— Claro que sempre aprecio os seus conselhos, Thomas — respondeu ele, formal. — Bem, verei você dentro em breve.

— Creio que sim.

(2)

As semanas iam passando, mas eu não encontrara ainda um novo apartamento. Não era que não tivesse tempo. A crise anual da guerra tinha de novo passado; o quente e úmido cmchin descera sobre o norte; os franceses estavam fora da área de Hoa Binh, a campanha do arroz terminara em Tonkin e a campanha do ópio em Laos. Domínguez podia encarregar-se facilmente de todas as notícias referentes ao sul. Por fim, convenci-me de que devia ir ver um apartamento no chamado edifício moderno (Exposição de Paris de 1934?) na outra extremidade da Rua Catinat, além do Hotel Continental. Era um pied-à-terre, em Saigon, de um plantador de borracha que seguia para a França. Queria vendê-lo com móveis, utensílios e tudo. Sempre pensei no que aquele tudo significaria; quanto aos “utensílios”, havia numerosas gravuras provenientes da Exposição de Paris, entre 1880 e 1900. Entre as que mais se destacavam, havia uma em que aparecia uma mulher de grande busto, com um penteado extraordinário e vestes diáfnas que expunham as volumosas nádegas e ocultavam outras partes mais recatadas. No quarto de banho, o plantador havia sido ainda mais ousado em suas reproduções de Rops.

— Gosta de arte? — perguntou-me, lançando-me um sorriso afetado, como se eu fosse um conspirador seu camarada.

Era gordo, tinha um pequeno bigode negro e pouco cabelo.

— Meus melhores quadros estão em Paris —acrescentou.

Havia, na sala de estar, um cinzeiro extraordinariamente alto,

tendo como suporte uma mulher nua com taça na cabeça, além de bibelôs de porcelana em forma de jovens nuas abraçadas a tigres, bem como um outro, muito estranho, em que se via, sobre uma bicicleta, uma moça despida até a cintura. No quarto de dormir, diante de sua enorme cama, havia um quadro a óleo, de pintura brilhante, com duas jovens a dormir juntas. Perguntei-lhe o preço do apartamento sem a coleção, mas ele não queria desfazer-se do apartamento separadamente.

— O senhor não é colecionador? — perguntou-me.

— Não.

— Tenho também alguns livros, que deixaria aqui, embora tivesse pensado em levá-los para a França.

Abriu uma estante envidraçada e mostrou-me sua biblioteca: edições caras, ilustradas, de *Aphrodite* e *Naná*. Havia também um exemplar de *La Garçonne* e mesmo alguns Paul de Kock. Senti vontade de perguntar-lhe se ele também estava incluído na venda de sua coleção: se também fazia parte da transação.

— Quando se vive só nos trópicos, uma coleção de objetos de arte é boa companhia.

Pensei em Phuong justamente devido à sua completa ausência. É sempre assim: quando a gente foge para um deserto, o silêncio grita sempre em nossos ouvidos.

— Não creio que meu jornal me permitisse comprar uma coleção de arte.

— Mas isso, claro, não apareceria no recibo.

Fiquei contente de Pyle não o ter visto: o homem poderia ter

emprestado os seus próprios traços pessoais ao “velho colonizador” de Pyle, que já era bastante repugnante sem ele. Quando saí, já eram quase onze e meia, de modo que segui até o Pavillon, para tomar uma cerveja. O Pavillon era um café freqüentado por mulheres européias e americanas; esperava, pois, não encontrar Phuong lá. Com efeito, eu sabia exatamente onde Phuong devia estar àquela hora do dia. Phuong não era uma moça que quebrasse os seus hábitos. Assim, pois, ao sair do apartamento do plantador, atravessei a rua, a fim de evitar a leiteria em que, àquela hora, ela costumava tomar o seu leite maltado.

Duas jovens americanas ocupavam a mesa ao lado bem arranjadas e frescas apesar do calor, a tomar o seu sorvete. Cada qual carregava uma bolsa dependurada no ombro esquerdo — e as bolsas eram idênticas, tendo como distintivo uma águia de metal. Suas pernas eram também idênticas, longas e bem feitas; tinham o nariz um pouquinho arrebitado e tomavam os seus sorvetes concentradas, como se estivessem fazendo um experimento no laboratório universitário. Pensei se não seriam colegas de Pyle; eram encantadoras, e tive também vontade de mandá-las de volta para os Estados Unidos. Acabaram de tomar o sorvete e uma delas consultou o relógio.

— É melhor irmos embora — disse ela —, para ficarmos do lado mais seguro.

Pus-me a imaginar, ociosamente, com quem poderiam elas ter um encontro marcado.

— Warren disse que não devíamos ficar depois das onze e vinte e cinco.

— Já passou da hora.

— Seria excitante ficar. Eu não sei de que se trata. Você sabe?

— Não sei muito bem. mas Warren disse que seria melhor que não ficássemos na rua.

— Você acha que se trata de uma demonstração?

— Eu já vi demonstração de sobra — respondeu a outra, com ar de enfado, como um turista farto de visitar igrejas.

Levantou-se e deixou sobre a mesa o dinheiro dos sorvetes. Antes de sair. lançou um olhar pelo café, e os espelhos refletiram-lhe, em todos os ângulos, as sardas do perfil. No café, só ficaram duas francesas mal vestidas, de meia-idade, e eu. Nenhuma delas, naturalmente, tinha necessidade de maquilagem, do traço incisivo de um batom e de passar o pente pelo cabelo. Por um momento, o olhar de uma delas pousou em mim; não parecia um olhar de mulher, mas de homem, direto, a pensar em algum curso de ação. Depois, voltou-se abruptamente para a companheira:

— É melhor irmos embora.

Observei-as, indolentemente, enquanto saíam, lado a lado, para a rua salpicada de sol. Era impossível conceber-se qualquer uma delas como uma presa de paixões desenfreadas: não pertenciam aos lençóis revoltos nem ao suor do sexo. Será que levavam consigo desodorantes para a cama? Senti, por um momento, inveja de seu mundo esterilizado, tão diferente do mundo em que eu vivia — de um mundo que. súbita e inexplicavelmente, se fez em pedaços. Dois dos espelhos da parede voaram em minha direção, mas caíram a meio caminho. A desleixada francesa estava de joelhos em meio de destroços de mesas e cadeiras. Seu estojo de pó-de-arroz achava-se

aberto e intato em meu colo e, por estranho que parecesse, eu me encontrava sentado exatamente no mesmo lugar que antes, embora minha mesa tivesse se unido aos destroços que rodeavam a francesa. Um curioso som de jardim enchia o café: o pingar regular de uma fonte. Volvi o olhar para o bar e vi fileiras de garrafas quebradas, cujos conteúdos fluíam, pelo chão do café, numa corrente multicolorida: o vermelho do vinho do Porto, o alaranjado do *cointreau*, o verde do *chartreuse*, o amarelo turvo do *pastis*. A francesa sentou-se e, calmamente, lançou o olhar em torno, à procura de seu estojo. Dei-lho, e ela agradeceu-me cerimoniosamente, sentada no chão. Percebi que não ouvira muito bem suas palavras. A explosão tinha-se verificado muito perto de meus ouvidos que ainda precisavam refazer-se da pressão.

Pensei, de modo um tanto petulante: “Outra brincadeira com matéria plástica. Que será que o Sr. Heng espera que eu escreva agora?” Mas, ao chegar à Place Garnier percebi, pelas densas nuvens de fumaça, que aquilo não fora uma brincadeira. A fumaça provinha dos carros incendiados que se achavam diante do teatro nacional, cujos destroços se encontravam espalhados pela praça — e um homem sem pernas estava estirado, convulso, sobre a grama do jardim ornamental. A multidão acorria da Rua Catinat, do Boulevard Bonnard. As sirenas dos carros da polícia, as campainhas das ambulâncias e dos veículos do corpo de bombeiros chegaram, simultaneamente, aos meus ouvidos traumatizados. Por um momento, esqueci que Phuong devia estar na leiteria, do outro lado da praça. A fumaça impedia que eu visse o lado oposto.

Entrei na praça e um policial deteve-me. Tinham formado cordões de isolamento, a fim de evitar que a multidão aumentasse, e

já começavam a surgir as padiolas. Implorei ao policial que estava à minha frente:

— Deixe-me passar. Tenho um amigo...

— Afaste-se — respondeu ele. — Todos, aqui, têm amigos.

Afastou-se um pouco para deixar um sacerdote passar, e eu procurei seguir o sacerdote, mas ele me empurrou para trás.

— Sou da imprensa — exclamei, procurando, em vão, a carteira em que tinha o meu cartão de identificação.

Será que tinha saído, aquele dia, sem ele?

— Diga-me, pelo menos, o que aconteceu com a leiteria?

A fumaça estava se dissipando e eu procurei ver, mas a multidão era grande demais. Ele respondeu algo que não entendi.

— Que foi que disse ?

— Não sei — repetiu. — Afaste-se. O senhor está impedindo o caminho dos padioleiros.

Será que tinha perdido a minha carteira no Pavillon? Voltei-me para me retirar — e lá estava Pyle.

— Thomas! — chamou-me ele.

— Pyle, pelo amor de Deus, onde está o seu passe da Legação? Temos que passar. Phuong está na leiteria.

— Não, não — respondeu ele.

— Pyle, ela está lá. Ela sempre vai lá. Às onze e trinta. Precisamos encontrá-la.

— Ela não está lá, Thomas.

— Como é que você sabe? Onde está o seu cartão?

— Disse a ela que não saísse.

Eu me volvei para o policial, disposto a afastá-lo para o lado e a sair a correr pela praça, embora ele pudesse disparar contra mim. Eu, porém, pouco me importava. Mas, súbito, as palavras “Eu disse a ela que não saísse” me chegaram à consciência. Tomei Pyle pelo braço:

— Disse a ela? Que é que você quer significar com isso?

— Disse-lhe que não saísse esta manhã.

As peças do jogo enquadraram-se em minha mente.

— E Warren? — perguntei. — Quem é Warren? Ele também avisou aquelas garotas.

— Não compreendo.

— Não deve ter acontecido nada a nenhum americano, não é verdade?

Uma ambulância abria caminho para a praça, vinda da Rua Catinat, e o policial que me contivera se afastou para o lado, a fim de deixá-la passar. O policial ao lado estava metido numa discussão. Empurrei Pyle para a frente e entramos ambos na praça, antes que pudéssemos ser detidos.

Estávamos em meio de um grupo de pessoas que se lamentavam. A polícia não pôde impedir que outros indivíduos entrassem na praça. Os policiais eram impotentes para remover os sobreviventes e os primeiros que chegaram. Os médicos estavam demasiado ocupados para dar atenção aos mortos, de modo que estes eram deixados com os seus donos, pois a gente pode possuir

um morto como se possui uma cadeira. Uma mulher estava sentada no chão, tendo ao colo o que restava do filho; numa espécie de modéstia, cobrira-o com o seu chapéu de palha de camponesa. Estava imóvel e silenciosa — e o que me impressionava mais, na praça, era o silêncio. Era como uma igreja que eu visitara, certa vez, durante a missa: os únicos sons vinham dos que oficiavam, salvo nos lugares, aqui e acolá, em que os europeus soluçavam, imploravam e ficavam de novo silenciosos, como que envergonhados diante do recato, da paciência e do decoro do Oriente. O torso sem pernas, junto ao jardim, ainda se contorcia, como uma galinha cuja cabeça foi decepada. A julgar pela sua camisa, devia ser, provavelmente, um condutor de *trishaw*.

— É medonho — disse Pyle.

Olhou para a mancha úmida de seus sapatos e perguntou, numa voz nauseada:

— Que é isso?

— Sangue — respondi. — Você não viu sangue antes?

— Preciso limpar os sapatos, antes de ir ver o Ministro.

Não creio que ele soubesse o que estava dizendo. Ele estava vendo, pela primeira vez, uma guerra verdadeira; havia seguido de canoa, até Phat Diem, numa espécie de sonho de colegial — e, de qualquer modo, a seus olhos, os soldados não contavam.

— Veja o que um tambor de Diolacton pode fazer — disse-lhe eu — quando cai nas mãos de certos indivíduos.

Com a mão em seu ombro, obriguei-o a olhar em torno:

— Esta é a hora em que este lugar esta sempre cheio de

mulheres e crianças. A hora em que fazem suas compras. Por que escolher exatamente esta hora?

— Devia realizar-se uma parada — respondeu, com voz débil.

— E você esperava apanhar uns poucos coronéis. Mas a parada foi cancelada ontem, Pyle.

— Eu não sabia.

— Não sabia! — exclamei, empurrando-o para um lugar cheio de sangue, onde estivera colocada uma padiola. — Você devia estar mais bem informado.

— Eu estava fora da cidade — disse ele, olhando os sapatos. — Isso devia ter sido cancelado.

— E perder-se tal divertimento? Você acha que o General Thé iria perder esta demonstração? Isto é melhor do que uma parada. Numa guerra, mulheres e crianças constituem notícias; soldados, não. Isto chegará até a imprensa mundial. Não há dúvida, Pyle, de que você colocou o General Thé no mapa. Você tem a Terceira Força e a Democracia Nacional espalhadas em seu sapato. Vá para casa, ao encontro de Phuong, e conte-lhe o seu feito heróico: há algumas dezenas a menos de compatriotas dela com os quais se preocupar.

Um pequeno e gordo sacerdote passou por nós, apressado, carregando algo numa salva, sob um guardanapo. Pyle estava calado havia já algum tempo — e eu nada mais tinha a dizer. Na verdade, falara até demais. Ele parecia pálido, abatido, prestes a desmaiar. “De que serve falar?”, pensei. “Ele será sempre inocente, não se pode culpar os inocentes, pois que eles nunca são culpados. Tudo o que se pode fazer é controlá-los ou eliminá-los. A inocência é uma espécie de loucura.”

— O General Thé não teria feito isso — disse ele. —Estou certo de que não o teria feito. Alguém o enganou. Os comunistas...

Era inexpugnavelmente defendido pelas suas boas intenções e pela sua inocência. Deixei-o parado no meio da praça e subi a Rua Catinat, onde a odiosa catedral cor-de-rosa obstruía o caminho. O povo já começava a afluir: devia ser um consolo para aquela gente poder rezar aos mortos, pelos mortos.

Ao contrário deles, eu tinha razão para sentir-me agradecido — pois Phuong não estava viva? Acaso Phuong não tinha sido “avisada”? Mas, do que eu me lembrava, era do torso na praça, da criancinha no colo da mãe. Eles não tinham sido avisados: não eram suficientemente importantes. E, se a parada houvesse se realizado, acaso não estariam lá do mesmo modo, por curiosidade, para ver os soldados, ouvir os oradores e lançar as flores? Uma bomba de cem quilos não escolhe. Quantos coronéis mortos justificam a morte de uma criança ou de um condutor de *trishaw*, quando se está construindo uma frente democrática nacional? Fiz parar um *trishaw* a motor e disse ao condutor que me levasse ao Quai Mytho.

QUARTA PARTE

CAPÍTULO I

Eu dera dinheiro a Phuong para que levasse a irmã ao cinema, a fim de que ela não me atrapalhasse e estivesse em segurança. Saí para jantar com Domínguez e estava em meu quarto, à espera, quando Vigot chegou, exatamente às dez horas. Desculpou-se por não aceitar a bebida que lhe ofereci: estava muito cansado e a bebida poderia dar-lhe sono. Aquele fora um dia muito longo.

— Assassínio e morte súbita?

— Não. Pequenos roubos. Alguns suicídios. Essa gente gosta de jogar e, quando perde tudo, mata-se. Talvez eu não houvesse entrado para a polícia, se soubesse quanto tempo teria de passar em necrotérios. Não gosto de cheiro de amoníaco. Talvez, pensando bem, aceite uma cerveja.

— Sinto muito, mas não tenho geladeira.

— Ao contrário do necrotério. Um pequeno uísque, então.

Lembrei-me da noite em que descera com ele ao necrotério — e em que eles puxaram o corpo de Pyle como se fosse uma bandeja cheia de cubos de gelo.

— Então não vai voltar para a Inglaterra? — perguntou-me.

— Você esteve investigando?

— Estive.

Estendi-lhe o uísque para que ele pudesse ver como eram calmos os meus nervos.

— Vigot, gostaria que me dissesse por que é que acha que eu estava interessado na morte de Pyle. Por que motivo? Por que queria Phuong de volta? Ou julga que foi uma vingança, por tê-la perdido?

— Não. Não sou tão estúpido assim. A gente não leva como lembrança o livro de um inimigo. Ali está ele em sua estante. O *Papel do Ocidente*. Quem é esse York Harding?

— É o homem que você procura, Vigot. Ele matou Pyle... de longe.

— Não entendo.

— É uma espécie de jornalista de alto bordo. Eles os chamam de correspondentes diplomáticos. Ele apanha uma idéia e, depois, modifica todas as situações, para que se adaptem à tal idéia. Pyle veio para cá com a cabeça cheia da idéia de York Harding. Harding esteve aqui certa vez, durante uma semana, de passagem para Bangkok e Tóquio. Pyle cometeu o erro de pôr em prática a sua idéia. Harding escreveu a respeito de uma Terceira Força. Pyle formou uma: um pequeno bandido vulgar, com dois mil homens e um casal de tigres domesticados.

— Você não se envolve nunca, pois não?

— Tenho procurado não me envolver.

— Mas você fracassou, Fowler.

Por alguma razão, pensei no Capitão Trouin e naquela noite — que parecia ter sido há muitos anos — em que tínhamos estado na casa de ópio, em Haiphong. Que foi que ele havia dito? Algo mais ou menos assim: que todos nós, mais cedo ou mais tarde, acabávamos

deixando-nos envolver, num momento de emoção.

— Você teria dado um bom sacerdote, Vigot. Que e que há em você que torna tão fácil uma confissão — quando há algo que se confessar?

— Jamais quis ouvir confissão alguma.

— Mas tem ouvido?

— De tempos em tempos.

— Será isso devido ao fato de que você, em seu trabalho, como ocorre com o sacerdote, mostra-se compreensivo, ao invés de chocado? “Monsieur Flic, preciso dizer-lhe exatamente por que motivo esmigalhei o crânio da velha.” “Sim, Gustavo, não tenha pressa e diga-me por que foi!”

— Você tem uma imaginação extravagante. Por acaso, você não anda bebendo, Fowler?

— Naturalmente, não é prudente que um criminoso beba em companhia de um policial, não é verdade?

— Nunca disse que você fosse um criminoso.

— Mas suponhamos que a bebida despertasse, mesmo em mim, o desejo de confessar? Não existe segredo de confessionário em sua profissão.

— Raramente o sigilo é importante para quem confessa, mesmo que o faça a um sacerdote. Há outros motivos.

— Para purificar-se.

— Nem sempre. Às vezes, o indivíduo quer apenas ver-se como realmente é. Outras vezes, está apenas cansado de imposturas. Você

não é um criminoso, Fowler, mas gostaria de saber por que foi que me mentiu. Você viu Pyle na noite em que ele morreu.

— Que é que o leva a pensar tal coisa?

— Não creio, por um momento sequer, que você o tenha assassinado. Dificilmente você usaria uma baioneta enferrujada.

— Enferrujada?

— São esses os detalhes que a gente obtém de uma autópsia. Todavia, eu lhe disse que não foi essa a *causa mortis*. Foi lama de Dakow — acrescentou, estendendo o copo para um outro uísque. — Ora, vejamos! Você tomou um drinque no Continental, às seis e dez?

— Tomei.

— E, às seis e quarenta, você estava falando com outro jornalista, na porta do Majestic?

— Sim. Wilkins. Já lhe disse tudo isso antes, Vigot Naquela mesma noite.

— Sim. Verifiquei tudo, desde então. É maravilhoso como você guarda todos esses pormenores na cabeça.

— Sou repórter, Vigot.

— Talvez as horas não sejam perfeitamente exatas, mas ninguém poderia censurá-lo — não é verdade? — se você estivesse um quarto de hora a mais aqui e dez minutos a menos acolá. Não havia razão alguma para que você achasse que as horas eram coisa importante. Na verdade, seria muito suspeito, se você tivesse sido inteiramente exato.

— Não o fui?

— Não o foi inteiramente. Faltavam cinco minutos para as sete, quando você falou com Wilkins.

— Outros dez minutos.

— Claro. Como eu disse. E havia acabado de dar as seis horas quando você chegou ao Continental.

— Meu relógio anda sempre um pouco adiantado — disse eu. — Que horas você tem neste momento?

— Dez e oito.

— Dez e dezoito, pelo meu. Pode ver.

Ele não se deu ao trabalho de olhar.

— Então, quando você falou com Wilkins, eram vinte minutos mais tarde... pelo seu relógio. Esse é um engano considerável, não acha?

— Talvez eu tivesse reajustado mentalmente as horas. Talvez houvesse, aquele dia, acertado o meu relógio. Eu, às vezes, o faço.

— O que me interessa — disse Vigot (Será que eu poderia servir-me de um pouco de soda? Você fez este um pouco forte) —, o que me interessa é o fato de você não estar nada magoado comigo. Não é nada agradável ser interrogado, como eu o estou interrogando.

— Acho interessante, como uma história de detetive. E, afinal de contas, você sabe que não matei Pyle... como você próprio o disse.

— Sei que você não estava presente quando ele foi assassinado.

— Não sei o que você deseja provar, mostrando que eu estive dez minutos mais tarde num lugar e cinco minutos em outro.

— Isso dá um pequeno espaço — respondeu Vigot. — Um

pequeno hiato de tempo.

— Espaço para quê?

— Para que Pyle viesse vê-lo.

— Por que é que deseja tanto provar tal coisa?

— Por causa do cachorro — disse Vigot.

— E a lama em suas patas?

— Não era lama. Era cimento. Aquela noite, enquanto seguia Pyle, o cachorro pisou, em algum lugar, em cimento ainda fresco. Lembrei-me de que, no andar térreo deste prédio, havia pedreiros trabalhando. Ainda estão trabalhando. Passei por eles ao entrar. Neste país, eles trabalham durante longas horas.

— Estou pensando no grande número de casas em que há pedreiros... e cimento fresco. Nenhum deles se lembrava do cachorro?

— Interroguei, claro, todos eles. Mas, mesmo que o tivessem visto, não me teriam dito. Eu sou da polícia.

Parou de falar e recostou-se na cadeira, fitando o copo. Tive a impressão de que alguma analogia lhe passara pela mente; parecia estar a muitas milhas de distância. Uma mosca pousou-lhe sobre as costas da mão, e ele não a afugentou, como também o teria feito Domínguez. Tive a sensação de estar diante de uma força imóvel e profunda. Quanto a mim, ele bem poderia estar rezando.

Levantei-me e, atravessando as cortinas, entrei no quarto. Nada havia lá que eu quisesse fazer, salvo afastar-me, por um momento, daquele silêncio sentado na cadeira. Os livros de gravura de Phuong estavam de novo na estante. Ela havia colocado, de pé, entre os seus

cosméticos, um telegrama que chegara para mim — decerto enviado pelo meu jornal, em Londres. Não estava com disposição para abri-lo. Tudo estava como era antes da chegada de Pyle. Os aposentos não mudam; os enfeites permanecem onde a gente os coloca. Só o coração decai.

Voltei à sala de estar e Vigot levou o copo aos lábios.

— Nada tenho a dizer-lhe. Absolutamente nada.

— Então já vou indo — respondeu ele. — Não creio que torne a incomodá-lo.

Ao chegar à porta, voltou-se, como se não quisesse abandonar a esperança — a sua esperança ou a minha.

— É estranho que você tivesse ido ver aquela fita. Eu não teria imaginado que você se interessasse por filmes desse gênero. Como era o nome? Robin Hood?

— Scaramouche, penso eu. Tinha necessidade de matar o tempo. Precisava de distração.

— Distração?

— Todos nós temos as nossas preocupações, Vigot — expliquei, com cuidado.

Quando Vigot saiu, havia ainda uma hora antes que Phuong chegasse e eu tivesse a companhia de alguma criatura viva. Era estranho como me havia perturbado a visita de Vigot. Era como se um poeta me tivesse trazido o seu trabalho para criticar e eu, por algum descuido, o houvesse destruído. Eu era um homem sem vocação — pois não se pode, seriamente, considerar o jornalismo como uma vocação. Não obstante, posso reconhecer uma vocação,

quando deparo com ela em alguém. Desejaria ter a coragem de chamá-lo e dizer-lhe: “Você tem razão, Vigot. Vi Pyle na noite em que ele morreu”.

CAPÍTULO II

(1)

A caminho do Quai Mytho, passei por várias ambulâncias que se dirigiam para a Place Garnier. Quase se podia notar a marcha dos rumores nos rostos com que se deparava na rua, os quais logo se voltavam, com ar de expectativa e curiosidade, para as pessoas que, como eu, vinham do lado da praça. Ao chegar a Cholon, eu já havia ultrapassado as notícias: a vida prosseguia ativa, normal, sem interrupção. Ninguém sabia de nada.

Encontrei o armazém do Sr. Chou e subi à sua casa. Nada mudara, desde a minha última visita. O cão e o gato saltavam do chão para uma caixa de papelão e, desta, para uma mala, como um par de cavalos que, num jogo de xadrez, não chegassem a uma decisão. A criancinha arrastava-se pelo assoalho e os dois velhos estavam ainda jogando *mah jongg*. Somente as pessoas mais jovens estavam ausentes. Logo que apareci à porta, uma das mulheres começou a servir o chá. A senhora idosa, sentada na cama, olhava os pés.

— Monsieur Heng? — perguntei, recusando, com um sinal de cabeça, o chá.

Não estava com disposição para começar a tomar vá-nas xícaras daquela bebida amarga e trivial.

— *Il faut absolument que je voie Monsieur Heng.*

Parecia-me impossível transmitir-lhes a urgência do meu pedido — mas é possível que a minha recusa, abrupta, do chá, haja causado um certo desassossego. Ou talvez como Pyle, eu tivesse os sapatos manchados de sangue. Seja como for, uma das mulheres, depois de curta espera conduziu-me, escada abaixo, por duas ruas embandeiradas, onde reinava grande azáfama, deixando-me diante de um estabelecimento que seria chamado, creio eu, no país de Pyle, “um funeral *parlor* “, cheio de jarros de pedra, em que os ossos ressurretos dos mortos chineses eram eventualmente colocados.

— Monsieur Heng — disse eu, à entrada, a um chinês idoso. — Monsieur Heng.

Aquele parecia um lugar de parada apropriado, num dia que começara com os quadros eróticos do plantador e continuara com os corpos das criaturas assassinadas na praça. Alguém chamou de um aposento interior e o chinês afastou-se para o lado e deixou-me entrar.

O próprio Heng veio cordialmente ao meu encontro e fez-me passar para uma pequena saleta, cercada de inconfortáveis cadeiras negras, de madeira lavrada, como as que a gente encontra em toda ante-sala chinesa. Cadeiras que não são usadas, pouco convidativas. Mas tive a impressão de que, aquela vez, as cadeiras tinham sido usadas, pois que havia, sobre a mesa, cinco pequenas xícaras — e duas delas não estavam vazias.

— Interrompi a reunião — disse eu.

— Apenas uma reunião de negócios, sem importância — respondeu o Sr. Heng, evasivamente. — Tenho sempre muito prazer em vê-lo, Mr. Fowler.

- Venho da Place Garnier.
- Imaginei que fosse isso.
- O senhor ouviu...
- Alguém me telefonou. Julguei melhor permanecer algum tempo longe do Sr. Chou. A polícia estará hoje muito ativa.
- Mas o senhor nada teve que ver com o que aconteceu.
- Mas a polícia tem sempre de encontrar um culpado.
- Foi Pyle, de novo — disse eu.
- Exatamente.
- Foi uma coisa terrível!
- O General Thé não é um tipo muito controlado.
- E a matéria plástica não foi feita para rapazinhos de Boston. Quem é o chefe de Pyle, Heng?
- Tenho a impressão de que Mr. Pyle trabalha por conta própria.
- O que é que ele é? O. S. S.?
- As iniciais não são muito importantes.
- Que é que podemos fazer, Heng? É preciso que o impeçamos de agir.
- O senhor pode publicar a verdade. Ou será que não pode?
- Meu jornal não está interessado no General Thé. Está apenas interessado em seu povo, Heng.
- O senhor quer realmente impedir que Mr. Pyle aja, Mr. Fowler?

— Queria que o visse, Heng. Ficou parado no meio da praça e disse que tudo não passava de um equívoco — que deveria haver uma parada. Disse que precisava mandar limpar os sapatos antes de ir ver o Ministro.

— O senhor, claro, podia dizer à polícia o que sabe.

— Eles também não estão interessados no General Thé. E acha que eles ousariam pôr a mão num americano? Ele tem privilégios diplomáticos. Formou-se por Harvard. O Ministro gosta muito de Pyle. Heng, havia lá uma mulher cujo filho... uma mulher que ocultava o filho debaixo do chapéu de palha. Não consigo tirar isso da cabeça. E havia uma outra criança em Phat Diem.

— Deve procurar acalmar-se, Mr. Fowler.

— Que fará ele a seguir, Heng? Quantas bombas e crianças mortas a gente pode tirar de um tambor de Diolacton?

— O senhor estaria disposto a ajudar-nos, Mr. Fowler?

— Ele chega aqui a cometer tolices e as pessoas têm de morrer devido aos seus erros. Gostaria que a sua gente o tivesse apanhado no rio, quando ele saiu de Nam Dinh. Isso faria muita diferença para uma porção de vidas.

— Concordo com o senhor, Mr. Fowler. Ele precisa ser impedido de agir. Tenho uma sugestão a fazer.

Alguém tossiu delicadamente atrás da porta — e depois cuspiu ruidosamente.

— O senhor o convidaria para jantar, esta noite, no Vieux Moulin. Entre oito e meia e nove e meia.

— De que serviria...

— Nós conversaríamos com ele no caminho — disse Heng.

— Pode ser que ele já tenha outro encontro.

— Talvez fosse melhor que o senhor lhe pedisse para passar em sua casa... às seis e meia. Então, ele estará livre e, com certeza, irá. Se ele puder jantar em sua companhia, aproxime-se da janela com um livro na mão, como se estivesse procurando melhor claridade.

— Por que o Vieux Moulin?

— Por estar ao lado da ponte de Dakow... Acho que poderemos encontrar um lugar e conversar sem ser interrompidos.

— Que é que farão?

— O senhor não deseja saber tal coisa, Mr. Fowler. Mas prometo-lhe que agiremos tão delicadamente quanto a situação o permita.

Os amigos invisíveis de Heng moviam-se como ratos atrás da parede.

— O senhor nos fará isso, Mr. Fowler?

— Não sei — respondi. — Não sei.

— Mais cedo ou mais tarde — disse Heng, e eu me lembrei das palavras do Capitão Trouin na casa de ópio — a gente tem de tomar partido. Se se quiser permanecer humano.

(2)

Deixei um bilhete na Legação, pedindo a Pyle para que fosse ver-me;

depois, subi a rua rumo ao Continental, para tomar um drinque. Os destroços já haviam sido removidos; os bombeiros haviam lavado a praça por meio de mangueiras. Eu não tinha idéia sobre qual a razão por que a hora e o lugar seriam importantes. Pensei mesmo em ficar ali sentado, sem comparecer ao encontro. Depois, pensei que talvez pudesse assustar Pyle, advertindo-o do perigo — fosse qual fosse tal perigo —, fazendo com que ele se mantivesse inativo — e, assim, depois de terminar minha cerveja, segui para casa. Quando lá cheguei, comecei a esperar que Pyle não viesse. Procurei ler, mas não havia nada nas estantes que me prendesse a atenção. Talvez eu devesse fumar, mas não havia ninguém para me preparar os cachimbos. Mesmo sem o querer, fiquei atento ao rumor de passos e, finalmente, estes chegaram. Alguém bateu. Abri a porta, mas era apenas Domínguez.

— Que é que você deseja, Domínguez? Olhou-me com ar de surpresa.

— Deseja? (Consultou o relógio.) Esta é a hora em que venho sempre. Recebeu algum telegrama?

— Desculpe-me, mas tinha esquecido. Não recebi.

— Mas... e a notícia da bomba? Não vai enviar nada?

— Oh, veja isso para mim, Domínguez. Não sei o que se passa comigo, mas, tendo estado no lugar da explosão, talvez eu tenha ficado um pouco chocado. Não consigo pensar no ocorrido em termos de telegrama.

Afastei um mosquito que me zumbia junto ao ouvido e vi Domínguez contrair instintivamente o rosto, ante o meu gesto brusco.

— Não foi nada, Domínguez; não acertei nele.

Ele sorriu, miseravelmente. Não podia justificar sua própria relutância em tirar a vida: afinal de contas, era um cristão — um dos que aprenderam com Nero a maneira de transformar em velas os corpos humanos.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa? — perguntou-me.

Ele não bebia, não comia carne, não matava: eu invejava-lhe a delicadeza de espírito.

— Não, Domínguez. Apenas deixe-me só esta noite.

Observei-o da janela, ao atravessar a Rua Catinat. Um condutor de *trishaw* parou do outro lado da rua; Domínguez procurou alugar o veículo, mas o homem abanou negativamente a cabeça. Estava, provavelmente, à espera de algum freguês, em alguma das lojas, pois aquele não era um lugar de estacionamento de *trishaws*. Ao consultar o relógio, pareceu-me estranho verificar que eu estava à espera havia apenas pouco mais de dez minutos — e, quando Pyle bateu à porta, não tive tempo sequer, essa vez, de ouvir-lhe os passos.

— Entre.

Mas, como sempre, foi o cão que entrou primeiro.

— Fiquei contente de receber seu bilhete, Thomas. Esta manhã, julguei que você tivesse ficado furioso comigo.

— Talvez tivesse. Não foi um espetáculo bonito de ver-se.

— Você, agora, já sabe tanto, que não fará mal contar-lhe um pouco mais. Estive com Thé esta tarde.

— Esteve com ele? Em Saigon? Suponho que ele veio ver de que

maneira suas bombas funcionaram.

— Digo-lhe isto em confiança, Thomas. Tratei-o com bastante severidade.

Falou como um capitão de um time escolar, ao verificar que um de seus rapazes interrompera o treino. De qualquer modo, perguntei-lhe, com certa esperança:

— Você o largou de vez?

— Disse-lhe que, se fizesse uma outra demonstração sem controle, nada mais queríamos com ele.

— Mas você já não o pôs de lado, Pyle?

Empurrei impacientemente o cachorro, que me cheirava os tornozelos.

— Não posso. (Sente-se, Duke!) Afinal de contas, ele constitui a nossa única esperança. Se subisse ao poder com a nossa ajuda, poderíamos confiar nele...

— Quantas pessoas ainda terão de morrer antes que você perceba?...

Mas eu sabia que aquela era uma discussão inútil.

— Perceba o que, Thomas?

— Que não existe, em política, nada que se pareça com gratidão.

— Pelo menos, eles não nos odiarão como odeiam os franceses.

— Você tem certeza disso? Às vezes, temos uma certa espécie de amor pelos nossos inimigos; outras vezes, odiamos os nossos amigos.

— Você fala como um europeu, Thomas. Esta gente não é

complicada.

— Foi isso o que você aprendeu em alguns meses? Logo, estará dizendo que eles são infantis.

— Bem... de certo modo o são.

— Descubra-me uma criança que seja complicada, Pyle. Quando somos jovens, somos um emaranhado de complicações. Simplificamos quando nos tornamos mais velhos.

Mas, de que valia falar com ele? Havia uma certa irrealidade em nossos argumentos. Eu estava me transformando, antes do tempo, em autor de artigos de fundo. Levantei-me e aproximei-me da estante.

— Que é que você está procurando, Thomas?

— Oh, apenas um trecho de que eu gostava. Poderia jantar comigo, Pyle?

— Com muito prazer, Thomas. Estou contente de saber que você já não está furioso. Sei que você não está de acordo comigo, mas podemos discordar — não acha? — e ser amigos.

— Não sei. Não creio que possamos.

— Afinal de contas, Phuong era mais importante do que tudo isto.

— Você realmente acredita nisso, Pyle?

— Ora, essa! Para mim, ela é a coisa mais importante que existe. E para você também, Thomas.

— Para mim, já não é mais.

— Foi um choque terrível o de hoje, Thomas; mas, dentro de

uma semana, já o teremos esquecido. Estamos cuidando dos parentes das vítimas, também.

— Estamos?

— Telegrafei para Washington. Teremos permissão para usar uma parte de nossos fundos.

— No Vieux Moulin? — interrompi-o. — Entre nove e nove e meia.

— Onde você preferir, Thomas.

Aproximei-me da janela. O sol mergulhava abaixo dos telhados. O condutor de *trishaw* ainda aguardava o seu freguês. Olhei-o e ele ergueu o rosto para mim.

— Está esperando alguém, Thomas?

— Não. Estava apenas procurando um trecho de um poema.

Para ocultar o meu gesto, voltei o livro para a última claridade do dia:

*Dirijo meu carro pela rua, sem me importar
com coisa alguma.*

As pessoas me fitam e perguntam quem sou.

E, se acaso atropelar um plebeu,

Posso pagar os danos, se a coisa for séria.

Oh, como é agradável ter-se dinheiro!

Como é agradável ter-se dinheiro!

— Que poesia esquisita! — comentou Pyle, em tom de desaprovação.

— Trata-se de um poeta adulto do século dezenove. Já não restam muitos deles.

Olhei de novo para a rua. O *trishaw* tinha ido embora.

— Acabou a sua bebida? — perguntou Pyle.

— Não. Mas julguei que você não...

— Talvez eu esteja começando a amadurecer. Devido à sua influência. Acho que você tem sido bom para comigo, Thomas.

Apanhei a garrafa e os copos, sendo que, na primeira vez, esqueci um deles — e tive de voltar, ainda, para apanhar a água. Tudo o que eu fazia, aquela noite, demorava muito tempo.

— Tenho uma família maravilhosa, mas talvez seja um tanto severa em seus princípios — disse ele. — Possuímos uma daquelas velhas casas em Chestnut Street, quando se sobe a colina, do lado direito. Minha mãe coleciona cristais, e meu pai, quando não está tratando da erosão de seus velhos penhascos, reúne todos os manuscritos e coisas relacionadas com Darwin, que lhe caem nas mãos. Como você vê, eles vivem no passado. Talvez seja por isso que York me causou tal impressão. Ele parecia, de certo modo, voltado para as condições atuais do mundo. Meu pai é isolacionista.

— Talvez eu gostasse de seu pai — respondi. — Eu também sou isolacionista.

Para um homem quieto, Pyle, aquela noite, estava por demais expansivo. Não ouvi tudo o que ele disse, pois meu espírito estava voltado para outro lugar. Procurei persuadir-me de que o Sr. Heng tinha outros meios à sua disposição, além do meio grosseiro e óbvio. Mas eu sabia que, numa guerra como aquela, não havia tempo para

hesitação. Usava-se a arma que se tinha à mão: os franceses, a bomba de *napalm*; o Sr. Heng, a bala ou a faca. Confessei a mim mesmo, aquela noite, que eu não servia para juiz: deixaria que Pyle falasse durante algum tempo e, depois, o avisaria. Ele poderia passar a noite em minha casa. Dificilmente eles invadiriam meu apartamento. Creio que ele estava falando de sua velha ama:

— Ela, realmente, significava mais, para mim, do que minha mãe. E que tortas de vacínio costumava fazer!

Interrompi-o:

— Você, agora, usa arma... desde aquela noite?

— Não. Temos ordem, na Legação...

— Mas você não está em missão especial?

— Nada adiantaria: eles, se quisessem, sempre poderiam apanhar-me. Por outro lado, enxergo, no escuro, como um mocho. No colégio, chamavam-me de morcego, porque eu podia enxergar no escuro. Certa vez, em que estávamos brincando no...

E lá prosseguiu ele, de novo.

Voltei à janela. Um condutor de *trishaw* estava à espera, do outro lado da rua. Eu não tinha certeza, pois eles se parecem muito uns com os outros, mas pareceu-me que aquele era outro. Talvez tivesse, realmente, um freguês. Pensei que Pyle estaria mais seguro na Legação. Eles já deviam ter feito seus planos para mais tarde: algo que se relacionava com a ponte de Dakow. Não me era possível compreender por que havia sido escolhido aquele lugar, nem como iriam eles agir, pois Pyle não seria tão tolo a ponto de passar por Dakow depois do anoitecer — e o nosso lado da ponte estava sempre

guardado por policiais armados.

— Só eu que estou falando — disse Pyle. — Não sei por que, mas, de certo modo, esta noite...

— Continue a falar — respondi. — Acontece, apenas, que hoje estou meio calado. Talvez fosse melhor cancelar o nosso jantar.

— Não, não faça isso. Senti-me afastado de você desde... bem...

— Desde que me salvou a vida — acrescentei, sem poder disfarçar a amargura do sofrimento que eu próprio me infligia.

— Não, não quis dizer tal. De qualquer modo, como falamos aquela noite, não é verdade? Como se aquela devesse ser a última noite que passávamos juntos. Aprendi muita coisa a seu respeito, Thomas. Não concordo com você, mas, quanto ao que se refere à sua pessoa, talvez seja acertado... não se envolver. Mesmo depois que lhe arrebetaram a perna, você permaneceu neutro.

— Há sempre um ponto em que a gente muda — comentei. — Certo momento de emoção...

— Você ainda não chegou a tal ponto. Duvido que chegue. Quanto a mim, também não é provável que mude, salvo quando morrer — acrescentou alegremente.

— Nem mesmo com o que aconteceu esta manhã? Acaso aquilo não poderia fazer com que um homem mudasse de opinião?

— Foram apenas vítimas da guerra — disse ele. — Foi uma pena, mas nem sempre a gente acerta o alvo. De qualquer modo, morreram numa causa justa.

— Diria você o mesmo, se se tratasse da sua velha ama com a sua torta de vacínio?

Ele ignorou aquele meu ponto fácil.

— Poder-se-ia dizer que, de certo modo, morreram pela democracia — disse ele.

— Eu não saberia traduzir isso em vietnamita.

Senti-me, de repente, muito cansado. Queria que ele fosse embora logo e morresse. Então eu poderia recomeçar a vida — no ponto em que ele chegou.

— Você jamais me levará a sério... não é verdade, Thomas? — queixou-se, com aquela alegria que ele parecia ter ocultado sob a manga justamente para aquela noite. — Ouça aqui, Phuong está no cinema. Que tal se passássemos a noite toda juntos? Não tenho nada para fazer.

Era como se alguém, de fora, o levasse a escolher suas palavras, a fim de me roubar qualquer desculpa possível.

— Por que não vamos ao Chalet? — prosseguiu. — Não apareci lá desde aquela noite. A comida é tão boa como a do Vieux Moulin — e há música.

— Preferiria não recordar aquela noite — respondi.

— Desculpe-me. Sou, às vezes, um perfeito idiota. Que tal um jantar chinês em Cholon?

— Para se ter um bom jantar, é preciso encomendá-lo com antecedência. Você está com medo do Vieux Moulin, Pyle? Está bem protegido contra granada de mão e há sempre policiais na ponte. Você não seria tão tolo — seria? — a ponto de se dirigir a Dakow.

— Não era isso. Pensei apenas que seria bom aproveitarmos bem esta noite.

Fez um movimento e derrubou o copo, que se espatifou no chão.

— Boa sorte! — exclamou, mecanicamente. — Desculpe-me, Thomas.

Comecei a apanhar os pedaços de vidro e a colocá-los no cinzeiro.

— Então, que tal, Thomas? — (O vidro partido lembrou-me as garrafas do Pavillon, com os seus conteúdos a escorrer.) — Avisei Phuong de que talvez saísse com você.

Como fora mal escolhida a palavra “avisar”! Recolhi os últimos cacos de vidro.

— Tenho um encontro no Majestic — respondi — e não posso estar livre antes das nove.

— Bem. Creio que terei, então, de voltar para o escritório. Só que receio que eles me retenham lá.

Não havia mal em dar-lhe uma oportunidade.

— Não se incomode de chegar tarde — respondi. — Se eles segurarem você lá, venha cá mais tarde. Estarei de volta às dez, se não houver tempo de você ir jantar. Ficarei à sua espera.

— Eu avisarei...

— Não se incomode. Vá apenas ao Vieux Moulin... ou venha encontrar-me aqui.

Entreguei a decisão a alguém em quem eu não acreditava: pode intervir, se quiser. Um telegrama sobre a mesa de Pyle; um recado do Ministro. Você não pode existir a menos que disponha de poder para modificar o futuro.

— Peço-lhe, agora, que se vá, Pyle. Tenho umas coisas para fazer.

Senti uma estranha exaustão, ao ouvir os passos que se afastavam, seguidos pelo ruído das patas do cachorro.

(3)

Quando saí, não havia condutores de *trishaws* por perto; só os encontrei na Rua d'Ormay. Segui, a pé, até o Majestic e fiquei, por um momento, a observar o descarre-gamento dos bombardeiros americanos. O sol já se tinha posto e os homens trabalhavam à luz de lâmpadas elétricas. Eu não tinha idéia de arranjar um álibi, mas havia dito a Pyle que ia ao Majestic — e, instintivamente, desagradava-me dizer mais mentiras do que as necessárias.

— Boa noite, Fowler.

Era Wilkins.

— Boa noite.

— Como vai a perna?

— Não me incomoda, agora.

— Transmitiu uma boa história?

— Deixei isso a cargo de Domínguez.

— Oh, soube que você esteve lá.

— Sim, estive. Mas há falta de espaço, hoje em dia. Eles não quererão muita coisa.

— O prato, hoje, já perdeu o sabor, não acha? — disse Wilkins. — Devíamos ter vivido no tempo de Russell e do velho Times. Despachos por meio de balões. Tinha-se tempo de fantasiar um pouco a coisa. Teríamos podido até escrever uma coluna com isso. O hotel de luxo, os bombeiros, o cair da noite. Hoje em dia, a tantas piastras por palavra, a noite jamais cai.

Vinda do alto, de longe, ouviu-se uma gargalhada: alguém quebrara um copo, como Pyle. O som caiu sobre nós como partículas de gelo.

— “As lâmpadas brilham sobre formosas mulheres e homens corajosos” — citou, maldosamente, Wilkins. — Tem alguma coisa a fazer esta noite, Fowler? Que tal um jantar?

— Já tenho um jantar, por assim dizer. No Vieux Moulin.

— Faço votos para que se divirta. Granger estará lá. Eles deviam anunciar as noites especiais de Granger. Para os que gostam de lugares barulhentos.

Despedi-me dele e entrei no cinema ao lado: Errol Flynn, ou talvez fosse Tyronne Power (não consigo distingui-los, quando usam roupas justas), dependurava-se em cordas, saltava de balcões e cavalgava em animais em pêlo, em alvoradas de tecnicolor. Salvou uma jovem, matou o seu inimigo e passou a viver uma vida encantadora. Era o que eles chamavam um filme para rapazes, mas a vista de Édipo, surgindo de seu palácio, em Tebas, com os olhos a sangrar, proporcionaria, sem dúvida, um melhor adestramento para a vida de hoje. Vida alguma é encantadora. A sorte estivera ao lado de Pyle em Phat Diem e na estrada de Tanyin, mas a sorte não dura — e eles dispunham de duas horas para ver que nenhum encanto dá

certo.

Um soldado francês achava-se sentado, ao meu lado, com a mão no colo de uma garota, e eu invejei aquela felicidade simples — ou a sua infelicidade, qualquer que ela pudesse ser. Saí antes de o filme terminar e tomei um *tris-haw* para o Vieux Moulin.

O restaurante era protegido, por meio de telas de arame, contra granadas de mão, e dois policiais armados montavam guarda na extremidade da ponte. O proprietário, que engordara à custa de sua própria e substancial cozinha borgonhesa, deixou-me passar através dos fios de arame. O ambiente, no abafado calor da noite, cheirava a capões e manteiga derretida.

— O senhor vai participar da reunião de Monsieur Granjair? — perguntou-me.

— Não.

— Mesa para um?

Foi então que, pela primeira vez, pensei no futuro e nas perguntas que teria de responder.

— Para um — respondi.

E foi como se eu houvesse dito, em voz alta, que Pyle estava morto.

Havia apenas um salão, e os convivas de Granger ocupavam uma grande mesa ao fundo. O proprietário deu-me uma pequena — a mais próxima da rede de proteção. Não havia vidraças, por receio de estilhaços de vidro. Reconheci algumas das pessoas que se achavam em companhia de Granger — e cumprimentei-as de longe, antes de sentar. O próprio Granger voltou a cabeça. Fazia meses que

eu não o via — e vira-o uma única vez, desde a noite em que Pyle se apaixonara por Phuong. Talvez alguma coisa que eu houvesse dito aquela noite tivesse penetrado a névoa alcoólica, pois ficou carrancudo à cabeceira da mesa, enquanto Mme. Deprez, esposa de um funcionário encarregado de relações públicas, e o Capitão Duparc, do Serviço de Imprensa, me cumprimentavam com um aceno de cabeça. Havia também um homenzarrão, que me pareceu ser o dono de um hotel de Phnom Penh, e uma jovem francesa que eu nunca vira antes, além de dois ou três outros rostos, que eu apenas observara em bares. Pela primeira vez, parecia tratar-se de uma reunião tranqüila.

Pedi um pastis, pois desejava dar tempo para que Pyle chegasse: os planos, às vezes, fracassam e, enquanto eu não começasse a jantar, era como se tivesse ainda tempo de alimentar alguma esperança. Mas, esperança de quê? De que o O. S. S. — ou qualquer outro nome que o grupo tivesse — fosse bem sucedido? Ou de que as bombas plásticas e o General Thé tivessem êxito? Ou seria que eu — justamente eu — esperasse alguma espécie de milagre: um método de discussão, arranjado por Heng, que não fosse simplesmente a morte? Quão mais fácil não teria sido tudo, se ambos tivéssemos sido mortos na estrada de Tanyin! Permaneci vinte minutos sentado diante do meu pastis, antes de pedir o jantar. Logo seriam nove e meia: ele, agora, já não viria.

Contra a minha vontade, fiquei à escuta. À escuta de quê? De um grito? De um tiro? De algum movimento de policiais lá fora? Mas, de qualquer modo, eu, provavelmente, nada ouviria, pois a reunião de Granger estava-se animando. O *hôtelier*, que tinha voz agradável, embora não educada, começou a cantar e, quando a rolha

de um novo champanha estourou, os outros se uniram a ele, com exceção de Granger. Estava lá sentado, com os olhos a brilhar fixamente em minha direção. Pensei se não haveria uma briga; eu não poderia com ele.

Cantavam uma canção sentimental, e eu, desculpando-me pela minha falta de apetite diante de um *Chapon duc Charles*, pensei, pela primeira vez desde que sabia que ela estava a salvo, em Phuong. Lembrei-me de que Pyle, sentado no chão à espera dos guerrilheiros, dissera: “Ela parece uma flor fresca” — e de que eu respondera, com petulância: “Pobre flor!” Agora, ela jamais veria a Nova Inglaterra ou aprenderia os segredos da canastra. Talvez não conhecesse jamais a segurança. Que direito tinha eu de considerá-la menos importante do que os cadáveres da praça? O sofrimento não aumenta com o número: um corpo pode conter todo o sofrimento que o mundo possa experimentar. Eu raciocinara, como jornalista, em termos de quantidade — e traíra os meus próprios princípios. Tornara-me um *engagé* como Pyle, e parecia-me que nenhuma decisão me seria de novo fácil. Consultei o relógio: quase um quarto para as dez. Talvez, afinal de contas, ele tivesse ficado retido; talvez aquele “alguém” em que ele acreditava tivesse agido em seu favor, e ele estivesse, naquele momento, em seu escritório na Legação, irritado com um telegrama que precisava decifrar — e que logo estaria subindo as escadas de meu apartamento, na Rua Catinat. “Se ele o fizer, dir-lhe-ei tudo”, pensei.

Granger, subitamente, levantou-se de sua mesa e caminhou em minha direção. Não viu sequer a cadeira que estava no caminho; tropeçou e apoiou-se à beira da mesa.

— Fowler, vamos até lá fora — disse-me ele.

Deixei dinheiro suficiente sobre a mesa e acompanhei-o. Não tinha desejo algum de empenhar-me em luta com ele, mas, naquele momento, não teria me incomodado se ele me desse uma sova a ponto de deixar-me inconsciente. Dispomos de tão poucas maneiras de mitigar o nosso sentimento de culpa!

Debruçou-se sobre o parapeito da ponte, enquanto dois policiais o observavam de longe.

— Preciso falar com você, Fowler.

Aproximei-me e esperei. Ele não se moveu. Dir-se-ia uma estátua que simbolizasse tudo o que eu detestava da América: uma coisa tão mal designada e sem sentido como a estátua da Liberdade.

— Você pensa que eu estou embriagado — disse-me ele. — Mas está enganado.

— Que é que há, Granger?

— Precisava falar com você, Fowler. Não quero, esta noite, ficar sentado com aqueles franceses. Não gosto de você, Fowler, mas você fala inglês. Uma espécie de inglês.

Inclinou-se sobre o parapeito, volumoso e disforme à meia-luz, como um continente inexplorado.

— Que é que você deseja, Granger?

— Não gosto de ingleses. Não sei por que razão Pyle o suporta. Talvez por ser de Boston. Eu sou de Pitsburgo, e tenho muita honra disso.

— Por que não?

— Aí está você de novo! — disse ele, procurando zombar do meu sotaque. — Vocês todos falam de maneira afetada. Sentem-se

superiores! Sabem tudo!

— Boa noite, Granger. Tenho um encontro.

— Não se vá, Fowler. Você não tem coração? Não posso falar com aquela gente.

— Você está embriagado.

— Tomei apenas duas taças de champanha. E, acaso, você não estaria embriagado, se estivesse em meu lugar? Tenho de seguir para o norte.

— E que mal há nisso?

— Oh, ainda não lhe contei!... Continuo a pensar que toda a gente já sabe. Recebi, esta manhã, um telegrama de minha mulher.

— Sim?

— Meu filho está com poliomielite. Está mal.

— Lamento muito.

— Não precisa lamentar. Não é seu filho.

— Você não pode voltar de avião?

— Não posso. Eles querem uma maldita história sobre umas malditas operações de limpeza perto de Hanói, e Connolly está doente.

(Connolly era seu assistente.)

— Sinto muito, Granger. Gostaria de poder ajudar.

— Hoje é dia de seu aniversário. Faz oito anos. Foi por isso que, antes de receber a notícia, promovi uma reunião com champanha. Eu precisava dizer a alguém, Fowler, e não posso dizer a esses franceses.

— Hoje em dia, eles conseguem fazer muita coisa no tratamento da poliomielite.

— Não me importo que ele fique aleijado, Fowler. Contanto que viva. Eu de nada valeria, aleijado, mas ele tem cérebro. Sabe o que eu estava fazendo, enquanto aqueles patifes cantavam? Estava rezando. Pensei que, se Deus quisesse uma vida, podia levar a minha.

— Você crê em Deus, então?

— Gostaria de crer — respondeu Granger, passando a mão inteira pelo rosto, como se lhe doesse a cabeça.

Mas aquele gesto era apenas para disfarçar o fato de que estava enxugando as lágrimas.

— Se eu estivesse em seu lugar, tomaria uma bebedeira.

— Oh, não! Preciso permanecer lúcido. Não quero pensar, mais tarde, que eu estava completamente bêbado na noite em que meu filho morreu. Minha mulher não pode beber, pode?

— Você não poderia dizer ao seu jornal?...

— Na verdade, Connolly não está doente. Anda lá metido com as mulheres, em Singapura. Tenho de fazer o trabalho dele. Ele seria posto na rua, se soubessem.

Aprumou o corpo disforme.

— Desculpe-me por retê-lo aqui, Fowler. Mas eu precisava contar a alguém. Agora, preciso entrar e iniciar os brindes. Curioso ter sido você — você que me odeia tanto.

— Eu poderia fazer o seu trabalho. Você poderia dizer que tinha sido Connolly.

— Você não apanharia direito o acento.

— Você não me desagrada, Granger. Tenho sido cego diante de uma porção de coisas...

— Oh, você e eu somos como cão e gato. Mas, obrigado, pela simpatia.

Seria eu tão diferente de Pyle? — pensei. Precisaria também, para ver o sofrimento, meter o pé na sujeira da vida? Granger entrou e pude ouvir as vozes que se erguiam, para saudá-lo. Encontrei um *trishaw* e segui para casa. Não havia ninguém lá; sentei-me e esperei até meia-noite. Depois, desci para a rua, sem esperança, e encontrei Phuong.

CAPÍTULO III

— Monsieur Vigot veio vê-lo? — perguntou Phuong.

— Veio. Saiu há quinze minutos. Foi bom o filme?

Ela já havia colocado a bandeja no quarto e, agora, estava acendendo o fogo.

— Foi um filme muito triste, mas as cores eram encantadoras. Que é que Monsieur Vigot queria?

— Várias coisas. Mas não creio que me importune novamente.

— Gosto mais de fitas que acabam bem — disse Phuong. — Você já está pronto para fumar?

— Estou.

Deitei-me na cama e Phuong pôs-se a manejar a agulha.

— Cortaram a cabeça da moça — informou ela.

— Que coisa esquisita.

— Foi durante a Revolução Francesa.

— Oh, filme histórico! Compreendo.

— Mas, de qualquer modo, foi muito triste.

— Não consigo preocupar-me com os personagens históricos.

— E o amante dela?... Voltou para o seu sótão... e sentia-se infeliz e escreveu uma canção... Era um poeta e logo todo o povo, que tinha cortado a cabeça da sua namorada, estava cantando a sua canção. Era a Marselhesa.

— Isso não parece muito histórico — comentei.

— Enquanto cantavam, ele estava lá no meio da multidão. Parecia muito triste e, quando sorria, a gente sabia que ele estava ainda mais triste do que quando estava pensando nela. Chorei bastante. Minha irmã também.

— Sua irmã? Não acredito.

— Ela é muito sensível. Aquele homem horroroso, Granger, estava lá. Estava embriagado e ria o tempo todo. Mas não havia nada de engraçado. Era triste.

— Não o censuro. Ele tinha algo para comemorar. O filho dele está fora de perigo. Soube-o hoje no Continental. Eu também gosto das histórias que acabam bem.

Depois de fumar dois cachimbos, recostei a cabeça na almofada de couro e coloquei a mão no colo de Phuong.

— Você é feliz?

— Claro — respondeu ela, despreocupadamente.

Eu não merecia uma resposta mais atenciosa.

— É como costumava ser — menti — há um ano.

— É.

— Faz tempo que você não compra uma echarpe. Por que não vai fazer compras amanhã?

— Amanhã é feriado.

— Oh, claro. Tinha esquecido.

— Você não abriu seu telegrama? — perguntou ela.

— Não. Esqueci também. Não quero pensar em trabalho esta

noite. E, de qualquer modo, já é muito tarde para enviar qualquer notícia. Fale-me mais a respeito do filme.

— Bem. O namorado dela procurou libertá-la da prisão. Ela vestiu roupas de menino e um gorro como o que o carcereiro usava, mas, no momento em que ela passava pelo portão, a cabeleira dela caiu, e os guardas gritaram: “*Une aristocrate, une aristocrate!*” Penso que isso foi um erro da história. Deviam tê-la deixado fugir. Eles teriam ganho, então, uma porção de dinheiro com a canção que ele escreveu, e poderiam ter ido para a América... ou para a Inglaterra — acrescentou ela, de uma maneira que a si pareceu esperta.

— É melhor que eu leia o telegrama — disse eu. — Deus queira que eu não precise seguir para o norte amanhã. Quero ficar aqui tranqüilo, em sua companhia.

Ela apanhou o envelope, dentre os potes de creme, e deu-mo. Abri-o e li: “Refleti mais acerca sua carta. Ponto. Estou agindo desarrazoadamente como você esperava. Ponto. Disse meu advogado começasse ação divórcio baseado abandono. Ponto. Deus o abençoe. Ponto. Afetuosamente Helen.”

— Você tem de ir?

— Não — respondi. — Não tenho de ir. Leia. É o seu final feliz.

Ela saltou da cama.

— Mas é maravilhoso! Preciso ir contar à minha irmã. Ela ficará muito contente. Direi a ela: “Você sabe quem sou? Sou a segunda Sra. Foulaire”.

À minha frente, na estante, *O Papel do Ocidente* sobressaía

como um porta-retrato de mesa: eu via um jovem de cabelo cortado rente, seguido de um cão negro.

— Você sente muita falta dele? — perguntei a Phuong.

— De quem?

— Pyle.

Era estranho que mesmo então — mesmo dirigindo-me a ela — não me fosse possível empregar o seu primeiro nome.

— Por favor, posso ir? Minha irmã ficará tão contente!

— Você disse o nome dele uma vez, dormindo.

— Nunca me lembro de meus sonhos.

— Vocês poderiam ter feito muita coisa juntos. Ele era jovem.

— Você não é velho.

— Os arranha-céus. O Empire State Building.

— Desejo ver Cheddar Gorge — disse ela, após breve hesitação.

— Não é o mesmo que o Grand Canyon — disse eu, puxando-a para a cama. — Desculpe-me, Phuong.

— Por que é que você pede desculpas? É um telegrama maravilhoso. Minha irmã...

— Sim, vá dizer à sua irmã. Mas beije-me primeiro.

Sua boca excitada roçou-me pelo rosto — e lá se foi ela.

Lembrei-me do primeiro dia e de Pyle, sentado ao meu lado no Continental, com os olhos postos na *soda-fountain* do outro lado da rua. Tudo me havia corrido bem desde sua morte, mas como eu desejava que existisse uma pessoa a quem eu pudesse pedir

desculpas!

Março, 1952 —Junho, 1955

Sobre o Autor



Graham Greene (1904-1991) é uma das grandes figuras da literatura inglesa do século XX. Iniciou a sua carreira como jornalista, colaborou longamente com o jornal *The Times*, tendo sido correspondente na Libéria, México, Malásia, Indochina, Cuba e Haiti. Foi essa longa experiência de testemunha das violências da história que deu a matéria-prima que usou em muitos dos seus romances.

Convertido ao catolicismo em 1926, foi por vezes comparado a François Mauriac, ainda que o seu extraordinário sentido dos ambientes, da cor, da realidade material dos lugares distingam a sua obra do carácter um pouco fechado dos romances deste último.

Entre a sua vasta bibliografia, destacam-se os romances *O Poder e a Glória* (1940), *O Coração da Matéria* (1948), *Fim de Caso* (1951), *O Americano Tranquilo* (1955), *Nosso Homem em Havana*

(1958), *O Consul Honorário* (1953), e *O Fator Humano* (1978).

[1] Sei. Vi você sozinho na janela. (N.do E.)

[2] Você está perturbado (N. do E.)

[3] "Amar à vontade, / Amar e morrer / Na terra que se assemelha a ti." (N. do E.)

[4] Graças a Deus. (N. do E.)